

23

JULHO 2006

AMS

CADERNOS MARISTAS

INFORMAÇÃO

- Centenário da supressão e exílio das Congregações da França
- Sobre Padre Querbes e os Clérigos de Saint-Viateur

ESTUDOS

- **As circulares: testemunhos da tradição espiritual marista**
Ir. André LANFREY
- **Família Marista (no sentido literal)**
P. Alois GREILER, sm
- **Uma sociedade-mãe da Sociedade de Maria? Os "Amigos do cordão" no seminário Santo Irineu**
Ir. André LANFREY

DOCUMENT

- **O inspetor Guillard. Quando a universidade apoiava as congregações**
Ir. André LANFREY

Instituto dos Irmãos Maristas

FMS CADERNOS MARISTAS
N.º 23 – Ano XVIII – Julho de 2006

Chefe de redação:
Comissão de Patrimônio

Diretor técnico:
Ir. AM Estaún

Colaboradores neste número:
Irs. André Lanfrey, Alois Greiler,
Frederick Mc Mahon

Tradutores:
Português: Claudio Girardi,
Manoel Soares

Diagramação e Fotolitos:
TIPOCROM Srl - Guidonia (Roma)

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel. (39) 06 54 51 71
Fax (39) 06 54 517 217
E-mail : publica@fms.it
Web site: www. champagnat.org

Edita:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalícia – Roma

Impressão:
CSC GRAFICA Srl – Guidonia (Roma)

SUMÁRIO

INFORMAÇÃO

- **Centenário da supressão e exílio das Congregações da França** 3
- **Sobre Padre Querbes e os Clérigos de Saint-Viateur** 7

ESTUDOS

- **As circulares: testemunhos da tradição espiritual marista** 11
Ir. André LANFREY
- **Família marista (no sentido literal)** 39
P. Alois GREILER, sm
- **Uma sociedade-mãe da Sociedade de Maria? Os “Amigos do cordão” no seminário Santo Irineu** 55
Ir. André LANFREY

DOCUMENTO

- **O inspetor Guillard. Quando a universidade apoiava as congregações** 93
Ir. André LANFREY

Centenário da supressão e de exílio das Congregações da França

Ir. André LANFREY, fms

Em 2001 foi celebrado na França o centenário da lei de 1º de julho de 1901, que autorizava todas as associações, exceto as congregações religiosas cuja existência legal deveria ser sancionada por lei. Sabe-se que as centenas de congregações ensinantes e ministeriais que pediram a autorização a viram brutalmente recusada em 1903. Quanto às congregações ensinantes autorizadas, sobretudo as congregações femininas, uma lei de julho de 1904 lhes proíbe o ensino. Avalia-se em cerca de 30 000 o número de religiosos e religiosas que deixaram a França, mas não se conhece o número daquelas e daqueles que se secularizaram, ficando secretamente fiéis ao seu compromisso religioso.

Ainda que a supressão das congregações não tenha sido praticamente evocada através dos grandes meios de comunicação franceses, por amnésia ou por ocultação voluntária, teve lugar um certo número de conferências e algumas obras foram publicadas sobre o assunto. Sobre o tema, oferecemos uma biografia sumária, acrescentando outras fontes próprias das congregações de irmãos. Se outras obras ou artigos apareceram sobre esse assunto em outras línguas além do francês, seria importante indicá-los para completar esta bibliografia.

OBRAS GERAIS

Gaetano Vinai Michele, fms, *Un secolo di lotte per l'insegnamento libero in Francia*, Stampa Universitaria Nazionale, Genova, 2005, 319 p.

Edição bem elaborada. As páginas 204-313 (capítulos IX-XIII) tratam da época 1901-1904. As fontes são um pouco antigas.

Lanfrey André, fms, *Secularização, separação e guerra escolar. Os católicos franceses e a escola (1901-1914)*, prefácio do cardeal Jean Honoré, Cerf-Histoire, 2003, 638 p.

Reedição de uma tese defendida em 1989.

Laperrière Guy, *As Congregações religiosas. Da França a Quebec, 1880-1914*. Les Presses de l'Université Laval, Canadá.

T. 1, *Primeiros vendavais, 1880-1900*, 228 p.;

T. 2, *A mais forte tormenta, 1999*, 595 p.;

T. 3, *Em direção a águas mais calmas, 1905-1914*, 728 p.

O autor domina admiravelmente o conhecimento dos fatos franceses e dá um esclarecimento excepcional sobre a implantação das congregações em um país ao mesmo tempo próximo e distante para eles.

Sorrel Christian, *A República contra as congregações. História de uma paixão francesa. 1899-1904*, Cerf, Paris, 2003, 265 p.

Uma excelente síntese acessível ao público.

ATAS DE DIVERSAS CONFERÊNCIAS:

Jacqueline Lalouette e Jean-Pierre Machelon (sob a direção de), 1901. *As Congregações fora da lei? Sobre a lei de 1^o de julho de 1901*, Letouzey et Ané, Paris, 2002, 304 p. Atas de uma conferência dada em 27-28 setembro de 2001.

Informações preciosas sobre várias congregações de padres e religiosas.

Atas da conferência organizada pela Conferência dos Superiores Maiores da França, em 17-18 de outubro de 2003, *As congregações religiosas e a sociedade francesa de um século a outro*, Edições Don Bosco, Paris, 2004, 340 p.

Não somente é uma evocação histórica, mas também uma reflexão sobre o lugar das congregações hoje, em uma sociedade secularizada. O Ir. Henri Vignau, antigo Conselheiro geral e secretário da Conferência dos Superiores Maiores, foi um dos organizadores dessa conferência. O Ir. André Lanfrey fez uma palestra sobre os irmãos ensinantes face à secularização.

Patrick Cabanel e Jean-Dominique Durand (sob a direção de). *O grande exílio das congregações religiosas francesas. 1901-1914*, Cerf-Histoire, Paris, 2005, 489 p. Atas da conferência internacional de Lyon, 12-13 de junho de 2003.

Vários artigos sobre o exílio na Itália, Suíça, Bélgica, Estados Unidos, Quebec, América Latina, Magrebe, Levante. Um artigo do Ir. André Lanfrey abordando a secularização como forma importante e mal reconhecida do exílio.

TRABALHOS DAS CONGREGAÇÕES DE IRMÃOS MAIS OU MENOS LIGADAS AO ACONTECIMENTO

Estudos lassalistas, Os tempos da “secularização” 1904-1914 ; nº 1, *Dernier tome de l’Histoire générale des FEC* por Georges Rigault, escrito em 1953 e publicado em 1991, 307 p.; nº 2, *Notas e reflexões* (sobre a secularização dos IEC), 1991, 207 p. ; nº 3, *La liquidation* (venda dos bens da congregação na França...), 1992, 270 p., Casa geral FSC, Roma.

A história da supressão e da secularização dos Irmãos das Escolas Cristãs é um pouco especial, pois, sendo uma das raras congregações de homens autorizada, ela é suprimida somente em 1904. Entretanto, muitas situações evocadas nessa história entram no mesmo contexto vivido pelas outras congregações.

Ir. Hilaire Nourrisson, Études mennaisiennes, nº 27, juin 2002, *Les Frères de l’Instruction Chrétienne de Ploërmel dans la tourmente en France de 1880 à 1914*, 163 p.

Síntese muito detalhada e realista dos dramas, da desorganização, depois da resistência tenaz vivida por uma congregação de irmãos tomada inesperadamente pela liquidação brutal do Estado em 1903.

Berzal Theodoro, (apresentada por...) *Les Frères de la Sainte Famille en 1903*, 95 p. Roma, 2003.

Publicação de um manuscrito intitulado “História da perseguição sofrida pelo Instituto dos Irmãos da Santa Família de 1903 à 1909”.

Segundo meus conhecimentos, os irmãos do Sagrado coração não realizaram estudos recentes sobre o tempo da secularização. Encontramos, no entanto, informações úteis em duas de suas obras.

Les Frères du Sacré-Cœur. *Historique de l'institut 1821-1956*, Casa geral, Roma, p. 129-171, que relata brevemente o governo geral dos Irs. Paulus (1900-1906) e Albéric (1906 -1925).

Ir. Stanislas, *Supérieurs généraux*, Irmãos do Sagrado Coração, Roma, 1973.

As páginas 151-205 são uma história crítica sobre as dificuldades do Ir. Paulus, Superior geral, e de sua congregação no tempo da secularização.

Bauvineau Louis, *Histoire des Frères de Saint-Gabriel*, Roma 1994, 611 p. Os capítulos 10-14 p. 171-248 tratam da secularização e da expansão do Instituto no mundo, no início do século XX.

Bonnafous Robert, Clerc de Saint-Viateur, quatro curtos artigos sobre a congregação em 1903, na *Viateurs-France*, revista interna da congregação, em 2003.

Bou Roger, *Les Clercs de Saint-Viateur en France. L'obédience (province) des Ternes 1844-1905*, p. 91-111, Casa geral dos Clercs de Saint-Viateur, Roma 1999.

Do mesmo autor, *La province-mère. Vourles. 1859-1991*, Roma, 2004, 357 p.

Leygues Clément, *Histoire de la province de Rodez*, p. 122-129

Lanfrey André, fms, *Uma congregação ensinante: Os Irmãos Maristas de 1850 a 1904*, Nova edição, Roma, 1997, 210 p.

A Secularização é tratada nas páginas 161 a 198.

Sobre M. Querbes e os Clérigos de Saint-Viateur

Ir. André LANFREY, fms

Acaba de ser publicada uma obra importante para a história religiosa e congregacional:

Robert Bonnafous, csv, *Un fondateur contrarié. Louis Querbes 1793-1859*, Les Clercs de Saint-Viateur, Vourles, 2004-2005.

T. 1 *Os anos de formação e de fundação*, 478 p.

T. 2 *O Superior* 621 p.

T. 3 *Anexos e índice* (com a colaboração de Aimé-Onil Dépôt e de Elie Salesses), 161 p.

Os Maristas sabem que suas origens são contemporâneas a dos Clérigos de Saint-Viateur e que Louis Querbes, seu fundador, se encontrava no Seminário Santo Irineu no mesmo tempo que os primeiros aspirantes maristas. As relações entre l'Hermitage e Vourles, os lugares de fundação, perto de Lyon, foram bastante intensas, especialmente da parte de Pompallier, amigo de Querbes, que deseja em determinado momento unir os Irmãos de Maria à Congregação de Querbes (*Origines Maristes*, t. 4 p. 577, sinopse histórica n° 343.31).

O primeiro volume, sobretudo, me parece indispensável para quem deseja conhecer mais a fundo as origens maristas. Nele encontramos páginas impressionantes sobre o ambiente religioso de Lyon, na França e mesmo em Roma de 1793 a 1838, tempo da infância e da formação do Sr. Querbes. Próximo desse período encontramos exatamente a mesma cronologia correspondente à obra de M. Champagnat e de J. C. Colin.

Um dos aspectos mais novos da obra de Robert Bonnafous é a revelação (p. 70-75) de um grupo de vinte seminaristas de Santo Irineu fortemente atraído pela Companhia de Jesus. Trata-se de Joseph Rabut, Claude-Marie Huet, Antoine Steyert, Dominique Dufêtre (futuro missionário diocesano, depois bispo de Nevers, cf. OM t. 4 p. 746) Ferdinand Donnet (futuro cardeal e próximo dos aspirantes maristas, cf. OM t. 4 p. 744), Vincent Pater, Louis Montbernier, Antoine Pascal, Claude Soviche, Jean-Baptiste Madinier (OM t. 4 p. 778), Chambeyron, Dumas (OM t. 4 p. 746), Nicolas Nivet, Devienne, Chanou, Détard, Boissart, Barret (OM1, doc. 31 p. 184-185) e, evidentemente, Querbes.

Vários desses personagens estão indicados em *Origines Maristes*. Muitos outros são indicados nos arquivos dos Cartuxos como seminaristas fervorosos: Barret, Nivet, Devienne, Dufêtre, Soviche, Pater, Pascal, Chambeyron. Nenhum dentre eles, exceto Vincent Pater, é “Amigo do cordão” (ver artigo sobre eles no mesmo número de OM).

As informações fornecidas por Bonnafous contribuem, portanto, para enriquecer nosso conhecimento sobre os grupos de seminaristas, que parece ser em número de quatro pelo menos: os discípulos de Bochart em torno do “Pensamento piedoso”, os “Mariistes” ligados à Cholleton, os “Amigos do cordão”, sociedade descrita no artigo que segue, e, enfim, o grupo dos aspirantes jesuítas sobre o qual não se sabe se constitui uma sociedade organizada ou simplesmente um grupo de amigos. As relações parecem freqüentes entre esses diversos grupos, especialmente entre certos seminaristas que pertencem a vários desses grupos e que são amigos íntimos. Eles têm pontos comuns bem evidentes: um grande fervor, um ardente espírito apostólico e, provavelmente, um forte espírito de oposição ao Império que está acabando.

Uma última observação: o volume 3 oferece documentos mais densos e um estudo crítico sobre a iconografia referente ao Padre Querbes, que me parece um bom modelo metodológico para um trabalho análogo a fazer sobre os retratos de Champagnat. Um índice dos temas e um outro dos nomes próprios fazem da obra um rico e prático banco de dados.

Uma obra muito recente do Padre Roger Bou sobre a Província-mãe de Vourles de 1859 a 1991, oferece um precioso complemento. Através dessa obra tomei conhecimento que as relações entre Mons. Pompallier e Querbes foram duradouras: este último foi estabelecido como seu grande vigário na Europa e encarregado para as relações com o Conselho da Pro-

pagação da Fé de Lyon. Querbes participou também das altercações entre o P. Colin e Mons. Pompallier. Finalmente, toma-se conhecimento que em 1860 Mons. Pompallier volta de Nova Zelândia com dois Clérigos de Saint-Viateur: os Irs. Archirel e Grange que não conseguiram implantar a congregação em Nova Zelândia, mas demonstram a vontade de Pompallier de encontrar auxiliares fora do meio marista. A obra apresenta ainda em grandes traços (p. 97-103) a história dos Irmãos da Cruz de Jesus de Bochar, finalmente incorporados pelos Clérigos de Saint-Viateur em 1822.

Em resumo, os Clérigos de Saint-Viateur nos oferecem uma síntese sobre seu fundador e sua fundação, susceptível de esclarecer nossa própria história.

As Circulares

Testemunhas da tradição espiritual marista

Ir. André LANFREY, fms

Desde os tempos do Pe Champagnat estabeleceu-se o costume de duas circulares por ano: a primeira, em janeiro ou fevereiro, com a finalidade de responder aos votos de Boas Festas dos Irmãos e a segunda, no verão, anunciando os retiros e os frutos que deles se esperavam. A parte espiritual da circular vem acrescida, naturalmente, de toda espécie de avisos referentes às escolas, às finanças, encaminhamentos administrativos e outros assuntos. As circulares visam também anunciar os falecimentos, propor notícias necrológicas e a lista dos defuntos de cada ano. Com o passar dos anos, os superiores acrescentam: as notícias da Santa Sé, os relatos das viagens dos missionários, os relatórios das visitas dos superiores, a situação das causas de beatificação... Evidentemente, as circulares anunciam também os Capítulos Gerais e a prestação de contas dos mesmos.

RESUMO HISTÓRICO DA CONSERVAÇÃO E DA DIFUSÃO DAS CIRCULARES

Quanto ao histórico mais técnico da difusão e da conservação das circulares, o Irmão Avit nos traz (Sumário dos Anais 1848,t.2, p 178) elementos preciosos: primeiro manuscritas, até 1838, são litografadas até 1842 pelo Irmão Marie-Jubin. Em janeiro de 1841 (Circular t.1,p 46) o Irmão Francisco convida cada comunidade a providenciar um registro no qual serão copiadas as circulares recebidas. De 1842 a 1848 são impressas, sem que se pense em conservar exemplares sobressalentes, o que se verificará a partir de 1848.

A conservação destes folhetos deve ter sido feita de maneira muito diferente, de acordo com as comunidades. Desta forma, as coleções das circulares anteriores à edição de 1916-1917, são hoje muito raras e in-

completas porque um certo número de folhetos foram perdidos antes de serem encadernados, e as circulares anteriores à impressão, isto é, as do Pe Champagnat e as primeiras do Irmão Francisco não foram conservadas (Circulares, t.12, p 163). Provavelmente, foi por esta razão que o Irmão Teofânio faz reimprimir as circulares do Irmão Luiz Maria a respeito da simplicidade, da oração, da escola de Pontmain, da formação dos Irmãos, da caridade fraterna (Circulares, t. 9, p 133, t 10, 419, 420, t.11p.137,315).

A casa de Varennes-sur-Allier, conserva espécimes importantes destas primeiras obras, e de modo particular, uma coleção de circulares que vai do dia 15 de dezembro de 1848 a 17 de janeiro de 1878, em três volumes. O primeiro volume (1848 a 1865), embora apresente numerosas lacunas que denunciam a dificuldade que as comunidades tinham em conservar corretamente as circulares, recebidas sob o formato de folhetos, começa apresentando, encadernada, uma circular do Irmão Francisco, data de novembro de 1846 cujo formato é diferente do das outras circulares.

Os volumes conservados em Varennes parecem confirmar as afirmações do Irmão Avit: a normalização do formato das circulares não aparece antes de 1848.

A encadernação em volumes, deve ser mais tardia: o primeiro índice impresso presente em Varennes, traz as circulares dos anos 1860-1869 mas não dá o número do volume. Pelo contrário, os índices das circulares de 1887 a 1892 declaram que este é o sétimo volume.

A casa de Varennes possui ainda duas coleções das circulares reeditadas pelo Irmão Teofânio: a primeira de 492 páginas, data de 1896, e a segunda de 1900, conta 628 páginas. Por si sós, estas duas obras apresentam excelente síntese do coração da espiritualidade marista na segunda metade do século XIX.

Necessidade de uma edição completa e oficial

Os acontecimentos de 1903, a internacionalização do Instituto, a dificuldade em dispor de um corpo completo dos textos fundamentais, sem mencionar a aproximação do centenário da Congregação: todos estes acontecimentos levaram os superiores a empreender a edição sistemática das circulares, incluindo as que vinham do tempo do Fundador.

A edição do Centenário do Instituto é anunciada na Circular de 22 de abril de 1912 (t. 12, p.163). A do dia 24 de maio de 1916 (t.13 p.242) indica que a reedição prossegue ativamente, e salvo imprevisto, estará completa em dezembro. Em realidade, a guerra atrasou o trabalho e a circular de 2 de fevereiro de 1917 assinala que o último volume está no pre-

lo (t.14, p.85) A do dia 24 de maio de 1918 (t.14, p.219) acrescenta que devido a dificuldades de transporte e alto custo, ainda não é possível enviar um número suficiente de coleções para as províncias. É apenas imediatamente antes do Capítulo Geral de 1920, que a reedição das circulares se encontrará efetivamente à disposição das comunidades.

Quanto à acolhida que lhes foi feita, seria necessária uma análise mais profunda, visto que chegam, numa congregação internacional, 13 volumes em francês, que, mesmo para os franceses, evocam situação totalmente diferente da que é vivida na conclusão de uma guerra que sacudiu o mundo. Os treze volumes da edição 1914-1917 tornam-se assim uma espécie de memorial de uma sociedade religiosa de educação, essencialmente ligada a um tempo e a um local já ultrapassados: o século XIX e a França. A partir do volume 14, as circulares mudam o conteúdo: tornam-se essencialmente o lugar do ensino doutrinal dos superiores, tanto mais que a partir de 1908, o Boletim do Instituto se encarrega das informações sobre a Congregação e seu sistema educativo. Esta mudança foi se aprofundando, com o passar do tempo.

INTERESSE ATUAL DAS CIRCULARES

Como se aproxima um segundo centenário do Instituto pode-se pensar na possibilidade de uma nova edição que certamente, não teria muito a ver com a primeira, pois uma grande parte do conteúdo das circulares anteriores a 1917, e mesmo as que foram escritas nos tempos do Concílio Vaticano II, apenas têm um interesse histórico. As circulares de cunho doutrinal, pelo contrário, oferecem-nos perspectivas insubstituíveis no que respeita nossa espiritualidade, ao estabelecerem um elo de união entre as origens e os nossos dias, operação que muitas vezes, esquecemos de fazer, quando tratamos o tema da espiritualidade.

As circulares, com efeito, nos fazem evitar o perigo de oferecermos sacrifícios ao mito das origens pois nos mostram que a espiritualidade cresce e decresce sem cessar, constituindo um processo histórico complexo, que merece ser acompanhado atentamente. Com efeito, não podemos compreender as origens sem a tradição que nelas se alimenta, do mesmo modo que o presente não pode ser ligado, diretamente, às origens, menosprezando o peso da história que o trouxe até nós.

Nossa espiritualidade é como a escada de Jacó pela qual os anjos subiam e desciam : para conhecê-la bem é preciso fazer como eles, não esquecendo que as circulares são degraus importantes do itinerário espiritual de ida e volta entre as origens e nós.

Esboço de história do ensino espiritual dos superiores.

Passarei rapidamente pelas circulares do Pe Champagnat porque foram novamente publicadas no livro *Cartas do Fundador* e também, porque já as comentei em outros escritos. Sublinho apenas que elas contêm o que na época se chamava “máximas ou sentenças”, material de grande alcance espiritual.

Tratarei também, de modo sucinto, do *Irmão Francisco*, cuja circular sobre o espírito de fé me parece uma primeira síntese da espiritualidade marista¹. Penso, no entanto, que os dezenove textos escolhidos contêm três preocupações complementares: conservar a memória dos atos e escritos do Fundador falecido; pensar uma espiritualidade *marista*, emancipada dele mas, ao mesmo tempo, fiel a seu espírito; fazer interiorizar as regras e as virtudes mais significativas do espírito marista.

O Irmão Luiz Maria, à primeira vista me parece mais ambicioso e menos profundo que o Irmão Francisco. Pretende em primeiro lugar, efetuar uma obra de restauração do espírito da Congregação que atravessa uma crise de crescimento, pela renovação da regularidade, piedade e caridade (circular do dia 27.12.1860).

Contrariamente ao Irmão Francisco que na circular sobre o Espírito de Fé, nunca cita o Pe Champagnat, recorre abundantemente a sua doutrina e a seus exemplos como também aos exemplos dos Irmãos modelos: Boaventura, e João Batista. Insiste menos sobre a caridade do que sobre a piedade e a regularidade.

No decorrer dos anos 1860-70, parece-me que domina uma concepção ascética e um pouco militar da Congregação em oposição parcial com a visão do Irmão Francisco, e em notória convivência com a do Irmão João Batista. A circular de 1867 sobre a formação, parece-me típica a este respeito, pois hierarquiza fortemente o Instituto, devendo os diretores fazer funcionar as escolas e formar seus auxiliares à vida religiosa, sob o olhar vigilante dos superiores maiores.

Longe de considerar, com senso crítico, uma concepção um tanto populista da congregação, visão que tem suas raízes no Pe Champagnat², e que sobrecarrega o Instituto diante da massa dos jovens a formar, tarefa quase impossível que recai de modo particular, sobre os Diretores. Es-

1 Ver André Lanfrey, “A circular sobre o espírito de fé” em *Cadernos Maristas*, nº16, p.21-52; Ensaio sobre a espiritualidade Marista, Roma, setembro de 2001, p.168 a 179.

2 Não recusava os postulantes porque considerava que eram enviados pela Santíssima Virgem.

ta estratégia não deixará de ter sua parte, na fraca perseverança dos Irmãos: os jovens, porque pouco formados por Diretores impossibilitados de assumir tarefas múltiplas; os diretores desgostosos, diante de uma tarefa muito exigente. Com o Irmão Luiz Maria assistimos pois, ao agravamento do efeito perverso de uma intuição forte de Champagnat: l'Hermitage cidade mística destinada a acolher todos os que desejam combater sob o estandarte de Jesus e de Maria.

Na circular sobre Pontmain, julgo notar uma evolução: a guerra de 1870 e a Comuna revelaram tal perversidade do mundo moderno que o único meio de o salvar, é a oração. Talvez, seja o recurso a estas certezas o que suscita no Irmão Luiz Maria uma volta ao que a tradição marista tem de mais profundo: o tema da “vida mística de Cristo” em nossas almas. (circular de 16 de junho de 1877) para lutar contra os “poderes das trevas” (t.5,p.404). Esta circular, lastimavelmente diminuída em seu valor, por uma conclusão muito longa, e bastante insossa, parece-me um dos cumes da espiritualidade marista. Apresenta uma certa ligação com as circulares que seguem: sobre o inferno, a eternidade e a santidade, porque nestes textos, muito calcados nos exercícios de Santo Inácio³, reencontramos a mesma inspiração: lutar contra o reino do mal a exemplo de Jesus Cristo para a própria salvação e a do próximo.

A doutrina do *Irmão Luiz Maria* parece ser o reflexo de duas épocas opostas: na primeira é o superior seguro de si mesmo e que reorganiza totalmente uma congregação que tem realmente necessidade de um chefe; na segunda parte, nota-se uma volta a uma tradição original que situa a Congregação na grande luta cósmica entre o bem e o mal, num momento em que a França tende, irresistivelmente, para a República. Pode-se também pensar que o Irmão Luiz Maria, ao envelhecer, medite sobre os novíssimos de sua própria vida.

O Irmão Nestor apenas tomou a direção do Instituto mas suas circulares parecem situar-se em direção diametralmente oposta às opções do Irmão Luiz Maria para tentar resolver em profundidade, problemas que este tinha encarado de forma mais administrativa que espiritual. Se se mantém clássico no que se refere à instrução cristã das crianças (19.03.1881) a introdução do seu ambicioso plano de estudos (1º de março de 1882) esboça uma espiritualidade do trabalho e começa a corrigir uma concep-

3 Ver t 6 p.78:o capítulo de 1863 abriu com a meditação sobre o inferno e a eternidade infeliz.

ção negativa e utilitarista da cultura. No plano mais propriamente espiritual, sua circular sobre a devoção ao Sagrado Coração oferece uma definição teocêntrica e cristológica da humildade (p.337-338) que acrescenta alguma coisa à espiritualidade marista. A mesma circular, sobretudo, é uma crítica implícita de toda uma tradição marista sobre o inferno e cuja última manifestação se encontra na recente circular do Irmão Luiz Maria. Eis a passagem chave desta instrução (p 340):

“Há, com efeito, duas maneiras de entender o cristianismo: há almas que habitualmente, consideram Deus, mais como um patrão, vivem atentas a seus direitos, andam sob a asa da justiça, vivem penetradas de seu temor. Em suas resoluções íntimas estas almas não ultrapassam a idéia severa do dever. Todas as suas preocupações, todas as ambições espirituais se resumem e se encerram por assim dizer numa palavra: a salvação”. Se, no entanto, damos a Cristo o lugar que lhe pertence..., tudo permanece e tudo muda (...) tudo ri, tudo se esclarece, tudo se aquece sob o raio do céu. Por que, então? É que o amor fez sua aparição no mundo (...). A grande pergunta se apresenta sempre: Que fazer para me salvar? mas outra a completa, a domina e a transforma: Que darei ao Senhor por todos os bens com que me cumulou? (Sl 115,5).

Com o **Irmão Teofânio** volta-se à tradição do Irmão Luiz Maria, mas de maneira um tanto singular. Este superior faz muito poucas instruções doutrinárias, mas remete às do Irmão Luiz Maria. De certo modo, considera que após a morte do Irmão Luiz Maria, último superior que conheceu intimamente o Fundador, encerrou-se uma espécie de Sagrada Escritura marista. Tendo entrado em L’Hermitage, em 1845, o Irmão Teofânio, não se julga uma autoridade espiritual comparável à de seus antecessores. Em compensação, tendo conhecido muito bem o Irmão Luiz Maria, ele se refere preferencialmente a este portador da tradição.

Com ele o Instituto entra pois, numa espiritualidade baseada na recordação e na repetição antes do que na interpretação e no enriquecimento. Aliás, o Irmão Teofânio reproduz a atividade desbordante do Irmão Luiz Maria, pensando na internacionalização rápida da Congregação. Não se sabe que rumos tomou em seu generalato o ambicioso programa de estudos do Irmão Nestor, mas em todo caso o Irmão Teofânio se aplica mais do que o Irmão Luiz Maria a revisar a função educativa da Congregação., não se preocupando ele mesmo com as questões educativas, mas tomando em consideração os trabalhos contemporâneos. Suas circulares mais importantes se referem à piedade nas escolas e as obras pós-escolares, muito inspiradas na pedagogia salesiana. Os textos pontifícios são publi-

cados. A causa de beatificação do Pe Champagnat e suas narrações de viagens ao redor da terra, preenchem numerosas páginas.

A época do Irmão Teofânio parece, pois, muito pobre pelo menos no que se refere a suas circulares. O Irmão Estratônico, ao definir seu predecessor como uma “regra viva”, (t.11, p. 204-208) não contribui em nada, para modificar esta impressão.

Entretanto, há uma exceção importante a este julgamento. É a curta instrução sobre o espírito de oração (10 de maio de 1902, t. 10, p.143-152) que nos apresenta uma visão notoriamente profunda da oração, muito longe do peso insistente das instruções do Irmão Luiz Maria:

“Que é o espírito de oração? (...) é como um óleo aromático, composto com o que há de mais puro, de mais ardente, de mais divino nas relações da alma com o céu e que vindo a emergir em nossas almas, ali queima perpetuamente para a honra de Deus” (p.143).

“Este espírito de oração não estorva em nada, os movimentos da alma. Não cria no coração o constrangimento e a servidão. Começa por graus sucessivos e assim acaba-se vivendo de Deus, com Deus e em Deus, como respiramos, tão livremente, com tanta facilidade e quase sem que nos apercebamos.” (p 149).

Mesmo a conclusão que, de acordo com o gênero literário das instruções, deveria propor alguma aplicação prática, de cunho ascético, permanece no mesmo tom:

“Se, por nossos generosos esforços e pela graça de Deus, chegamos a alcançar o espírito de oração e o desejo perpétuo de Deus, no coração, toda a nossa vida se transformará num hino à glória de Deus, um hino cujas estrofes continuarão no céu”.

Sua última instrução , sobre a fidelidade à vocação, se situa numa data significativa: 19 de março de 1904. Inaugura um problema que o Instituto não será capaz de resolver em termos espirituais: a secularização. Condena-a em termo velados mas firmes.(t 10, p. 414):

Comportemo-nos pois de acordo com a consideração segundo a qual o bem que temos que fazer, se quisermos agradar a Deus, não se limita a tal país, a tais crianças, para cá ou para lá dos Alpes, ou dos Pirineus, mas deve espriar-se para lá dos oceanos para todos os lugares onde há crianças a instruir e almas a salvar.

(...) Irmão, você declararia em vão a Deus que permaneceria fiel a Ele, que continuaria a segui-lo. Infelizmente, você o seguiria, primeiro de longe e depois a uma distância tal, que certamente o perderia de vista... As seduções do mundo são tão temíveis, o abuso das graças tão funesto, a queda tão escorregadias para uma alma que está na via da decadência”.

O Irmão Teofânio não percebeu que seu argumento em favor das crianças do mundo inteiro poderia ser facilmente retrucado pelos secularizados: na França também havia almas de crianças a salvar e a tarefa era tanto mais urgente quanto a salvação delas estava por demais ameaçada. Sua teoria da vocação marcada pelo cuidado em se preservar do mundo, apesar de clássica não parece menos fria como se a fidelidade a certas formas de vida religiosa e a preocupação por sua própria segurança fossem a coisa mais importante. Finalmente, apegado a uma internacionalidade cuja fonte se encontra no universalismo do Pe. Champagnat (nossa visão abarca todas as dioceses do mundo) não compreende mais o apostolado enraizado num local, num país.

O percurso percorrido pelo Irmão Teofânio me parece pois como o tempo de uma transição com muitas vertentes. Com ele abandonamos o período dos grandes intérpretes para entrar no dos releitores; o tempo da França, para entrar no internacional; o tempo da Congregação como entidade semi-monástica para entrar no tempo da secularização: o tempo da paz para entrar no da perseguição. Em suma, o Irmão Teofânio, como o Irmão Luiz Maria conheceu um extraordinário sucesso institucional e um relativo fracasso doutrinal.

O **Irmão Estratônico** teve que gerenciar problemas herdados da gestão anterior: a secularização e a interiorização das novas Constituições que dão origem a um governo descentralizado. A estas duas tarefas juntam-se duas outras: o centenário do Instituto e a guerra. Por isso se entende que durante seu generalato (1907 a 1920), multiplicou as instruções sobre as Constituições e a necessidade de voltar ao espírito das origens. No que se refere a adaptações, (t. 11, p. 486-487) é inflexível, pois, dizia: “Deus não muda”. Na falta de pensamento profundo, possui um estilo simples e bonachão que corta com a grandiloquência do Irmão Luiz Maria ou a frieza do Irmão Teofânio.

Sua preocupação em descobrir o espírito primitivo do Instituto, (t.11, p.314) reduz sua interpretação da espiritualidade a um mero exercício de memorização. A reedição das circulares era justamente um das peças mestras desta vontade de perpetuar a tradição. Aliás, tem da tradição, uma visão larga pois nela inclui ao lado do Pe Champagnat, o Irmão Francisco “e todos os santos predecessores de La Valla (t.11, p.485, 2/2/1911). No dia 18 de maio de 1911 (t.,11, p 559) uma fórmula equivalente: ao evocar nossos antepassados: Irmãos: Francisco, Luiz, Lourenço, João Batista, Estanislau, Luiz Maria, Jerônimo, Boaventura. No dia 24 der maio de 1913, insiste na idéia de imitar Champagnat e “nossos pioneiros” (p 260) e além

do V. Pe Champagnat, temos os três mil Irmãos que nos precederam na outra vida.” (p. 263) Evoca os exemplos dos Irmãos: Luiz, Estanislau, Damião, Crisóstomo, Boaventura, Leão, Cassiano, Ribier, Pascal, Timóteo, João Cláudio, Filigônio (p.266-270)⁴. Assim, o Irmão Estratônico, sem muito conceitualizá-lo, concebe o Instituto como um Corpo Místico do qual Champagnat é apenas o iniciador. Esta maneira de ver é suficientemente original para merecer nossa atenção. É possível que exista uma explicação para esta visão fraterna do Instituto: é que desde 1860, o Irmão Estratônico, exceção feita do Irmão Nestor, com um mandato muito curto, é o primeiro superior que não passou pelo seminário. Nota-se também uma originalidade relativa do Irmão Estratônico com relação à dedicação. Desde o dia 6 de junho de 1908 tenciona escrever um livro sobre a prática da dedicação no Instituto, durante um século e pede testemunhos (t.11, pág.324) Mesmo estando quase no fim seu mandato, não abandonou seu projeto. A circular de 24 de maio de 1919 (t 14, p. 293 – 300)., preconiza como frutos do retiro perfeita regularidade, sólida piedade, união que são as três virtudes cardeais preconizadas pelo Irmão Luiz Maria em 1860 e acrescenta a dedicação. Nesta mesma circular,(p. 298) projeta um livro de ouro da dedicação e uma vez mais pede colaborações.

O generalato do Irmão Estratônico, se não renova as perspectivas espirituais do Instituto, marca-as de duas maneiras: por um lado levanta um memorial de sua história e de sua espiritualidade; por outro lado, este trabalho se realiza num espírito de modéstia e fraternidade que não se encontra na mesma intensidade, nos predecessores. Quanto ao estilo e ao fundo o Irmão Estratônico se aproximaria do Irmão João Batista e do espírito da maioria dos Irmãos.

Com o **Irmão Diógenes** (1920 a 1942) tem-se a impressão de aproximação com o Irmão Teofânio: poucas verdadeiras circulares, mas muitos documentos pontifícios. Poucas circulares que apresentem pensamento pessoal, o Irmão Diógenes confessando sem cerimônia, que retomou tal ou tal livro ou conferência que lhe agradou. Evidentemente, pode-se pensar que o Irmão Diógenes não é dono de uma doutrina suficientemente profunda para transmitir uma mensagem pessoal. Mas pode acontecer que a problemática, como no caso do Irmão Teofânio, seja mais complexa. Ambos, com efeito, governam após superiores prolixos e deve-se levar em

⁴ Na circular de 2/2/1916, t 13, p. 1230 o Irmão Estratônico dá ainda uma lista dos grandes ancestrais.Ver também tomo XIV, pág.67).

consideração um certo cansaço do público que os lê. Por outro lado, podem parecer pouco à vontade com uma concepção fixista da espiritualidade marista: como as origens são estabelecidas definitivamente pelos livros oficiais do Instituto e pelas regras, para que estar repetindo indefinidamente? Consagram-se pois ao que parece estar apresentando alguma novidade: os documentos pontifícios e as obras de seu tempo que abordam o tema da espiritualidade.

Quando, entretanto, apresenta textos pessoais, o Irmão Diógenes parece antes tradicionalista. No dia 25 de dezembro de 1921 (t.14 p.515-536) a circular sobre a vocação, considera-a como uma verdadeira predestinação (p.518) à qual quem foi chamado não pode se subtrair. Mesmo se não pronunciou votos. Evidentemente, atrás deste texto pode-se ler todo o problema da perseverança dos Irmãos mobilizados, tentados a não voltar à Congregação. Mas parece que há mais coisa: a contestação de uma concepção muito rígida da vocação à qual responde sem nenhuma concessão.

A circular de 25/12/1923 a respeito do essencial da vida religiosa, talvez seja o texto mais sutil do Irmão Diógenes que tenta formular uma doutrina nova sobre a secularização evocada diretamente (p.84) pela primeira vez numa circular⁵. Como no Capítulo de 1920, os secularizados foram reconhecidos como religiosos com todos os direitos, se questiona: o que é que constitui a essência da vida religiosa? O Irmão Diógenes responde que o religioso não é fruto do tempo e que “neste segundo século de nossa existência devemos ser tais e quais foram os pioneiros” mas um pouco mais longe, acrescenta:

“O essencial é o ser interior, entendamo-nos bem, é a santidade ou ao menos, a virtude pessoal. O restante não é que seja sem importância, mas é acidental (...) O essencial do religiosos (em itálico) é para nós uma salvaguarda infalível se o possuímos num grau suficiente; (...) a prova disto foi feita experimentalmente sobretudo, no país no qual nossos Irmãos atravessaram tanto a perseguição quanto a revolução. (...) Para uma Congregação espalhada pelos cinco continentes, é muito raro que a perseguição ou a revolução não esteja presente num ou noutro lugar. É pois sábio manter-nos preparados para a luta e pedir a Deus de nos poupar em todas as circunstâncias nas quais possamos nos encontrar, as graças necessárias para nos mantermos fiéis”.

⁵ O Capítulo Geral de 1920 contava com uma comissão para o estudo da secularização. Esta comissão, no entanto, nem é mencionada nas Atas.

Como está formulada, a idéia do Irmão Diógenes parece confusa. Penso poder interpretá-la da seguinte forma: “Em tese, a vida religiosa é intemporal, mas em hipótese está evidentemente sujeita a se confrontar com as perseguições e revoluções. Para consegui-lo, precisa recorrer ao que constitui seu fundamento: a consciência, sacrificando o acidental (a batina...). E a experiência demonstrou que isto é possível”.

Compreende-se porque o Irmão Diógenes se sente pouco a gosto, porque assim interina a tese da legitimidade da secularização e sobretudo, uma concepção da vida religiosa que faz dos sinais exteriores (a batina, a regra, a comunidade) meros acessórios. A vida religiosa, pois, não aparece mais fundamentada sobre a comunidade e sinais exteriores, mas sobre o indivíduo. Evidentemente, o Irmão Diógenes não tira as últimas conseqüências dos princípios que acaba de apresentar e fala do “espírito da vida religiosa” que, segundo afirma, leva à exata observância das regras e termina com uma carga contra as faltas à pobreza, o abuso das visitas, sem contar uma piada mais do que tradicional sobre o espírito do mundo.

Por mais ambígua e insustentável que seja a teoria do Irmão Diógenes, que abocanha com uma mão o que acaba de oferecer com a outra, nem por isso deixa de abrir uma brecha, na concepção clássica da vida religiosa. Evidentemente, ela terá pouca repercussão prática pois aparece não como doutrina, mas apenas adaptação às anomalias do tempo. Podemos hoje, lastimar que o Irmão Diógenes não tenha sido mais audaz, mas nos perguntamos se era possível adiantar mais o sinal! Nada de menos seguro. De qualquer forma este texto é uma das raras tentativas no sentido de repensar um pouco a vida religiosa marista, antes do Concílio.

A segunda circular do Irmão Diógenes que me parece merecer um comentário é a de 24 de maio de 1926, sobre o espírito do então Venerável Pe Champagnat. (t.15, p.432-465) na qual compara L’Hermitage ao mosteiro de Claravalinda, impregnado com a lembrança de São Bernardo. É neste lugar venerável que os Irmãos de todas as partes do mundo (p.433) onde se respira “como uma atmosfera de santidade” que o Irmão Diógenes intercede pelos Irmãos ameaçados de perseguição, em diversos lugares. Para que se preparem a qualquer eventualidade, convida-os a reproduzir as virtudes do Fundador seguindo a ordem dos capítulos da segunda parte de sua biografia: espírito de fé...

Esta retomada das virtudes fundacionais parece-me de interesse secundário. Em compensação, manifesta-se claramente, a um século de distância, o laço que une o sentimento do Fundador que vislumbrava L’Hermitage como a cidade mística de Maria destinada a se espalhar por toda a terra, e o pensamento do discípulo que vê a promessa ao mesmo tempo realizada e ameaçada.

O inter-reino de quatro anos (1942 a 1946) entre o Irmão Diógenes e o Irmão Leônidas é governado pelo **Irmão Michaëlis** e depois pelo **Irmão Marie-Odulphe**. As cinco circulares por eles escritas estão longe de não despertar nosso interesse. Mas, uma vez mais, as perturbações da ordem pública e as guerras suscitam logo o desejo de restauração. Assim, o Irmão Marie-Odulphe torna pública a intenção de restaurar tudo segundo o espírito do Venerável Fundador pelo culto da regra (t.19, p351). Entende que a secularização, a guerra de 1914-1918, as perseguições em diversos países e a segunda guerra mundial são causadas por uma diminuição do sentimento religioso a qual é preciso remediar, retemperando as energias espirituais.

Houve perturbações e o mundo não será mais como foi antes, mas o Irmão Marie-Odulphe não leva isto em consideração. Para ele, é preciso retornar à regra do Fundador. Entre a espiritualidade oficial e a realidade cria-se um hiato que parece total.

De 1946 a 1958, o **Irmão Leônidas** faz um grande esforço doutrinário. Se nele, a idéia de restauração permanece fundamental, nem por isto deixa de estar aberta à idéia de adaptação, particularmente no tocante à formação. A preocupação que parece percorrer todo seu mandato, diante da angústia suscitada pela fraca perseverança dos Irmãos, seria a de impregná-los com uma forte identidade marista feita de amor e estima pela vocação. A circular-chave sobre este tema me parece ser a do dia 8 de dezembro de 1952, intitulada: “Somos religiosos, somos Pequenos Irmãos de Maria”, na qual trata do espírito religioso e do espírito marista, temas eminentemente tradicionais. O assunto no qual prova sua originalidade é na indicação das causas de relaxamento do espírito religioso: a rápida extensão da Congregação, a perseguição, o serviço militar ou o trabalho obrigatório⁶, o grande favorecimento de que o Instituto gozou por parte das autoridades, em diversos países, e enfim, a falta de pessoal.

É a primeira vez que um superior reconhece que um déficit de espírito religioso pode advir de causas não somente exteriores, mas também internas e mesmo institucionais. Na segunda parte, sobre “as fontes do espírito religioso e marista” (t.21,p 113,) dá a relação do “corpus”⁷ que, de acordo com seu parecer, contém o espírito marista: a Vida do Fundador, as Re-

6 Serviço do Trabalho Obrigatório (STO) que , sob a ocupação alemã, impunha aos jovens , o deslocamento para a Alemanha para ali trabalharem para a economia de guerra..

7 Corpus = conjunto de documentos que tratam de determinada matéria.

gras, os “Avis, Leçons, Sentences”, as Notícias Biográficas, as circulares dos primeiros superiores, e o Boletim do Instituto. Mais longe acrescenta, mas manifestamente num segundo plano, o Guia das Escolas, o Bom Superior, a Perfeição Cristã, as Meditações do Irmão João Batista, o Catecismo sobre a Virgem Maria. Trata-se explicitamente de um esforço para discernir na tradição, o que permanece fundamental e o que é ultrapassado.

Procede da mesma forma com a circular de 8 de dezembro de 1948 (t 20, p 91 a 118), ao tratar da direção espiritual. Sabe-se que em 1890, o decreto *Quaemadmodum* da Santa Sé, proibiu aos superiores leigos das Congregações de exigir a manifestação da consciência no foro interno e que a direção espiritual feita pelos assistentes foi então abandonada. O Irmão Leônidas (p.96), detalha os efeitos desta interdição e incentiva um retorno da direção. A respeito da perseverança (t.22, p.739), o Irmão Leônidas apresenta uma interessante síntese histórica do problema após ter sublinhado que a vocação é fundamentalmente um mistério e uma questão que depende da liberdade e da fé que expõe uma revoltante doutrina da predestinação ainda formulada pelo Irmão Diógenes. Entretanto o exame que faz das causas das defecções e dos remédios a serem aplicados, apesar de inteligentemente formulados, nada trazem de novo mesmo se a quarta parte (p. 25) parece-me que oferece, pela primeira vez, uma síntese dos argumentos dos que abandonam o Instituto. No fundo, mas usando nuances, o Irmão Leônidas segue a doutrina clássica : a saída de um Irmão é um problema para ele, mas não para a instituição.

O capítulo de 1958 (t. 22 p. 322-358) tendo como programa uma revivificação do espírito do Fundador por um fervor religioso mais intenso, um zelo mais eficaz e uma vida de família mais íntima situa-se na continuidade do Irmão Leônidas e as duas primeiras do **Irmão Charles-Raphaël** tratam do zelo e da vida de família. A verdadeira mudança de tom parece-me que intervém na circular de 8 de dezembro de 1960 sobre as Regras Comuns que acabavam de ser modificadas.

Com efeito na parte em que trata de “nossas tradições que devem ser conservadas”, (p. 501-504), o Irmão Charles reformula o espírito da Congregação, lembrando que houve nele (Champagnat), em primeiro lugar, uma “preocupação apostólica” e que se “a idéia de fundar um instituto religioso seguiu quase imediatamente”, não foi a primeira. Deste modo é nestas duas direções que é necessário procurar o que é essencial na obra do Fundador”. Estas expressões me parecem francamente novas pois, desde o Irmão João Batista, era algo que não se discutia que a vivência religiosa ocupava o primeiro lugar e o zelo, o segundo. Ao fun-

dar l'Hermitage, como um convento, o mesmo Pe Champagnat apoiou largamente esta tese. O Irmão Charles-Raphaël, sem muito insistir, recorda que historicamente o zelo vem primeiro e que o Instituto está a serviço do apostolado.

Esta mesma parte da circular traz outra novidade de grandeza, pelo título "Espiritualidade que ele propõe aos Irmãos" que pelo que eu sei é a primeira vez que se emprega o termo *espiritualidade*, nas circulares. E a definição de espiritualidade que segue este título está longe de ser banal porque o Irmão Charles-Raphaël recorda que "a vida dos Irmãos deve ser impregnada pelo espírito mariano", informado pelas virtudes de Nazaré humildade, simplicidade e modéstia que se relacionam com nosso estilo de vida e nosso apostolado. Acrescentada ao espírito de família que considera fundamental, esta definição da espiritualidade marista reunifica em torno do espírito de Nazaré, desenvolvido antes pelo Pe Colin que pelo Pe Champagnat, um espírito marista que muitas vezes isolava o apostolado da vida religiosa e da humildade de Maria. Por este texto breve, o Irmão Charles-Raphaël revela-se profundo conhecedor da espiritualidade marista e provavelmente o primeiro a formulá-la em termos novos após um longo tempo de repetições mais ou menos felizes.

A abertura do Concílio, em 1962, dividiu em duas partes o generalato do Irmão Charles-Raphaël e em 1963-64, oferece uma grande circular em quatro partes com um título surpreendente: "Conservação e crescimento do Instituto". Parece uma circular fora de tempo e para dizer tudo de uma vez, conservadora, num momento em que os acontecimentos conciliares chacoalham a paisagem religiosa. Pode ser que seja preciso vê-la como a vontade, num superior responsável, de opor-se a uma exaltação que ameaça levar tudo de roldão. A circular de 1º de maio de 1965, aborda o título: "a fidelidade ao espírito de nossa vocação e a lei de adaptação", tem, em todo caso, esta preocupação pois seu título mesmo evoca a necessidade de conciliar fidelidade e mudança. A terceira parte desta circular (p 278), tenta dar para o capítulo geral que se aproxima, normas a respeito do que deve permanecer e do que deve ser modificado, num momento de ebulição que ameaça varrer a tradição.

A primeira circular do **Irmão Basílio Rueda**, datada de 2 de janeiro de 1968, está dividida em cinco partes que se escalonam até julho. Ocupa-se essencialmente do XVI Capítulo Geral cuja primeira sessão acaba de ser realizada. Por isso, a primeira parte (t.24 2/1/1968) é destinada a uma crítica deste evento. Constata que, pela primeira vez, desde muito tempo, o capítulo conheceu uma verdadeira confrontação que sintetiza assim: espiritualidade contra psicologismo e estrutura contra liberdade.

Parece-me ser inútil detalhar demais, mas esta circular revela aber-

tamente uma divisão do Instituto, muito mais antiga e cujos traços encontramos sobretudo a partir do generalato do Irmão Estratonique. Para abreviar e caricaturando, diremos que um “partido conservador” da espiritualidade-estrutura, parece ter determinado, durante um século a caminhada do Instituto sem, no entanto ter reduzido um partido antes “progressista” o do psicologismo-liberdade.

De fato, o que se passou no Concílio, se passa na Congregação, que terá o privilégio de ter um superior de sangue frio e apto a resolver, pela primeira vez, teoricamente, um dilema antigo na Congregação: como se adaptar, sem se renegar, como guardar o espírito do Instituto, sem as tradições que o tornam pesado?

Uma primeira evolução conceitual aparece na 4ª. parte da circular de 2 de janeiro de 1968 – de fato, de 2 de julho (Cf Cronologia) intitulada “Um capítulo para o mundo de hoje “que faz a Congregação abandonar a velha visão de mundo corrompido do qual é preciso se preservar, para oferecer a de um mundo que chama e no qual devemos ser “sacramento e fermento” (p 339).

Na quinta parte da circular, que aparece apenas no dia 1º de novembro de 1969, trata dos apelos da Igreja e do Fundador”. A conclusão (p 652) anuncia uma nova maneira de ser marista:

“Os Irmãos podem estar seguros de que estamos nos deslocando em direção a formas de vida menos legalistas, apostolicamente mais ousadas, mais inseridas numa socialização profissional crescente: com formas exteriores mais livres e mais independentes”.

Acrescenta que tal mudança “terá como conseqüência crises vocacionais porque se trata não apenas de nível, mas de estilo e mesmo de sistema”.

Por estas palavras se opõe a toda a tradição das circulares que afirmavam que havia apenas um sistema legítimo e que era necessário mantê-lo a todo custo. Ao mesmo tempo, implicitamente, desliga a espiritualidade do sistema: mudar de sistema não é prejudicar a espiritualidade mas, pelo contrário, é criar uma nova interpretação da mesma.

Na circular de 1º de julho de 1971 que presta contas da Conferência Geral retoma explicitamente esta idéia, sobretudo na conferência de abertura dirigida aos Provinciais. (p. 344-399). Diz claramente que o Instituto deve proceder a uma mudança de mentalidade uma *metanóia* ou conversão institucional (p. 345). De qualquer forma, não como escolher: Assistimos a uma transformação da vida religiosa, não no essencial, mas no acidental; não no seu aspecto evangélico, mas no seu aspecto cultural.

Com relação à vida religiosa, assistimos a um despojamento das formas precedentes e a uma nova formulação das mesmas (p 346).

A circular de 25 de dezembro de 1975, sobre o “Espírito do Instituto”, é muito importante porque indica com precisão, o sentido de uma fórmula reivindicada sem cessar, desde os tempos do Fundador para definir o coração da espiritualidade marista. É uma tomada de posição clara a respeito do que é a espiritualidade marista pois distingue claramente entre espírito, carisma e espiritualidade. (p 174-176). Em seguida, insiste sobre o fato que a espiritualidade de Champagnat, sacerdote e Padre Marista, não é exatamente a nossa. Convida-nos também a relativizar nosso espírito, em face do evangelho e da história. Reconhece também que muitas vezes, “a passagem do plano espiritual para o psicológico, nem sempre deu bons resultados”. (p 189) Termina tentando apresentar o esquema de uma humildade, uma simplicidade e uma modéstia repensados para um novo contexto.

Em outras circulares o Irmão Basílio procurará reinterpretar outros aspectos fundamentais de nossa identidade. Por exemplo, nossa relação a Maria em “ Novo espaço para Maria”(t 26, 8 de setembro de 1976). Há também a estranha e gigantesca circular sobre a fidelidade (8 de setembro de 1984), meditação sobre a vocação do Irmão Marista não a partir do ideal, mas do testemunho dos Irmãos.

Assim, pela primeira vez e de forma sistemática, um superior se debruça sobre a vida marista, não tal qual deveria ser vivida, mas como o foi, com todas as grandezas e carências das pessoas e da Instituição.

O Irmão Basílio trabalhou magistralmente para que o Instituto pudesse se repensar inteiramente.

Pela circular sobre a espiritualidade marista apostólica, em 1992-93, o Irmão Charles Howard conclui esta etapa de tentativa de redefinição começada com o Irmão Charles-Raphaël. O apêndice da primeira parte da circular (pp. 525 a 532) em particular, é excelente síntese da história da passagem do espírito à espiritualidade marista.

CONCLUSÃO

Evidentemente, falta-nos distância, para fazer apreciações a respeito das últimas circulares. Pode-se no entanto dizer, sem muito perigo de engano, que se inscrevem num contexto novo, a saber: a espiritualidade marista concebida não como um dado original que é preciso recordar sempre, mas como uma criação continuada, não apenas da cabeça mas de todo o corpo marista.

Numa grande proporção, a história das circulares parece ao contrário típica de uma instituição que não soube distinguir e gerir claramente

e de maneira equilibrada, os dois aspectos complementares de seu papel: assegurar a estabilidade e garantir o dinamismo. Sobretudo a partir de 1903, e até o capítulo de 1958, a preocupação pela unidade e o culto das origens manteve em segundo plano, a atenção aos sinais dos tempos.

A primeira ruptura, cuja importância não me parece ter sido bastante percebida, é o capítulo de 1958, que reconhece ao indivíduo o direito de uma certa vida religiosa autônoma. O sinal profundo desta mudança é a passagem da noção de espírito do Instituto para a de espiritualidade marista, misto é de uma visão comunitarista e hierárquica da Congregação a uma articulação mais equilibrada entre instituição e indivíduo. Mesmo se esta mutação se produziu muito tarde, para evitar um certo delírio individualista, e anti-institucional nos anos 1965-75, mostra que o Instituto soube, até certo ponto, antecipar. Seja como for e apesar de todas as carências que podem ser sublinhadas, o Instituto, desde suas origens, alimentou bem a viva consciência de ser um corpo espiritual que cuidou com carinho, do “espírito do Instituto” feito de humildade e de imitação de Maria. Teve seguramente, uma espiritualidade bastante claramente definida.

Seus maiores problemas num contexto eclesial que não permitia aberturas, certamente foram:

- um relacionamento com o mundo muito apoiado na tradição monástica;
- uma concepção muito clerical e pouco fraterna da vida religiosa.

O espírito do Instituto não podia existir senão sob uma forma única fornecida só pelos superiores. Neste contexto binário de adesão sem reserva ou de “mau espírito”, não havia lugar para o debate público. Por isso me parece difícil falar de escola de espiritualidade marista no Instituto, para a época que precede 1958, mesmo se em alguns lugares e momentos (equipes de superiores maiores, capítulos, segundos noviciados...) funcionaram grupos oficiais ou informais exercendo a mesma função destas escolas.

E, em nossos tempos, podemos dizer que o Instituto criou uma ou duas escolas de espiritualidade? Parece-me que se tende para isto. Em todo caso, há condições para que possam emergir. Estas condições são: a consciência da necessidade de tais escolas, como também uma capacidade intelectual e institucional para fazê-las existir. Acrescentemos, o que não é pouco, que estas hipotéticas escolas de espiritualidade disporiam de material marista considerável em cujo bojo, as circulares, sejam quais forem seus limites, não são a menor parcela..

QUADRO SÍNTESE DAS CIRCULARES DOUTRINAIS

Para facilitar um contato renovado com a tradição espiritual, conviria fazer uma toailete nas circulares, recompondo-as em grandes dossiês temáticos e cronológicos, como:

- Ensino espiritual fundamental: compreendendo todos os textos doutrinários elaborados e de extensão conveniente.
- Ensinos espirituais de circunstância como convites para o retiro, exortação a tal ou tal devoção...
- Educação e ensino; compreendendo a evolução do pensamento educativo, as diversas tecnologias e a vida das escolas...
- Os Irmãos falecidos: notícias biográficas...
- As causas de beatificação e canonização
- Os capítulos gerais...

O trabalho que segue, é um esboço do que poderia ser um dossiê sobre a história da espiritualidade marista através das circulares. Foram selecionados apenas os textos que nos parecem apresentar um ensinamento espiritual e fundamental e estruturado ou etapas importantes da história espiritual da Congregação. Abrir-se-á uma exceção para as circulares do Pe Champagnat, muito curtas (o fato de serem manuscritas torna obrigatória a brevidade), mas evidentemente muito importantes devido às origens. De um a três asteriscos assinalam as circulares mais interessantes. Consegui coletar 186 textos.

Decidi conservar tais e quais as circulares divididas em três ou quatro partes, para respeitar o mais possível a cronologia da publicação das mesmas. Digamos que o conjunto que segue comporta mais ou menos 150 ensinamentos sobre a espiritualidade marista escritos por uns 15 autores escalonados ao longo de 170 anos. A contribuição de cada autor é lembrada rapidamente, no início da lista de suas circulares.

AS CIRCULARES ESPIRITUAIS***Do Espírito do instituto à espiritualidade marista.*****Circulares do tempo do tempo do Pe. Champagnat**

As circulares do Pe. Champagnat são breves, afetuosas, circunstanciais: uma no começo do ano e outra, para anunciar os retiros. Apresentam l'Hermitage como a cidade de Jesus e Maria (um coração e uma alma). Só a última sobre a relação entre ensino profano e religioso é doutrinal.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
1	1	15/1/1829	"Maria nos plantou em seu jardim"
1	3	10/9/1830	"Deus é nosso defensor"
1	4	10/8/1834	"Desejo que Jesus e Maria sejam vosso único tesouro."
1	5	24/8/1835	"Como os apóstolos no cenáculo...um só coração e uma só alma"
1	7	19/1/1836	Esboço de testamento espiritual
1	11	10/1/1837	"Amemo-nos uns aos outros"
1	13	21/1/1837	Entrega da Regra "abençoada pelos doces nomes de Jesus e Maria."
1	14	12/08/1832	"Todos reunidos sob o estandarte da Augusta Virgem".
1	15-16	15/8/1837	"Esta Boa Mãe vos constituiu como novos apóstolos."
1	17-18	4/9/1837	Morte do Ir. Doroteu. "Deus nos chamou para sermos santos".
1	19-22	23/8/1838	Viver e morrer sob os auspícios de Maria
1	24-25	13/1/1839	Ação de graças a São José
1	26-27	9/9/1839	Reunião sob os auspício de Maria, nossa Boa Mãe.
1	28-31	6/12/1839	Trabalhar com coragem na obra de Maria. (autor: Irmão Francisco)
1	32-37	10/1/1840	Prioridade do catecismo sem negligenciar as materias profanas

No generalato do Irmão Francisco (1839 a 1860)

Irmão Francisco: Cuidado em cultivar a memória do Fundador. Sobre tudo a primeira síntese espiritual: a circular sobre o espírito de fé, provavelmente uma obra coletiva implicando o Irmão Luiz Maria e os capelães de l'Hermitage (Cf Irmão Avit) sem referência direta ao Pe Champagnat. Circulares circunstanciais (a Imaculada Conceição... A regra).

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
1	41-41	6/6/1840	Morte do Pe. Champagnat
1	43-44	8/9/1840	Cultivar a memória do Pe. Champagnat
1	45-55	15/1/1841	Abertura de um dossiê para arquivar as circulares
1	58-60	10/8/1841	Recolher os documentos de Champagnat

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
1	84-93	15/1/1844	Testamento espiritual do Pe. Champagnat
1	122-132	31/7/1847	“Como somos felizes por sermos filhos de Maria”
2	5-23	15/12/1848	Espírito de fé (I)
2	29-41	16/6/1849	Espírito de fé (II)
2	75-98	21/12/1851	Espírito de fé (III)
2	123-141	11/1/1853	A regra
2	145-168	9/4/1853	Espírito de fé (IV)
2	192-197	26/6/1854	As regras e as constituições (Autor: Capítulo geral)
2	203-222	2/2/1855	O dogma da Imaculada Conceição
2	261-287	6/1/1857	Índice temático das máximas e exemplos do Fundador
2	301-309	8/12/1857	Santa alegria e confiança em Deus
2	345-364	15/4/1859	O espírito de piedade
2	376-396	31/12/1859	O religioso é templo do Espírito Santo

No generalato do Irmão Luiz Maria (1860-1879)

Irmão Luiz Maria: Continua um verdadeiro corpus doutrinal que os superiores seguintes citarão e farão reimprimir. Esta série de grandes instruções doutrina parece continuar até 1873. Um tríplice objetivo as caracteriza: restaurar a piedade, a caridade e a regularidade.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
3	5-28	27/12/1860	Regularidade, piedade, caridade (programa de governo)**
3	30-62	16/7/1861	A devoção a Maria***
3	67-103	19/3/1862	Caridade fraterna (clássica, sem maior interesse)
3	129-151	2/2/1863	Dever da oração (1)
3	176-206	8/12/1863	Pontualidade (regularidade)
3	234-265	19/3/1865	Dever da oração (2)
3	275-293	17/1/1866	Irmão Boaventura, modelo do Irmão Marista***
3	331-362	9/2/1867	Formação dos Irmãos e espírito religioso***
3	397-425	8/12/1867	Formação dos Irmãos (continuação)***
3	463-485	2/2/1869	Pureza de intenção e imitação de Jesus Cristo
4	206-230	2/7/1871	Meditações sobre a Visitação- Maria Medianeira
4	239-306	8/4/1872	Ir. João Batista, o espírito sério***
4	349-411	24/5/1873	Ir. João Batista (continuação), espírito de fé***

Um segundo Irmão Luiz Maria? O superior inquieto que vê chegar um novo regime político hostil. Esforço de aprofundamento da espiritualidade,

Pontmain⁸ servindo-lhe como base: quando a situação é catastrófica, voltar-se para Maria e Jesus.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
5	7-67	6/6/1874	Pontmain ou a escola da oração*
5	68-113	24/5/1875	Pontmain (II)*
5	114-187	17/1/1876	Pontmain (III)*
5	402-434	16/6/1877	Vida mística de Cristo nas almas***
5	505-566	17/1/1878	Pontmain (IV) A simplicidade cristã
5	573-578	17/1/1878	A simplicidade cristã (continuação e fim)

Um superior que envelhece, preocupado com a morte que se aproxima. Em síntese, duas etapas em suas instruções: uma primeira etapa que se impõe, de redesenho da Congregação; a segunda, mais pessoal, mais mística, mais inquieta.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
6	78-111	8/12/1878	O inferno e a eternidade infeliz
6	142-166	2/7/1879	A eternidade (continuação)
6	166-192	30/11/1879	Vocação, chamado à santidade

No generalato do Irmão Nestor (1880-1883)

Embora curto seu generalato, o Irmão Nestor abre a uma nova concepção do espírito Marista, preconizando a religião do coração e uma visão mais aberta da instrução e do trabalho intelectual.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
6	241-266	19/3/1881	A instrução cristã das crianças***
6	268-274	19/3/1881	Notícia biográfica do Irmão Francisco*
6	333-343	12/7/1881	Devoção ao Sagrado Coração**
6	361-376	1/3/1882	O plano de estudos (apresentação)***

⁸ Aparição de Maria na Normandia durante a guerra de 1870.

No generalato do Irmão Teofânio: 1883-1907

A contribuição espiritual do Irmão Teofânio é reduzida: suas circulares aproveitam o trabalho de outras pessoas: (o Irmão Luiz Maria, o Papa, sacerdotes) e apresentam muitas narrações de viagens. Se apresenta como homem de ação e administrador empenhado na difusão mundial da Congregação e preocupado com as dificuldades da educação na França. Mas esta impressão é contrabalançada por algumas circulares profundas, sobretudo no começo e no fim de seu mandato. Pode-se também pensar que foi necessário muito tempo para digerir a literatura abundante e às vezes, prolixa do Irmão Luiz Maria. Enfim, compreende-se que confrontado com a secularização, tenha, nas suas últimas circulares, voltado a temas fundamentais, como a oração e a vocação.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
7	308-314	25/1/1887	Espírito de fé, Espírito do Fundador, Esp. do Instituto 88
7	338-357	22/10/93	A educação
8	512-532	1/1/1895	A piedade nas escolas livres, segundo o Pe. Fèvre, salesiano(1)
8	575-591	11/6/1895	A piedade nas escolas livres (II)
8	687-705	22/12/1895	A piedade nas escolas livres (III)
9	330-336	24/5/1898	Obras para a juventude (I)
9	375-379	27/12/1898	Obras para a juventude (II)
9	447-455	2/6/1899	Obras para a juventude (III)
10	143-152	10/5/1902	Espírito de oração***
10	410-420	19/3/1904	Fidelidade à vocação*

Sob o generalato do Irmão Estratônico: 1907-1920

Como o Irmão Teofânio, o Irmão Estratônico se defronta com dificuldades enormes: a secularização, a guerra. Deve fazer assimilar as novas Constituições de 1903, aprovadas por Roma. Prepara o Centenário do Instituto. Suas circulares vão se dirigir para a fidelidade às origens, respeito às regras e Constituições, confiança na Providência. Sua interpretação das origens é marcada por dois traços originais: importância que atribui aos primeiros Irmãos e a virtude de doação.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
11	197-204	31/12/1907	Confiança na Providência
11	204-208	31/12/1907	Elogio do Irmão Teofânio: uma "regra viva"
11	335-350	2/2/1909	As Constituições: Histórico

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
11	395	25/4/1909	Preparação ao Centenário: Imitar o Pe. Champagnat (I).
11	447	25/5/1910	Imitar o Pe. Champagnat, no seu espírito de fé ***
11	485-508	2/2/1911	As Constituições***
11	558-565	18/05/1911	Imitar a força e o santo temor de Deus de Champagnat
12	7-34	2/2/1912	Nossas Constituições, (artigo 144) (provação da secularização)***
12	119-124	22/4/1912	Imitar o Pe Champagnat: presença de Deus e zelo.***
12	175-204	2/2/1913	Nossas Constituições: art 67 (estudo religioso) e art.71.
12	245-259	24/5/1913	Considerações úteis:Reformar, conformar, transformar
12	245-259	24/5/1913	Imitação do Pe. Champagnat e de nossos pioneiros
12	325-343	2/2/1914	As Constituições
12	505-523	24/5/1914	Temor reverente a Deus(horror do pecado, inferno)
13	18-37	2/2/1915	A Divina Providência
13	37-45	2/2/1915	A Paz
13	67-86	2/2/1915	O purgatório e a devoção às almas do purgatório
13	98-104	1/6/1915	Renovação no espírito de piedade
13	130-164	2/2/1916	Imitar a fé, o fervor e a força do Pe. Champagnat e dos primeiros Irmãos
13	165-188	2/2/1916	Constituições: artigo 58, sobre a obediência
13	207-222	24/5/1916	Evocação dos últimos dias do Pe. Champagnat
14	4-29	2/1/1917	Papel providencial do Instituto durante seu primeiro século***
14	58-80	24/5/1917	Crescimento do espírito sobrenatural
14	40	9/2/1918	Benefícios da Congregação: sua beleza. Autor:um Irmão
14	91-104	2/2/1918	As bem-aventuranças
14	104-133	2/2/1918	A perseverança
14	175-202	24/5/1918	Fortificar em nós, o Reino de Deus (Cristo Rei)
14	223-256	19/3/1919	A regularidade (Testamento espiritual do Ir Estratônico)
14	293-300	24/5/1919	Dedicação (típica do Irmão Estratônico)

No generalato do Irmão Diógenes: 1920-1942

Enquanto o Irmão Estratônico se aproximava do Irmão Luiz Maria, pela sua contribuição doutrinal considerável, o Irmão Diógenes se parece mais com o Irmão Teofânio: pouca contribuição pessoal, mas muitos relatórios, textos pontifícios, e livros de autores espirituais atuais. Espírito conservador, esforça-se, no entanto, para entender a secularização como forma autêntica de vida religiosa, ainda mais que tem uma viva consciência que o Instituto vive, sem cessar, em algum lugar em situação de perseguição, mais ou menos larvada.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
14	515-536	25-12-1921	Vocação, perseverança, votos, dispensa*
14	613-620	25-12-1922	A alegria
15	1-11	24/5/1923	Empregar bem o tempo.
15	81-95	25-12-1923	O essencial da vida religiosa (problema da secularização)***
15	150-160	24/5/1924	Devoção a Maria, na educação
15	293-308	8/5/1925	O voto e a virtude da obediência (para recordar)
15	432-465	24/5/1926	O espírito do Venerável Pe. Champagnat***
15	519-542	25/12/1926	As doze virtudes recomendadas por Santo Afonso de Ligório
16	199-218	25/12/1928	A graça da caridade (inspirada pelo Pe. Janvier)
16	585-594	24/5/1931	Santo Agostinho, mestre de vidas interior segundo o Pe. Cayré
17	10-30	25/12/1932	Maria modelo de pobreza, castidade, modéstia, obediência.
17	65-85	16/4/1933	As perseguições anti-cristãs.
17	125-140	25/12/1933	A alma de Jesus durante a Paixão (segundo Monsabré)
17	570-584	25/12/1936	A ação Católica
17	599-613	24/5/1937	O purgatório
18	599-613	24/5/1938	Devoção ao Sagrado Coração
18	167-227	24/5/1939	Centenário da morte de Champagnat. Histórico da causa.

Do Irmão Michaelis (Vigário Geral itinerário): 1942-1945

O Irmão Michaelis, parece inteiramente preocupado com a conservação do Instituto, numa guerra que obriga a muitos Irmãos a viverem em situações imprevistas. As circulares parecem descoladas da realidade.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
19	233-248	25/12/1943	Nossas casas, como "casas de Deus"
19	310-330	25/12/1944	Conservação das vocações

Do tempo do Irmão Marie-Odulphe (Vigário Geral interino): 1945-1946

O Irmão Marie-Odulphe apresenta instruções de valor espiritual e compreende-se sua preocupação pela restauração depois de um período conturbado mas fica-se desencantado ao não encontrar nenhuma reflexão séria a respeito da reviravolta pela qual está passando o mundo, reviravolta que parece querer continuar.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
19	351-362	24/5/1945	Restaurar no espírito do Fundador, pela regra***
19	369-390	25/12/95	Volta ao espírito de Champagnat***
19	430-454	24/5/1946	Zelo para a educação

No Período do Irmão Leônidas: 1946-1958

O Irmão Leônidas ofereceu um grande esforço doutrinal: duas circulares por ano, tradicionais mas de bom nível. Sente-se nelas a vontade de restaurar o Instituto, em profundidade, diante de problemas que preocupam tais como a pouca estima da vocação e a falta de constância. Existe a idéia de uma mudança necessária embora de maneira muito tímida.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
19	631-648	8/12/1947	O bom emprego do tempo
20	8-32	24/5/1948	Tender à santidade pela regra, como o Bem-aventurado Benildo
20	91-118	8/12/1948	A direção, meio parta fazer reinar a unidade***
20	175-198	24/5/1949	Os conselhos locais: sua necessidade.
20	337-363	24/5/1950	Dar o bom exemplo
20	407-453	8/12/1950	Recrutamento e cultura das vocações
20	481-511	24/5/1951	Amar mais a Congregação e servi-la melhor.
20	568-604	8/12/1951	Cuidar da saúde e dos doentes
21	11-48	24/1/1952	Maior confiança em Maria**
21	84-122	8/12/1952	Somos Irmãozinhos de Maria (Espírito Marista)**
21	173-203	24/5/1953	A caridade fraterna
21	233-261	8/12/1953	Luta contra o pecado impuro
21	259-327	24/5/1954	Retiro (cf. manuscritos do Irmão João Batista).
21	361-393	8/12/1954	Visitas e correspondências
21	393-401	8/12/1954	Estimar nossas Constituições
21	441-466	7/5/1955	Beatificação -imitar o Pe Champagnat (seu espírito de fé)
21	510-547	8/12/1955	Fidelidade à pobreza
21	570-585	24/5/1956	Imitar o dom de fortaleza do Pe Champagnat**
21	625-644	8/12/1956	Caridade para com os alunos
22	7-39	24/5/1957	A perseverança**
22	80-98	9/12/1957	Glorificar a Deus, pela nossa vida: pureza de intenção

Sob o comando do Irmão Charles Raphaël- 12958-1967

O Capítulo de 1968 marca uma ruptura com a tradição toma decisões que hoje, parecem anódinas, mas que na época eram de grande alcance, como a meditação individual. Trata-se da irrupção de um certo individualismo num universo até então extremamente comunitário.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
22	322-358	24/5/1959	Revivificação do espírito do Bem-aventurado Fundador

Asa circulares do Irmão Charles-Raphaël parecem obedecer a duas preocupações sucessivas: em primeiro lugar, levar o Instituto a admitir que é necessário evoluir.. Depois, diante da torrente de inovações, e de desestruturação ocasionada pelo Concílio e o reboiço da sociedade, relembrar os fundamentos da tradição. Aparece um sinal importante de mudança: a palavra “espiritualidade”.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
22	384-422	8/12/1959	Um zelo mais ardente e esclarecido
22	429-458	24/5/1950	Vida de família
22	492-515	8/12/1960	Nossas regras comuns (o uso da palavra “espiritualidade”)
22	529-565	1/5/1961	Nossa vida espiritual***
22	621-652	24/5/1962	O desejo de união
22	673-703	8/12/1962	Exigências atuais de nossa vocação apostólica.
23	7-46	24/5/1963	Conservação e crescimento do Instituto (I)
23	54-102	8/12/1963	Conservação e crescimento do Instituto (II)
23	117-176	24/5/1964	Conservação e crescimento do Instituto (III)
23	187-222	8/12/64	Conservação e crescimento do Instituto (IV)
23	240-290	1/5/1963	Fidelidade ao espírito de nossa vocação e lei da adaptação
23	207-303	1/12/1965	O Concílio Vaticano II e a preparação do capítulo geral (I)
23	359-394	1/5/1966	O Concílio Vaticano II e a preparação do capítulo geral (II)
23	425-471	1/12/1966	Preparação do capítulo Geral de 1967
23	525-541	6/6/1967	Considerações sobre o capítulo especial

Sob o generalato do Irmão Basílio Rueda: 1967 –1985

Com o Irmão Basílio assistimos a uma ruptura cultural e institucional claramente percebida e aceita, e a um esforço sistemático de re-interpretação da tradição marista. A Congregação não é mais percebida como um ente em si, desligado dos tempos e lugares, mas, ao contrário, como uma sociedade que apenas tem sentido na recepção-transmissão da salvação divina às pessoas, à Igreja e ao mundo. Trata-se de uma verdadeira re-fundação da espiritualidade da Congregação, ao menos tão importante quanto a realizada nos anos 1850-1870, sob os Irmãos Francisco e Luiz Maria.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
24	1-67	2/1/1968	Capítulo geral (I) balanço da primeira sessão
24	69-91	2/1/1968	Capítulo geral (II) a inter-sessão
24	121-159	2//1/1968	Capítulo geral (III) diante da segunda sessão
24	161-343	2//2/1968	Capítulo geral (IV) Um capítulo para o mundo de hoje
24	347-668	2/1/1968	Capítulo geral (V) Apelos da Igreja e do Fundador
25	47 -308	6/6/1970	Vida comunitária
25	344-399	1/7/1971	A Conferência geral
25	483-556	1/11/1975	Falando de oração (I)
25	557-580	1/11/1973	Falando de oração- apêndice(II)
26	7-150	30/5/1975	A obediência
26	173-249	25/12/1975	A respeito do espírito do Instituto
26	253-714	8/9/1976	Um novo espaço para Maria
27	5-168	19/3/1978	Projeto comunitário (I)
27	193-258	21/11/1980	Projeto comunitário. Capítulo complementar
27	326-364	8/12/1982	A meditação (Circular aos Irmãos Provinciais)
28	3-623	8/9/1984	A fidelidade

No generalato do Irmão Charles Howard (1985- 1993)

Como conveniente, após um período de intensa atividade doutrinal, os generalatos seguintes são mais discretos situando-se no mesmo veio. Com o Irmão Charles aparece a primeira circular portadora do título “espiritualidade marista”.

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
20	16-40	25/12/1986	Constituições e Estatutos, nossa regra de vida
29	47-93	1/11/1987	As vocações
29	107-147	31/7/1988	O discernimento
29	155-163	210/5/1989	O Fundador interpela seus irmãos
29	255-283	12/3/1990	Semeadores de esperança
29	297-340	30/11/1990	Um apelo urgente “Solicitududo rei socialis”
29	345-419	15/10/1991	O Movimento Champagnat da Família Marista
29	425-532	25/3/1992	Espiritualidade apostólica Marista
29	535-585	10/7/1993	Espiritualidade apostólica (II) redação pelos membros do Conselho geral)

Sob o generalato do Irmão Benito Arbués (!993-2001)

VOL.	PÁGINAS	DATA	TÍTULO DAS CIRCULARES
30	5-53	8/11/1997	Avançar serenamente, mas com pressa(Conf. Geral)
30	61-102	8/5/1998	Fidelidade à missão em situações de crises sociais
30	123-157	1/9/2000	Convocação ao capítulo geral
30		31/10/2000	Nossos bens

‘A Família Marista’

– em sentido literal –

Alois GREILER, S.M.

Alois GREILER é um Padre Marista que mora em Abmsen, ao Norte da Alemanha, onde trabalha como pároco de quatro pequenas cidades. Ele é também membro de um centro de espiritualidade para leigos. Faz parte de uma equipe que prepara uma conferência internacional sobre a Sociedade de Maria: “Colin e a Oceania”. Em 2004, como capelão em Manziana (Itália) para um grupo de Irmãos Maristas e Marianistas, ele concluiu alguns artigos sobre o padre Colin. Um dos irmãos os enviou ao Irmão Gabriel Michel para que o traduzisse para o francês e, eventualmente, o publicasse nos “Cadernos Maristas”. Eis porque a presença deste artigo. Agradecemos ao Ir. Gabriel Michel por seu trabalho.

A Família Marista de congregações religiosas inclui muitos laços entre as famílias naturais de seus membros. As famílias Colin, Chanel, Chavoïn e outras foram as integrantes dos primeiros Maristas a terem um ou mais membros nas congregações maristas. Para ilustrar esses laços, embora não sendo completas, encontram-se relacionadas, abaixo, as seguintes referências:¹

I. A FAMÍLIA COLIN

Pierre Colin, o irmão dele, foi o primeiro a ser recrutado e assumiu responsabilidades importantes e variadas (foi o diretor para leigos e irmãs). Frequentemente, Jean-Claude o consultou. Pierre, como padre em Cou-

¹ Agradeço profundamente pelo material reunido por outras pessoas: *Correspondência de Madre Saint-Joseph (CMJ)*; *Índice Madre Saint Joseph (IMJ)*; *Um Fundador fala (FS)*; *Um Fundador age (FA)*; *Origens Maristas (OM)*; *Resumo dos anais do Irmão Avit*; Gabriel Michel FMS, *Champagnat dia a dia*, Roma 2001; *Cronologia do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas*, Roma, 1976. Nean Neantin, *Colin*, volumes 1 e 6, Arquivos da Sociedade de Maria em Roma (APM). Para maiores informações consultar as obras biográficas. Os Maristas não são os únicos em relação aos laços familiares. Encontramos três irmãos Chaminade na origem dos Marianistas, entre religiosa conhecida também sob o nome de “Sociedade de Maria”.

touvre, conheceu Jeanne-Marie Chavoïn e Marie Jotillon. Foi ele que as convidou a vir a Cerdon e assim as ajudou a discernir sua vocação Marista como fundadoras. Jotillon tinha trabalhado com Jeanne-Marie Colin, a irmã mais velha do Colin, num grupo de professores seculares.

Sobrinhos e sobrinhas seus, quatro irmãos, entraram na congregação dos padres e/ou das irmãs.

- Eugène Colin se tornou Padre Marista e estava presente quando Colin morreu².
- Seu irmão Alphonse era um noviço, mas deixou a congregação em 1847³. Mais tarde, entrou na Terceira Ordem em Lyon.
- Jean-François Colin (1818-1899), sétima criança de Jean Colin, irmão mais velho do fundador, entrou em l'Hermitage, a casa-mãe dos Irmãos Maristas, 1844. Teve que abandonar a congregação, devido a problemas de saúde, em 1870, e algum tempo depois tornou-se o prefeito de Chapelle-de-Mardore. O seu pai, Jean, veio viver com ele e, em 1867, por insistência de Jean-François, o Jean-Claude veio visitá-lo⁴.
- Clothilde (Irmã Ildephonse) e
- Louise (Irmã Agnes) Colin, irmãs de Eugène e Alphonse, se tornam as duas primeiras irmãs Maristas⁵. Clothilde⁶, superiora da primeira escola de governo das irmãs em Collonges, foi a terceira superiora geral. Louise também teve outras responsabilidades⁷.
- Jeanne-Marie Colin, irmã do fundador, e a sua amiga entraram em Bon Repos em 1836, mas deixaram a congregação no ano seguinte⁸.
- Jean-François Mercier (1832 - 1892) era filho do segundo matrimônio de uma irmã de Colin. Nasceu em Saint-Bonnet e se tornou padre Marista. Em 1860, Mercier deixou a Sociedade.
- Berthe Colin era irmã de algumas irmãs Maristas.
- Claudine Colin, irmã e madrinha de Jean-Claude, se tornou irmã da Santa Família.

2 CMJ, doc. 263

3 FA, doc. 267; CMJ, p. 167, p.14.

4 Ver G. Lessard (ed.), Projecto de edição das cartas escritas por Jean-Claude Colin durante o seu generalato (1836-1854), 9 fascículos, Hull, 1986-1990.

5 CMJ, p.188, nota de rodapé 8, duas sobrinhas de Colin entraram em 1847 e fizeram profissão em 1848.

6 CMJ, doc. 53; p.32, n. 61; p. 264

7 CMJ, pág. 239 nota de rodapé 8; pág. 265, nota de rodapé 17; pág. 270, nota de rodapé 5.

8 C. Rozier SM (ed.) Escritos de S. Pedro Chamel (EC), Roma, 1960, p. 152.

- Marie-Louise Colin era Irmã São-Agnes ao fazer parte das Irmãs Maristas.
- Os Padres Poupinel e Yardin são amigos íntimos da família Colin e freqüentavam reuniões familiares, como fizeram Clothilde e Louise⁹.

Depois de ele se ter resignado, temos muitas cartas de Colin para familiares seus que tinham entrado na Sociedade: Eugène, Irmã Ildephonse, Sœur Agnes¹⁰ e o seu 'pequeno sobrinho' Joseph Colin.

2. A FAMÍLIA CHAMPAGNAT

Marcellin Benedict-Joseph Champagnat (1789-1840), padre Marista e fundador dos irmãos dedicados ao ensino, teve em casa uma tia, Louise, Irmã de São José. Muitos dos seus familiares viveram em l'Hermitage em tempos diferentes¹¹.

Permitiu a seu irmão Jean-Pierre (1787-1833) e a seus filhos mudarem para l'Hermitage em novembro de 1883. A família inteira parece ter estado doente com tuberculose. O Jean-Pierre morreu a 16 de novembro, e sua esposa voltou a viver com seus pais. Uma filha sua passou a fazer parte das Irmãs Maristas em Bon Repos, mas teve que voltar para cuidar de sua mãe em Marlhès; outra filha, Anne, tornou-se uma Irmã em Bon Repos e aí morreu em 1835¹²; três filhos seus morreram em 1834 e estão entre os primeiros enterrados no novo cemitério, o atual: Jean, de quatro anos¹³, Jeanne-Marie Champagnat, de 15 anos¹⁴, e Barthelémy, de 19 anos, que fez sua profissão no seu leito de morte¹⁵. Seu irmão Marcelino, de 7 anos, morreu em 8 de dezembro de 1837¹⁶, sendo todos enterrados em l'Hermitage.

O irmão de Marcelino Jean-Barthelémy (1777 - 20.1.1838) ficou em casa, e dois dos seus filhos vieram para l'Hermitage. J.B. Champagnat tornou-se Irmão Théodoret, deixou a congregação e morreu de acidente em 1849¹⁷. O outro foi o Irmão Régis (1827-1885)¹⁸.

9 CMJ, pág. 264, pág. 239, nota de rodapé 8; APM 230.1, Cartas Colin, cópia, carta para Poupinel, 24.1.1857, onde Colin agradece a Poupinel pelo seu interesse na família dele.

10 APM 230.1, Cartas Colin

11 Cronologia do Instituto, p. 15-16.

12 IMJ, p.121.

13 Michel, *Au jour le jour*, pag. 275, p.279 ; *Abrégé des Annales*, p. 142.

14 Michel, *Au jour le jour*, p. 282.

15 *Abrégé des Annales*, p. 150.

16 Michel, *Au jour le jour*, p. 326.

17 Michel, *Au jour le jour*, pag. 280; *Abrégé des Annales*, p. 11.

18 Irmão Régis : *Abrégé des Annales*, pp. 11, 155, 184.

A irmã de Champagnat, Marguerite-Rose, era a mãe do ex-irmão Straton (“o pequeno sábio que nos deixou”)¹⁹.

Marie-Anne (1775-1817), outra sua irmã, casou-se com Benoît Arnaud e ensinou Champagnat em St Sauveur. Seu filho, Philippe, estudou latim com seu tio em 1821 (juntamente com o futuro Marista Matricon), para o qual trabalhou muito em l’Hermitage. Aí viveu com a família, próximo da capela atual, desde 1828. Marie-Anne teve dois netos, que se tornaram os irmãos: Tharsise (J.B.Seux, 1829-1890) e Théonas (A.Seux, 1840-1902; Oceânia). O hospício de l’Hermitage foi testemunha da morte de outro familiar, Théodore Bernard Arnaud, de 60 anos, o pai de J. M Arnaud, ecônomo em La Favorite, escola de Terciários Maristas; tal morte ocorreu no dia 9 de Julho de 1835²⁰.

3. A FAMÍLIA CHANEL

Pierre Chanel (1803-1841)²¹, sacerdote, encontra-se entre os primeiros vinte a fazerem profissão como Marista e entre os primeiros missionários enviados à Oceânia. Françoise Chanel, sua irmã preferida, tornou-se Irmã Marista, e morreu antes de Chanel. Outra irmã, Josephite, passou o ano de 1832 como pensionista em Bon Repos e casou-se em 1833. Seu primo Antoine foi, durante algum tempo, professor no Seminário menor de Belley.

4. A FAMÍLIA CHAVOIN

Jeanne Verchère, a mãe da fundadora, assumiu como governanta o presbitério em Cerdon quando Jeanne-Marie Chavoïn (1786-1858) passou a uma casa nova com a primeira comunidade de irmãs²². Mais tarde, acompanhou sua filha em Bon Repos, morreu. Jeanne-Marie se tornou a fundadora das Irmãs Maristas. Outra Jeanne-Marie Chavoïn, prima direita da fundadora, foi a primeira postulante das irmãs Maristas em Cerdon²³. Os sobrinhos e sobrinhas de Chavoïn, os irmãos Jean e Théodore-Augustin, Millot e sua irmã se relacionaram com os Maristas e lhes causaram certas

19 Avit em seus *Abrégé des Annales*, p. 18 (numeração da nova edição).

20 Michel, *Au jour le jour*, p. 290.

21 EC, p.509-512.

22 IMJ, p.118; CMJ, p.25.

23 IMJ, p.118.

dificuldades. Os meninos ficaram com sua tia e os irmãos Colin em Cerdon, em 1825²⁴. Ambos foram seminaristas no Seminário menor de Belley. Jean se tornou padre Marista²⁵. Théodore-Augustin tentou vocações diferentes: esteve em l'Hermitage em 1836 e 1837; esteve também com os Capuchinhos e na Cartuxa. Em 1847 morreu em St Etienne como professor, sem ter fundado uma família. Jean M. Millot entrou em La Capucinière em 1º de outubro de 1834 e se tornou padre Marista²⁶. Thérèse se tornou Irmã Marista e foi muito íntima de Chavoïn, que a apoiou, embora, ao que parece, tenha causado problemas dentro da congregação das irmãs. Thérèse teve muito respeito por Colin. Ela ficou com sua tia em Bon Repos e, depois da resignação da tia em 1853, foi com a fundadora para Meximeux e Jarnosse, muito provavelmente a pedido da referida fundadora²⁷. Porém, ela nem sempre tornou as coisas fáceis e, provavelmente, foi 'estragada' pela tia²⁸.

5. AS FAMÍLIAS DÉCLAS, DELORME DE POMPALLIER

Etienne Déclas, com sua chegada às missões de Bugey, onde teve grande participação, ajudou a fundação da Sociedade de Maria em Cerdon, e quatro sobrinhas suas se tornaram Irmãs Maristas²⁹.

Três irmãos da família Delorme estiveram ao mesmo tempo em l'Hermitage. Um deles ficou, Marie-Nizier, que foi para Futuna³⁰. O Padre Poupinel SM visitou os irmãos e as irmãs do Irmão Marie-Nizier. Os irmãos Delorme conheceram o Padre Fontbonne, que tinha sido pároco na sua paróquia e mais tarde em l'Hermitage. Com Jean-Marie Delorme também entrou um amigo seu, Irmão Rafael, cuja irmã tinha entrado em Bon Repos junto com duas das suas amigas.

Ainda que tenha estado com os aspirantes ao sacerdócio desde 1829, Jean-Baptiste Pompallier finalmente não se tornou Marista, porque foi or-

24 CMJ, pp. 24 e 30; OM 4, p. 313-314; Michel, Au jour le jour, p. 192, e p. 319.

25 CMJ, pp. 199, 291

26 Michel, Au jour le jour, p.283

27 CMJ, p.273 passim

28 CMJ, p.176, nota de rodapé 32.

29 Marie-Thérèse Aubauque SM, *La congrégation des sœurs maristes jusqu'au la démission de mère Saint-Joseph* (1786 - 1853). Dix-huit conférences données aux novices de Sainte-Foy du 24 octobre 1962 au 20 août 1963, Ms, Belley, 1964, p. 123 - 4; CMJ, p. 86, nota de rodapé 7; CMJ, p. 197, nota de rodapé 9; p. 228, nota de rodapé 5; CMJ, p. 284, nota de rodapé 6; IMJ, p. 122.

30 J. Ronzon FMS, *Jean-Marie Delorme - Frère Marie-Nizier (1817 - 1873). De São Laurent d'Agny à l'île de Futuna*, São-Martin-en-Haut, 1995.

denado bispo e designado para a Oceânia ocidental. De 1831 a 1832, um seu meio-irmão foi pensionista no Colégio de Belley³¹. Quando Pompallier voltou da Nova Zelândia em 1860, levou consigo sua sobrinha Luise, então irmã, e o irmão dela, padre Antoine³². Antoine Pompallier, seu sobrinho, nascido em Lyon em 1839, morreu nos EUA em 15 de agosto de 1886. Ele tinha passado algum tempo com seu tio bispo em Auckland.

6. OUTROS MARISTAS DOS PRIMEIROS TEMPOS E SEUS FAMILIARES NA GRANDE SOCIEDADE DE MARIA

- Bretão, um padre diocesano, que se tornou padre Marista e foi para Tonga, tem uma das suas sobrinhas que se fez Irmã Marista³³.
- Da família de Audras, dois dos primeiros irmãos dedicaram-se ao ensino, enquanto uma de suas irmãs, Marie Audras, entrou como Irmã em Bon Repos, com o nome de Irmã Saint-Louis, em setembro de 1828³⁴.
- Chanut, um dos primeiros padres Maristas, enviou seu sobrinho, cujo pai tinha morrido, ficando por isso abandonado a si mesmo, para l'Hermitage como candidato a Irmão em 1833³⁵.
- O Padre Jean-Baptiste Anliard foi juntamente com seu irmão Michael, Irmão secular, para a Oceânia em 1848.
- A Irmã Ambrose, segunda superiora geral das irmãs Maristas, teve uma irmã e duas primas na sua congregação³⁶.
- Charles-Alphonse Ozanam foi Padre Marista alguns anos, mas, mais tarde, deixou. Trabalhou em Paris e apoiou seu irmão Frédéric, fundador da Sociedade de São Vicente de Paulo. Frédéric foi um dos elementos que costumavam encontrar-se em casa de Louis Janmot, onde Perroton trabalhou.
- Biografias das primeiras SMSM mostram que houve muitos padres entre os seus familiares³⁷.

31 OM I, doc. 239

32 Jessica Munroe, *A História de Suzanne Aubert*, Auckland, Auckland University Press - Bridget Williams Books Ed., 1996, pp. 6 - 7; 55.

33 CMJ, doc. 68

34 CMJ, p. 160, nota de rodapé 7; Michel, *Au jour le jour*, p. 228; OM 1, doc. 445, nota de rodapé 7.

35 OM 1, doc. 263; *Abrégé des Annales*, p.126.

36 CMJ, p.160, n. 13; IMJ, p. 122.

37 *Our Pioneers*, vol 4.

- Jean-Anthelme Buyat, padre Marista, teve uma irmã, Irmã Marista³⁸. Ele foi mandado aos Maristas pelo seu irmão, pároco de Belleley e antigo aluno de Colin, Jean-Claude Buyat, que escreveu uma biografia de seu irmão³⁹.
- Barthelémy Epalle seguiu seu irmão mais jovem Jean-Baptiste e como ele entrou na congregação dos Maristas.
- Seis sobrinhos de Marie-Thérèse Jotillon, primeira companheira de Chavoïn, se tornaram Irmãos Maristas⁴⁰:
- Gabrielle Fayasson, irmã de dois Irmãos Maristas, que viveu em l'Hermitage como lavadeira até que chegasse um grupo de Irmãs da Santa Família;
- Marie Gardet, sobrinha de Marie Jotillon, que foi uma das primeiras postulantes das Irmãs Maristas em Cerdon;
- Claude-Antoine (morto na Oceânia em 1847)⁴¹, Jean-Baptiste Jacquet, Étienne e Antoine Séon. Augustin e Félicien de Verna integraram os primeiros padres Maristas, e
- Marie-Hermeline Courveille tornou-se freira beneditina em Pradines, aonde Chavoïn foi várias vezes para fazer retiro.
- O Irmão Liguori teve os pais, os esposos Chevalier, morando na casa dos anciãos de l'Hermitage, onde morreram em 1839.

Também existem mudanças de um ramo para o outro a saber: leigas, que apoiaram as missões, partiram, mais tarde, como irmãs missionárias⁴²; terciários, como Viennot e outros, entraram na Sociedade como padres ou irmãos; Eymard e Champion foram, respectivamente, o primeiro e o terceiro superior geral dos Padres do Santíssimo Sacramento.

Nem todos os familiares que entraram nos grupos Maristas ficaram: Jean-Marie Delorme (o Irmão Marie-Nizier), que trabalhou com Chanel em Futuna, teve uma irmã que era irmã religiosa, mas não Marista; Gabriel-Claude Mayet era sobrinho de Claudine Thévenet, fundadora das Irmãs de Jesus e Maria; um amigo da família Mayet-Thévenet se tornou bispo no Canadá e convidou os Maristas, durante o generalato de Colin, a virem para sua diocese.

38 CMJ, p. 167, p.14

39 *Notice on the life of...J.M.A. Buyat*, Lyons, Pelagaud, 1852.

40 Vivienne Goldstein SM, Marie Jotillon: *A Study in Light and Shade*, Ms, Bon Repos, 1988.

41 FS, p. 368

42 Ver G. Girard (ed.), *Lay Marists. Anthology of Historical Sources*, Roma, 1991 (LM), Index de nomes.

7. OS MARISTAS E OS CONTATOS COM SUAS FAMÍLIAS

Outro ponto de interesse é a relação dos primeiros Maristas com seus familiares que não eram Maristas. Já notamos que a fundadora ofereceu à sua idosa mãe um lugar no convento das irmãs. Em Belley, em ambos os internatos de Bon Repos houve familiares residentes, alguns dos quais eram órfãos (familiares de Chanel, Chavoïn e de Colin)⁴³. Devie ordenou que Colin visitasse seus familiares - algo que Colin não fazia desde muito tempo por causa de suas experiências de infância. Será que Colin participou de reuniões de família? Sim, mas apenas quando foi Superior Geral. Visitou Eugène, seu sobrinho, no lugar onde foi colocado, e viu suas sobrinhas que eram Irmãs Maristas. Peter Chanel SM, Joseph Chevron SM, Suzanne Aubert e Françoise Perroton partiram para as missões sem dizer adeus à família mais próxima – acharam isso muito difícil. Tudo o que dizemos é uma indicação das relações íntimas que os familiares mantinham mesmo depois de terem entrado na vida religiosa. Outros passaram o tempo em casa a cuidar dos pais doentes, a assistir a uma reunião ou simplesmente a fazer uma visita: Mariette Louvat, noviça e depois professora, foi para casa durante algum tempo para cuidar da família⁴⁴; o Padre Mayet ficou com sua família por longos períodos enquanto estava convalescente; os missionários na Oceânia mantiveram contato com seus familiares por cartas mandadas ao Superior Geral ou diretamente para eles; (Essas cartas levaram muito tempo para alcançar seu destino). Chanel morreu antes que ouvisse falar da morte de sua mãe; o Padre Detours deixou a Sociedade (SM), durante alguns anos, para ajudar sua família, depois voltou.

8. ENTRAR NA FAMÍLIA MARISTA POR SER DA MESMA ALDEIA OU ATRAVÉS DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO DE IGREJA

Ser habitante da mesma aldeia ou cidade estimulava o contato pessoal e as vocações Maristas. Depois de Chavoïn e Jotillon terem começado em Cerdon, mulheres jovens desta paróquia foram atraídas pelo seu exemplo. Dussurgey fez o noviciado sob a orientação do seu amigo, Girard, que era da mesma cidade. Lagniet veio da mesma aldeia da família Courveille, circunstância que o impediu de se tornar Marista. Como padre

⁴³ CMJ, p.239, nota de rodapé 9

⁴⁴ CMJ, p. 282, notas de rodapé 1.

em Lyon, conheceu Pierre Colin, Servant e Pompallier, e ficou com a melhor das impressões. Quando a diocese adiou sua partida para as missões estrangeiras, passou a fazer parte dos Maristas, a fim de originalmente ir para a Oceânia. Champagnat ensinou o catecismo a Gabriel Rivat (1808 – 1881, Irmão François), que se tornou seu sucessor à frente do Instituto. Um irmão e primo de Gabriel fez-se sacerdote, mas não Marista. Jean-Baptiste Epalle, um menino de Marllhes, freqüentava as classes de catecismo, dadas pelo seminarista Champagnat que, ao falar certa vez sobre as missões, fez suscitar naquele menino a sua vocação missionária, pois o próprio Epalle disse, mais tarde, que sua vocação estava ligada àquele momento. Foi bispo martirizado nas ilhas Solomão⁴⁵. Marie-Claudine Deville (Irmã de São Francisco Régis), de São Julien-en Jarez perto de Marllhes, foi enviada por Champagnat às irmãs Maristas em 1838⁴⁶. J.B. Matricon, Padre Marista, foi padre em Marllhes em 1828, ao qual Champagnat ensinou latim e o apoiou quando teve dificuldades como jovem padre. Matricon entrou na Sociedade em 1835 e, durante muitos anos⁴⁷, foi o capelão de l'Hermitage. Champagnat e Irmão Estanislau foram salvos por Mr Donnet ('Memorare' incidente). Um membro da família Donnet foi, mais tarde, o Arcebispo Donnet de Bordéus. Em 1838, os padres Maristas abriram, em Verdelaix, a diocese de Bordéus, sua primeira comunidade apostólica fora da diocese de Lyon.

As organizações de igreja favoreceram também os contatos entre as pessoas. Isso as conduziu, mais tarde, a formas de cooperação, até mesmo porque a paróquia era um lugar comum. Os anos vividos em conjunto no Seminário menor e, mais tarde, no Seminário maior de Lyon moldaram o primeiro grupo de aspirantes Maristas. Champagnat, Colin e Vianney se conheciam do seminário. Courveille contou aos seus colegas de seminário a sua experiência ligada a Le Puy. Seminaristas colegas dos primeiros Maristas, depois que se tornaram párocos e bispos, pediam irmãos ou padres Maristas. Nos seminários, a mentalidade, em relação aos religiosos ou às vocações missionárias, dependia muito da atitude dos superiores. Fontbonne e Janvier estudaram com os primeiros padres Maristas no seminário maior de Lyon e assinaram o pedido de Fourvière, indo então ambos como missionários para os Estados Unidos com o bispo que os tinha ordenado, Dubourg, e com eles Champagnat manteve contatos.

45 Veja a janela de vidro colorido na capela de Eremitério; Des de Abrégé Annales, p. 26.

46 Michel, *Au jour le jour*, p. 219; OM I, p. 445.

47 *Abrégé des Annales*, p. 167.

Fontbonne pediu Irmãos a Champagnat, este considerou seriamente o pedido, mas não conseguiu a permissão estatal. Quando Janvier voltou a St.Chamond dez anos depois, Champagnat lembrou-lhe a sua relação anterior com a Sociedade de Maria, mas ele não entrou nessa Sociedade, apenas ajudou Champagnat.

Champagnat enviou aproximadamente 15 moças a Bon Repos como Irmãs Maristas (ver o vitral colorido em l’Hermitage, com uma irmã Marista junto ao seu leito de morte, embora nenhuma irmã estivesse lá). Os Pequenos Irmãos de Maria de Nossa Senhora de l’Hermitage são um bom exemplo de vocações que surgiram da presença pessoal do fundador dos Maristas em aldeias vizinhas como la Valla, Marlhes, Saint-Genest-Malifaux, Saint-Sauveur-en Rue. Paul Sester FMS, trabalhando no “Registro de Entradas”, resumiu isto assim: “Origens. Quase a metade dos postulantes veio do departamento da Loire”⁴⁸.

Guillaume Douarre trouxe consigo três homens da sua paróquia, em Auvergne, uma área não-marista da França, quando entrou na congregação marista para ir para a Oceânia. Seus nomes tiveram um lugar especial na história de Nova Caledônia: Douarre, como bispo, Blaise Marmouton, Jean Taragnat e Gilbert Roudaire⁴⁹.

9. A REDE DE LYON, O CURA DE ARS, E O MOVIMENTO EUCARÍSTICO

Os Maristas dos primeiros tempos viveram numa rede de relações pessoais. Falaremos de três desses círculos que foram muito importantes para o começo da Sociedade de Maria: primeiro, o círculo de Lyon em geral,⁵⁰ e os lioneses apóiam as missões estrangeiras; em segundo lugar, a figura nacional do cura de Ars, amigo dos Maristas, e em terceiro lugar, o movimento eucarístico.

Lyon era um lugar extraordinário de renovação religiosa e atividade missionária. Os Maristas são uma congregação muito lionesa. Isto é evidente, considerando-se o lugar que esta cidade ocupa nesta rede. Não é

⁴⁸ Paul Sester FMS, Trazidos por Maria. Apresentação do “Registro de Entradas”, em Cadernos de Notas Maristas Nr. 20 (2004) 7 - 35, aqui p. 16.

⁴⁹ Georges Delbos, *L’Église catholique en Nouvelle-Calédonie*, Paris, Desclée, 1993, p. 26f.

⁵⁰ As Missões estrangeiras prosperaram em Lyon e muitos dos homens e mulheres conheciam-se uns aos outros. Ver: Yannick Essertel, Réseaux et vocations missionnaires dans le diocèse de Lyon de 1815 à 1962, em *Revue d’histoire ecclésiastique* 90 (1995) 49 - 70.

por acaso que, em tempos recuados, remotos, um missionário de Lyon, Jean-Louis Pastre, que inclusive conhecia Cholleton, o Vigário Geral, foi para a Oceania a pedido de Roma. Cholleton, que conhecia os Maristas, pediu aos aspirantes Maristas que aceitassem esta missão. Duplay, reitor do Seminário de Santi Irineu por muitos anos, permitiu que mais da metade dos seminaristas partisse para as missões estrangeiras, fato que, ao contrário, não foi seguido pelo seu sucessor. Finalmente, a partir de certo momento, apenas o bispo dava permissão para entrar numa congregação ou para ir para as missões. Depois da Revolução de 1789, continuaram precisando de pessoal. Entretanto, por falta de liberação, surgiam às vezes até conflitos como é o caso do Padre C. Jacquet, que de Lyon partiu para a Oceania sem permissão, como aconteceu com Colin, pois teve que ver o arcebispo. A **Propagação da Fé** e a Sociedade para a Oceania proveram benfeitores e vocações para a Sociedade de Maria (Auguste Marceau, Collomb). Os primeiros Maristas e capelães em l'Hermitage eram seminaristas, diáconos (E. Séon) e padres da diocese de Lyon. Loras, diretor do seminário menor de Meximieux, encorajou Chanel e Bret a partirem, e ele mesmo partiu para as missões (os E.U.A.).

Importância especial deve ser dada a Pauline Jaricot, ao seu *Rosário Vivo* e à sua *Propagação da Fé*. A Propagação tornou os Maristas conhecidos. Meynis, secretário da filial de Lyon, quis entrar na congregação Marista, mas Colin não lhe permitiu o ingresso pela importância do seu trabalho. Os *Anais da Propagação da Fé* contribuíram para uma nova consciência missionária e estimularam muitos a ir para as missões. Foi o caso de muitas famílias que subscreveram os *Anais* e promoveram-nos em paróquias e em seminários menores e maiores. Os Anais eram lidos fora da França também. A partir de 1837, notícias e cartas editadas dos missionários Maristas foram aparecendo. Do mesmo modo ficou famosa a carta das mulheres de Wallis às mulheres de Lyon. Esta carta inspirou Perroton a partir para Wallis em 1847. O confessor e protetor de Pauline Jaricot organizou apoio financeiro para l'Hermitage em um dado momento⁵¹. Françoise Perroton era a líder de um grupo de dez que foram juntar donativos. Suzanne Aubert era amiga delas, foi para o Pacífico onde, em Nova Zelândia, trabalhou com os Maristas e, posteriormente, fundou sua própria congregação. Chanel teve um contato com um amigo de Jaricot⁵². O próprio Colin

51 OM 1, doc. 265.

52 Anthony Ward SM (ed.),... Sempre seu pobre irmão. Peter Chanel: Cartas sobreviventes e Diário de Futuna (AMMA, 2), Roma, 1991.

conheceu Jaricot bastante cedo e teve muito a ver com a associação que ela chefiava. Um irmão de Jaricot estudava em Paris quando Colin foi ver o núncio⁵³. Eymard teve uma boa amiga, a Menina Perrin, sobrinha de Jaricot. Na realidade, os Maristas devem muito material e apoio financeiro e moral, no princípio, às agências de Lyon e de Paris pertencentes à associação de Jaricot, com cuja família puderam contatar Mayet e sua família através de sua tia, Claudine Thévenet⁵⁴. Eymard tinha contatos regulares com os membros da família Mayet. Sophie David, importante membro da Terceira Ordem de Maria dirigida por Eymard, estava entre as primeiras que ajudaram Jaricot⁵⁵.

Quando Epalle, Pompallier e Bataillon estavam na França, foram a paróquias, onde pregaram e recrutaram. Antoine Martin escutou Epalle e quis imediatamente juntar-se a ele, mas os pais não queriam que ele se tornasse missionário. Finalmente, Martin fez-se Marista, mas não foi para as missões estrangeiras; os seus talentos fizeram dele um bom elemento para trabalhar nos seminários maiores. Foi o terceiro superior geral.

Outro círculo a ser tomado em conta movia-se ao redor de Jean-Marie Vianney, o cura de Ars. Ele mandou muitas vocações aos diferentes ramos da Sociedade de Maria. Os Maristas foram visitá-lo e, como milhares de outros, fizeram uma peregrinação a Ars. Suzanne Aubert estava entre os peregrinos, e a orientação que o cura de Ars lhe deu foi importante para ela⁵⁶. Sua familiar Clothilde tinha entrado no TOM e foi como pioneira SMSM para a Oceânia em 1858⁵⁷. Devemos, no entanto, dizer que o cura de Ars encorajou vocações a entrarem em várias congregações, e não apenas na dos Maristas.

O terceiro círculo liga os Maristas ao movimento eucarístico na França, na segunda metade do século XIX. Muitos homens e mulheres concentraram sua atenção na adoração eucarística em Paris e Lyon: acabaram por formar um grupo de benfeitores donde saíram várias vocações. Os Maristas estavam bastante empenhados neste trabalho em muitos lugares. Os Maristas Bertholon e, mais tarde, Juillard, em Paris, estiveram empenhados no funcionamento de grupos de adoração eucarística para homens e

53 Donal Kerr, *Jean-Claude Colin, Marista. Um Fundador na Era da Revolução e Restauração: os primeiros anos 1790 – 1836*, Dublin, Columba Press, 2000, p. 185.

54 *Life and Work of Mother Mary St Ignatius (Claudine Thévenet), 1774-1837, Foundress of the Congregation of Jesus and Mary*, Dublin, Clonmore and Reynolds, 1953.

55 *Recolecções: Madre São José*, doc. 186

56 Munroe, *Aubert*, p. 40 - 42.

57 LM, doc. 287.

mulheres. Uma sobrinha de Bertholon entrou numa congregação chamada Adoração Reparadora. A Madre Dubouché foi uma figura central. O Bispo Douarre tinha-a encontrado em Paris, e Eymard também a encontrou quando de uma visita à referida capital (1849). Dubouché veio a inaugurar uma casa em Lyon (1850). Eymard, Colin e Madre Dubouché encontraram várias formas e planos para cooperação. Eymard era um amigo de Mayet e estava em contato com a família dele. Outro amigo da família Mayet era Charbonnel, mais tarde arcebispo de Toronto que, urgentemente, pedia Maristas para a sua diocese⁵⁸. Perto da comunidade Marista de Montparnasse, vivia um grupo de homens: De Cuers (mais tarde, o segundo superior geral dos Padres do Santíssimo Sacramento), Hermann Cohen e Fage, que promoveram adoração noturna para homens. Enquanto Bertholon SM residiu em Paris (1844 - 1852), esteve diretamente envolvido em vários projetos ligados a congregações eucarísticas e à adoração eucarística. Era o diretor espiritual de Dubouché. Conheceu Cohen e seus amigos. As Irmãs de Maria e a congregação de Dubouché foram influenciadas por ele. Viennot, Eymard, Philipon e o próprio Bertholon estavam interessados na possibilidade de um ramo Marista contemplativo. Depois da sua visita a Paris em 1849, Eymard ajudou a estabelecer esses grupos em Lyon. Eymard conheceu de perto as crianças Videntes de La Salette e Herman Cohen. O Padre Lagniet era um primo de Irmã Agnes, que era a superiora de um convento da Adoração das Irmãs Reparadoras. A Senhora Guillot, co-fundadora das Filhas do Santíssimo Sacramento, tinha conhecido Eymard por muitos anos devido à sua atividade na Ordem Terceira.

Sumário

Em relação aos primeiros seguidores de Jesus, os evangelhos nos falam sobre irmãos, sobre pessoas da mesma cidade, sobre os parentes de Jesus, dos quais destaca-se em primeiro lugar Maria, sua mãe, e outros familiares, que acolheram sua missão e finalmente acreditaram nele. Os evangelhos também nos falam de familiares que se encorajavam uns aos outros para segui-lo, como fez André e Pedro. Encontramos estes dois fenômenos na grande família Marista: laços familiares e atividade vocacional. Isto dá um bonito toque bíblico à família Marista dos primeiros tempos.

58 FS, doc. 150.

Colin já não tinha pais aos cinco anos, devido a circunstâncias dramáticas. Também Champagnat perdeu os pais bastante cedo: o pai em 1804, a mãe em 1810. Todos os Maristas dos primeiros tempos, de uma maneira ou de outra, herdaram de seus pais parte do seu caráter e parte da sua história pessoal. Os fundadores também tiveram, às vezes, que lidar com problemas familiares e assuntos financeiros. Em 1840, a irmã de Colin deixou-lhe uma grande soma de dinheiro. Champagnat, além dos negócios financeiros do Instituto, também era envolvido em preocupações financeiras relacionadas com sua família.

Jean-Claude Colin teve um amor ardente pela sua família religiosa, a Sociedade de Maria, e uma relação variada para com a sua família natural. Como órfão, foi confiado aos cuidados do tio e da sua empregada. Mais tarde, muitos foram confiados a ele. Olhou para Maria como sua mãe, como sua própria mãe lhe tinha dito no seu leito de morte. O tempo passado na casa paroquial de Cerdon, com seu irmão Pierre, com Jeanne-Marie Chavoine e os dois meninos de Millot, foi uma verdadeira experiência familiar e uma experiência familiar Marista, especialmente para Jean-Claude. Depois da experiência dramática, ao receber os últimos ritos, ainda relativamente homem jovem, se distanciou de sua família natural. Ainda como padre e Marista, ele viveu com um dos seus irmãos, Pierre, o primeiro elemento recrutado por ele. A relação de Colin para com a sua própria família mudou depois, devido às suas visitas a familiares que tinham se tornado Maristas, a seu irmão mais velho Jean e a alguns dos seus mais íntimos associados presentes em reuniões familiares. As suas experiências traumáticas com sua família durante a infância não deveriam ser tomadas exclusivamente como exemplo para as suas relações familiares.

Houve muitas novas congregações, e no recrutamento devem ser vistos e levados em conta diversos fatores: um deles parece ser a família. Vocações para os diferentes ramos da Sociedade de Maria vieram das suas próprias famílias. Além disso, eles encorajaram vocações para as diferentes congregações, e o mesmo fizeram os não-Maristas, como Jean-Marie Vianney.

Por outro lado, sabemos que alguns familiares associados aos Maristas causaram dificuldades⁵⁹. Os familiares tornaram mais lento o desenvolvimento das Irmãs⁶⁰ e contribuíram para tensões entre os Colins e

59 CMJ, p. 261, et alia.

60 CMJ, p. 215, nota de rodapé 5; p. 222, nota de rodapé 79.

os Chavoins⁶¹. Os Maristas dos primeiros tempos tiveram ligações familiares profundas e nem sempre as deixaram completamente ou facilmente. Os missionários, homens ou mulheres, escreveriam freqüentemente para casa, lá do Pacífico. As cartas dos familiares e amigos seriam um dos poucos meios de apoio moral. Quando morreram seus familiares, Suzanne Aubert herdou vários artigos de valor que a ajudaram a financiar seu trabalho em Nova Zelândia.

Assim, esta apresentação de um aspecto de Jean-Claude Colin e dos outros Maristas dos primeiros tempos lança alguma luz em vários outros aspectos: uma compreensão literal da "família Marista", as relações como família depois de ter entrado na vida religiosa, dificuldades provenientes dessas situações para os fundadores e também na relação existente entre eles. Outra tarefa não menos importante para Colin, Champagnat e Chavoin era saber como os seus familiares compreendiam a vocação Marista. Nisso, nós vemos parte do lado humano da sua história e também uma diferença em relação ao nosso tempo. Como Karl Rahner uma vez refletiu em "Os cristãos e seus familiares não-crentes". Como eles, então, hoje poderíamos entender nossos laços de uma nova maneira, ou seja, sentindo-nos Maristas na cooperação, irmãos adultos e irmãs da mesma família religiosa.

61 CMJ, p. 30-31.

Uma sociedade-mãe da Sociedade de Maria?

*Os «Amigos do cordão»
no Séminário Santo Irineu*

(1805-1816)

Ir. André LANFREY, fms

Todos os maristas sabem que nos primórdios, a Sociedade de Maria teve relações conflituosas com Bochart, fundador dos Padres da Cruz de Jesus, cuja obra começou em 1814, pela difusão no seminário Santo Irineu, de um texto intitulado o “Pensamento piedoso”. Instalados em 1816, na antiga abadia dos Cartuxos da Croix Rousse (Cartuchos da Cruz Vermelha), em Lyon, tendo Mioland como superior, os discípulos de Bochart, familiarmente chamados “os Cartuxos”, virão a ser mais tarde, os “padres de Santo Irineu”.

Os Padres Coste e Lessard consultaram os arquivos de uma sociedade que teve muitos laços com os Maristas. O volume I das *Origens Maristas* que, no capítulo II, faz um “Inventário das fontes consultadas” menciona (p. 92), os “Arquivos dos padres de Santo Irineu”, mas sublinha que “o maior mistério paira sobre o destino atual desses arquivos, utilizados ainda em 1937 por Odin, autor da obra *Les Chartreux de Lyon*”.

Ao descobrir, durante pesquisas feitas no arcebispado de Lyon, alguns documentos sobre Pousset, aspirante marista que se tornou Padre da Cruz de Jesus e fundador das Irmãs da Santa Família, entrei em contato com a Sociedade dos Padres de Santo Irineu, que continuavam estabelecidos nos Cartuxos) cujo superior, o Padre Martin, também historiador, generosamente me abriu os arquivos que o Padre Coste não tinha podido consultar, em 1960.

Minhas pesquisas no interior desse depósito permitiram enriquecer de maneira significativa nosso conhecimento das origens maristas, tanto pelos documentos que se ocupam delas, quanto pelo fato de indicarem

em que ambiente elas evoluíram. A partir dessa documentação, fiz um dossiê agrupando 91 documentos, que estão à disposição dos pesquisadores, e dos quais desejo aqui apresentar uma parte.

UMA “SOCIEDADE DO ZELO”

Nos documentos precedentes desenvolvi a idéia de que a Sociedade de Maria era, no início, uma sociedade secreta de seminário inspirada nas AA (Assembléias de Amigos)¹ fundadas no século XVII e destinadas a iniciar os aspirantes na vida espiritual e no apostolado.

Trabalhando nos arquivos dos Cartuxos tive a surpresa de descobrir uma dessas sociedades, contemporânea dos Maristas no seminário Santo Irineu. Seus membros se chamavam “os amigos do cordão”². Sua divisa era “*Labora sicut bônus miles Christi Jesu*”³, que eles escreviam, freqüentemente, de forma abreviada: L.S.B.M.C.J.

Essa sociedade é confirmada por Jean-Marie Mioland (1788-1859), seminarista em Santo Irineu de 1807 a 1812, depois diretor⁴ até 1816. Em seguida ele é superior dos Cartuxos, de 1816 a 1838. Sagrado bispo de Amiens, depois arcebispo de Toulouse, ele morre em 1859. Seus arquivos são conservados com os Cartuxos⁵. Em suas memórias redigidas em 1838⁶, antes de se tornar bispo, ele conta que pouco tempo depois da sua entrada em Santo Irineu 1807 ou 1808:

“Fui recebido em uma dessas reuniões do zelo da qual me tornei vice-presidente sob o nome de Pastre: uma graça que foi a fonte de milhares de outras, ao me ocupar do tema do zelo. Eles⁷ me ensinaram a observar, a julgar, a avaliar os homens, a não me espantar com suas grosserias, com suas falsidades e ingratidões; nesse mesmo ano fiz a ex-

1 Cadernos Maristas no 9, julho de 1996, p. 5-82, “A SM como congregação secreta”; no 17, maio de 2001, p. 55-82, “Sobre a sociedade de Maria como Congregação secreta”.

2 Não encontro significado deste cordão no qual, uma letra parece indicar a cor, ao designar os amigos do cordão com o título de “amigos vermelhos” cf dossiê Arquivos dos Cartuxos, doc. 44, carta de Gillibert, Roma, 28 maio de 1814.

3 Tirada de II Timóteo 2,3. Em suas cartas eles se autodenominam “Soldados de J. C.” ou “bravos”.

4 Os professores do seminário trazem o título de diretores.

5 Em OM4 p. 315-317, informação biográfica.

6 Cartuxos, caixa 1.

7 Os coirmãos da sociedade, mas sobretudo seu diretor espiritual: P. Royer.

periência⁸ de tudo isso. Fui encarregado de redigir e de escrever um novo regulamento que vigorou durante muito tempo.”

Pastre, o presidente dessa sociedade, e que foi seminarista de 1804 até sua ordenação sacerdotal em 26 de julho de 1809⁹, tem Mioland como vice-presidente durante o ano escolar de 1808, e que provavelmente o sucedeu. Quanto ao “eles” que ele emprega, refere-se aos dois diretores sulpicianos que parece patrocinar essa obra: os padres Royer e Maréchal¹⁰ que deverão deixar o seminário no final de 1811 sob a ordem de Napoleão, que dissolve a companhia de São Sulpício. O novo regulamento é, pois, redigido entre fins de 1808 e 1811. Não se trata certamente de uma criação, mas da atualização de um texto anterior à Revolução, cuja forma envelheceu.

Mioland nos esclarece sob a função dessa sociedade: formar uma elite de clérigos zelosos exercendo sua ação no seminário. Sua correspondência e suas notas nos dão outras informações precisas: os confrades, durante suas férias, devem se comportar como eclesiásticos edificantes, se consagrar a trabalhos piedosos como catequistas, visita às prisões... Eles se reuniam em certos domingos para rezar e celebrar juntos. Escrevem “comunicações de boas obras”,¹¹ cartas nas quais eles informam sobre seus trabalhos apostólicos... Evidentemente, durante o tempo do seminário eles mantêm reuniões regulares nas quais manifestam sua amizade, exortam-se à piedade, ao zelo e praticam a culpa. Eis o que recorda Mioland em suas “Reflexões por ocasião de minha ordenação”.¹²

“Nunca esquecerei aqueles com os quais eu tinha relações mais próximas, essas conversas tão amáveis e doces, onde a alma se desfolhava sem medo e das quais se saía sempre mais instruído e virtuoso! Situação feliz que vós me concedeste (enviaste), ó meu Deus (como um anjo) para abrir meu coração, me fazer conhecer as feridas, e os lugares fracos, e para fortificá-lo por tantas opiniões, bons conselhos, santos exemplos; poderiam essas lembranças se apagar para sempre (do meu coração)?”

8 Uma carta de Argenteuil de 24/9/1808 (Catuxos, Registro 67/23) parece fazer alusão a essas situações, das quais se ignora a natureza exata, mas parece vir dos seminaristas pouco inclinados a se deixarem embriagar por essa sociedade piedosa.

9 Nota biográfica em OM4 p. 321.

10 Subsistem nos arquivos de Mioland numerosas cartas de Royer, mas uma só – muito calorosa – de Sr. Maréchal que, tendo partido para a América, não pode se comunicar com facilidade.

11 Cartuxos R. 152, ne 89, carta de Picon, 25 de maio 1816.

12 Caixa 1, envelope 8, folha 8.

AS RESOLUÇÕES NO MOMENTO DA ORDENAÇÃO

Se os papéis dos Cartuxos não contêm o regulamento dessa sociedade, eles oferecem as resoluções de Mioland no momento da ordenação. E uma pequena caderneta existente nos arquivos das Irmãs da Santa Família de Lyon reforça um texto muito do Padre Pousset, seu fundador. Trata-se manifestamente do ato de engajamento para sempre dos amigos do cordão que, ao mesmo tempo em que ascendem ao sacerdócio, se engajam numa fraternidade sacerdotal apostólica. Os dois textos são muito longos para ser integralmente apresentados aqui, mas seu plano mostrará sua estrutura.¹³

Mioland : 14 de junho de 1812	Pierre Pousset: 28 de julho de 1817
RESOLUÇÕES PARA SE MANTER NO ESPÍRITO DE SUA VOCAÇÃO	
	L.S.B.M.C.J.
Invocação a Deus e aos santos 1ª resolução: Usar a roupa eclesiástica integralmente: batina, rabá, chapéu, tonsura... 2ª resolução: Afastar-se das sociedades mundanas. Somente das visitas necessárias	
Lembrar-se de sua qualidade de homem de Deus e ser o bom odor de J.C.	
Afastar-se particularmente das “pessoas do sexo feminino”	
3ª resolução: edificar-se com o exemplo dos coirmãos e lhes dá o bom exemplo. Cultivar a amizade com os melhores. Tomar um deles como conselheiro espiritual.	
RESOLUÇÕES MAIS PARTICULARES	
1. Todos os dias pelo menos uma meia hora de oração	
2. Recitação fiel do breviário na intenção de toda a Igreja, especialmente dos coirmãos.	
3. Leitura espiritual cotidiana	
4. Preparação cuidadosa da missa e ação de graças prolongada.	
5. Terço cotidiano	
6. Um quarto de hora, cotidiana, de visita ao Ssmo. Sacramento.	
7. Não administrar os sacramentos sem preparação prévia	

¹³ Ver o texto integral em anexo.

<p>COMPROMISSOES PESSOAIS Realizar boas obras com os “amigos”. União espiritual com os confrades duas vezes por dia nos SS. Corações de J. e M. Fidelidade ao estudo da moral e da Sagrada Escritura (a exemplo do arcebispo Motte de Orléans) Consagração de toda a vida à glória de Deus e à salvação das almas. <i>Ad majorem Dei gloriam</i>. Divulgar entre os fiéis o espírito do apostolado. Os ímpios se unem: porque não os amigos de Deus? Desprezar a aprovação dos homens e não ter em vista senão Deus¹⁴.</p>	
<p>PRÁTICAS IMPORTANTES PARA A PERSEVERANÇA</p>	<p>Além da leitura espiritual, da visita ao Ssmo. Sacramento, do terço:</p>
<p>Para evitar o relaxamento e assegurar a salvação, retiro espiritual anual no seminário visto como berço da vida sacerdotal.</p>	<p>Preparação para a morte quatro vezes ao ano.</p>
<p>Preparação para a morte de tempos em tempos.</p>	<p>Retiro espiritual anual no seminário visto como berço da vida sacerdotal.</p>
<p>Que estas resoluções assinadas com meu sangue sejam meu juiz se as abandonar, ou que ela sejam as primícias do sangue que desejo derramar para a glória de Deus. Enfim, que elas me recordem meu compromisso de viver somente para Deus. Breve invocação a Maria.</p>	
<p>Sem assinatura de Mioland.</p>	<p>Pousset assina efetivamente com seu sangue.</p>

Ainda que mais tardio, o texto de Pousset parece mais arcaico como se ele não tivesse levando em conta a versão modernizada de Mioland¹⁵. Sejas como for, esses dois textos sofreram a influência de uma pequena obra anônima intitulada: Associação ao Amor Divino (*Association à l’amour divin*) sob a proteção da Santíssima Virgem Mãe de Deus, de São José, primeiro associado do Verbo incarnado, e de São João Evangelista seu discípulo amado¹⁶. Em suas primeiras páginas a obra preconiza a formação de associações do amor divino:

“Devemos receber nessa associação apenas pessoas que temam a Deus e que já tenham sido tocadas por seu amor; ou cujos corações temos

¹⁴ Pousset utiliza como divisa: “D. S”, isto é, Deus só.

¹⁵ A sociedade funcionava seja em dois grupos, um mais próximo do antigo regulamento, seja os coirmãos tinham a possibilidade de escolher entre a antiga e a nova fórmula de consagração.

¹⁶ Uma primeira edição, de 236 páginas, em 1774, e uma segunda de 192 p., em 1782, editadas por Etienne Rusand, em Lyon.

a esperança de ganhar para Ele, embora seja muito oportuno começar a aproximá-las a Ele, antes de admiti-las. Importa que reine uma grande união entre os associados, uma total abertura de coração, a fim de que se intercomuniquem os bons sentimentos, se corrijam mutuamente os defeitos, e todos ajam em vista do bem e do amor a Deus.”

Cada associado “se verá como chamado por Deus para suprir aqueles que não o amam. Seu zelo em um ponto tão essencial deve levá-lo a expressar seu fervor ao próximo, a ganhar para Deus para sempre os corações que o amam, e sobretudo aqueles de sua condição, e mais particularmente ainda os jovens eclesiásticos, destinados que são pelo seu estado a se doarem inteiramente a Deus, a fazê-lo conhecer, amar e glorificar por todo o mundo.”

Parece então, que estamos na fonte do regulamento da sociedade dos amigos do cordão que reúne uma elite, unida pela caridade (Cor Unum...), o zelo, o cuidado com sua perfeição através do aviso fraterno.

Os textos de Pousset e Mioland refletem também a influência das Memórias em forma de cartas para servir à história da vida do falecido François Gabriel d’Orléans de la Motte, bispo de Amiens¹⁷. Esse prelado, nascido em Carpentras em 1683 e morto em 1774, é o modelo do padre santo. Os dois regulamentos fazem alusão a ele e citam algumas de suas expressões. Entretanto, não é impossível que a associação do Amor Divino tenha recebido sua marca.¹⁸

Pelo tom solene, o texto de compromisso de Mioland e Pousset soa à inteligência, como um programa de santidade eclesiástica – e até no vocabulário- às vezes, próximo do Formulário dos Maristas. Muito longo para ser pronunciado publicamente na sua totalidade, ele se assemelha ao “Pensamento piedoso” do Padre Bochart, um manifesto assinado pelos seus adeptos. Uma versão abreviada, serviu, talvez, como compromisso solene.¹⁹

Em resumo, essa “reunião do zelo” chamada também de “amigos do cordão” nos deixou a versão mais longa do seu projeto, enquanto os aspirantes maristas nos deixaram apenas a versão mais curta do deles, como diz Pierre Colin, em sua carta de 9 de outubro de 1819 a Mons. Bigex,

17 Pelo padre de Argnies, dois volumes, 1a e 2a edições, Malines, 1785.

18 P. 205 : “Bela expressão do coração de um prelado querido de Deus e dos homens, sobre a virtude da simplicidade.” Esse prelado parece ser Mons. de la Motte.

19 O livro “Association à l’amour divin” de 1774, contém, p. 15, uma breve oração de consagração individual ao amor divino, e p. 224 e 229 duas consagrações coletivas a Maria, semelhantes àquelas das congregações mariais. A segunda edição de 1782 não contém mais essas consagrações.

bispo de Pignerol²⁰: “Eles assinaram de comum acordo, o formulário seguinte que contém em resumo²¹ o objetivo e o plano da sociedade”.

POUSSET E OS ASPIRANTES MARISTAS

Pousset (1794-1883) tem direito, como Jean-Marie Mioland (1788-1859), a uma nota biográfica em *Origens Maristas*²². Nascido em 1794 em Cordelle, na Loire, ele frequenta os seminários de Saint Jodard (1807-1812), Verrières (1812-14), Santo Irineu (1814-16)²³. É considerado como um dos doze primeiros aspirantes maristas mas, mais jovem que os outros, deixa o seminário em maio de 1816 para se tornar professor em Verrières. Portanto, ele não assinou o formulário marista nem participou da cerimônia de Fourvière, em julho de 1816. Será ordenado padre somente em 1817.

Deixou²⁴ uma caderneta de 58 páginas que contém sua autobiografia iniciada em Alix (Loire) em 8 de fevereiro de 1822, cuja página 6 é preciosíssima para nós:

“... Em fins de 1814, eu fui para o seminário de Santo Irineu, em Lyon. Embora fraco de saúde, pude continuar aí os meus estudos, apesar das desordens e os temores provocados pelo retorno de Bonaparte (20 de março²⁵). Quanto ao interior, mesmas disposições, muita aridez, tentações de orgulho, e ainda que me dedicasse à vida oculta, havia, sobretudo, muitas distrações.²⁶ **Falaram-me do *Labora sicut b. etc*, da congregação dos RP da cruz, dos Maristas, assumi compromisso com a primeira, sentia atração para com a segunda e a última não me desagradava.** Quase fui morto pelo meu pai quando voltei para as férias, porque junto com Chizelle²⁷ nós fomos presos por soldados (os Austríacos tinham chegado a Tarare).”

20 Publicado em *Cadernos Maristas*, No 11, julho de 1997.

21 Havia, pois, uma versão longa.

22 OM4 p. 315-16.

23 Ele está 6a série com Etienne Terraillon. J.C. Colin está na 5a (OM1, doc. 9 p. 138-139) em S. Jodard de 1804 a 1809. Em 1812-13, em Verrières é estudante de lógica do 2o grupo com J.C. Colin, Etienne Déclas, J.M. Vianney... enquanto que Marcelino Champagnat e Etienne Terraillon são do 1o. grupo (OM1, doc. 21 p. 160).

24 Chartreux, caixa 43 : “Pousset. 1794-1883. Diversos. Notas. Sermões. Manuscritos.”

25 Data acrescentada posteriormente por Pousset. Refere-se à chegada de Napoleão a Paris. Ele saiu da ilha de Elba em 1o. de março.

26 Estilo telegráfico: sua vida interior é feita de desolação...

27 Outro seminarista nativo da mesma região perto da cidade de Roanne.

“Em 1816 – eu fui tonsurado e recebi o subdiaconato em 6 e 7 de abril por Mons. Dubourg²⁸ – em primeiro de maio fui enviado à Verrières para aí ensinar na terceira série...”

Este testemunho nos recorda a efervescência suscitada a partir de março pelos Cem dias (20 de março – 22 de junho), que terminam em Waterloo em 18 de junho e provocam uma dura ocupação da França pelos aliados, cujas tropas saqueavam por toda parte. Como Pousset fala de “Bonaparte” e não de “Napoleão”, podemos deduzir que ele é defensor da realeza, e provavelmente foi um daqueles que recusaram o canto do *Domine salvum fac imperatorem*²⁹ no seminário. Entretanto, Pousset confirma o que dizem as *Origines Maristes* sobre seu contato, durante certo tempo, com os aspirantes maristas³⁰ e nos dá a conhecer sobre sua relação já mantida com os discípulos de Bochard³¹. Sobretudo, ele nos lembra a existência dos *Labora sicut b...* sobre os quais os arquivos dos Cartuxos nos ensinam muito.

PROBLEMAS CRONOLÓGICOS LEVANTADOS

Sua maneira de citar a sociedade de Bochard é um pouco anacrônica pois, em 1814-15, os discípulos de Bochard não são ainda nomeados de Padres da Cruz de Jesus, mas são simplesmente os adeptos do “Pensamento piedoso”, que alguns assinam sob forma de compromisso.³² Pousset indica, entretanto, que em 1815 ele ainda não realizou essa etapa. Em relação aos Maristas utiliza a ortografia “Mariistes”, como no formulário de 1816, o que mostra um contato precoce.

Feito isso, ele abre um problema cronológico pois, segundo Déclas, um dos quatro primeiros aspirantes maristas, esse nome, que vem claramente de Courveille, lhe teria sido revelado somente a ele, às vésperas das férias de 1815³³, isto é, cerca do mês de agosto, e os outros aspirantes maristas tiveram conhecimento disso somente durante o ano escolar de 1815-16, que começa com a festa de Todos os Santos. Ao sugerir que o

28 Bispo de Nouvelle-Orléans que em julho ordenará ao sacerdócio a maior parte dos aspirantes maristas.

29 Oração pública pelo soberano, que significa seu reconhecimento pela Igreja, e, portanto, sua legitimidade.

30 Ver sua biografia em OM4 p. 339-40

31 Doc. 750, § 7.

32 Ver OM 1 doc. 33. Texto impresso que circula discretamente no seminário em 1814-15.

33 OM2 doc. 591

projeto marista tinha já começado em 1814-15, Pousset parece errar a data em um ano, a menos que não levemos a sério sua cronologia.

A cronologia de Pousset é muito pertinente, pois ele escreve a menos de dez anos depois dos acontecimentos, e é muito cuidadoso com a cronologia, ao proporcionar uma lembrança precisa que termina com o ano escolar de 1814-15. Por outra parte, ao descrever seu grau de pertença a cada uma das três sociedades, ele sugere a seguinte cronologia: primeiramente, a adesão aos “*Labora sicut b.*” antes dos Cem Dias; relações com os adeptos do “Pensamento piedoso”, bastante avançada mas não concluída, talvez por causa dos Cem Dias; finalmente, com os “Marriistes”, contatos apenas esboçados, o que vem comprovado pelas fontes maristas sobre o início do projeto.

Podemos por outro lado, comparar as lembranças de Pousset com os testemunhos de Déclas e Terraillon. O primeiro (OM. Doc. 591) indica um primeiro contato entre ele e Courveille, certamente antes de março de 1815, e, depois, um novo contato, após os Cem Dias, em julho-agosto, logo antes das férias. Ao dizer que Courveille não falou a ninguém de seu projeto, Déclas se adianta muito pois Courveille deve ter, em um primeiro momento, multiplicado os contatos individuais e colhido algumas adesões de princípio.. Se ele não tivesse feito isso, teríamos dificuldade de compreender porque ele afirma às vésperas das férias que a ordem dos Maristas vai ser criada. Além disso, Terraillon declara que Courveille tendo chegado a Lyon “lança seu olhar sobre os alunos desse estabelecimento para ver aqueles que pareciam ter vocação” (doc. 750).

Se levarmos a sério o testemunho de Pousset, especialmente sua cronologia, deveríamos pensar que durante as férias de 1815 os contatos com diversos seminaristas estão mais avançados e são mais numerosos do que imaginamos, o que explicaria a rapidez posterior da formação do grupo. Quanto a Pousset, o fato de que ele não fala mais dos Maristas em 1816, sugere que não tenha dado prosseguimento ao projeto. Aliás, nada em suas notas espirituais indica qualquer influência marista. No máximo foi um simpatizante.

FORMAR SOCIEDADES DE JOVENS À PRÁTICA DO ZELO

Tendo sido apresentadas as grandes linhas dessa sociedade dos amigos do cordão, focalizaremos nossa atenção sobre um ponto particular do engajamento de Mioland e de Pousset que revela uma forma de ação próxima daquela de Champagnat em La Valla, e de Couveille em Epercieux.

Mioland (1812)	Mioland (1812)
<p>Eu me impregnarei dessa máxima de Santo Inácio que é eminentemente a de todo bom sacerdote: “<i>Ad Majorem Dei Gloriam</i>”. Meus estudos, minhas orações, minhas ações, minhas palavras, meu ministério: tudo consagrarei à glória de Deus e à salvação das almas.³⁴ ; este será meu único desejo, minha única consolação. Para isso aproveitarei com solicitude de todas as ocasiões que se me apresentarem e utilizarei todos os meios possíveis. Não esquecerei que durante todo o tempo em que não for vigário em uma paróquia³⁵, não caberá a mim tomar a iniciativa de criar alguma obra por minha própria autoridade. Eu poderia, entretanto, através dos professores das escolas, ou através daqueles a quem ensino o canto religioso, escolher entre os jovens algumas almas fervorosas e generosas que formarei à prática do zelo³⁶. Mas se algum dia, for do agrado da divina providência que eu me dedique à Pastoral, nada negligenciarei para difundir entre os fiéis o espírito do apostolado.³⁷ Infelizmente os ímpios se agrupam, os inimigos da Igreja se unem, os maus se reúnem para arrancar de Deus almas que ele salvou (sic) ; não haveria, pois, ninguém que sentisse algum desejo de reconduzi-las a esse Deus de bondade, e de fazê-las acreditar no seu amor?</p>	<p>... eu me proponho trabalhar toda durante toda a minha vida para a maior glória de Deus: feliz se, como Santo Inácio e vários outros santos, e seguindo seus exemplos, eu tiver diante de mim apenas essa máxima que lhes fizeram empreender grandes coisas:</p> <p><i>Ad majorem Dei gloriam</i></p> <p>Que eu esteja com meus irmãos ou com pessoas do mundo, ou ocupado com os diversos trabalhos do ministério, não terei outro objetivo senão o de conduzir as almas a Deus, e se for do seu agrado de me conceder os meios para formar alguma sociedade que possa proporcionar a sua glória, eu os usarei com maior prontidão. Não devo esquecer, entretanto, que durante todo o tempo que for pároco auxiliar em uma paróquia que não me cabe criar nenhum tipo de obra a menos que, pela vigilância que terei que fazer sobre as escolas dos meninos e meninas, encontre a ocasião de sugerir aos professores e professoras uma escola desse gênero, que dirigirei através de um conselho sem parecer ser o diretor.³⁸ Poderei, ainda, sob o pretexto de reunir algumas pessoas para aprender o canto sacro, fazer entre elas uma escolha preciosa de jovens que formarei à prática do zelo³⁹; Se algum dia, for do agrado de Deus chamar-me para o trabalho pastoral,</p>

34 Tudo isso consta também no Formulário marista: ... “Nós prometemos solenemente que nos doaremos, nós e tudo que temos, para salvar as almas de todas as maneiras”...

35 Isto é, pároco.

36 Isto é : amor divino. É desta maneira que Champagnat agirá..

37 Idéia original para a época, típica das congregações secretas, que buscavam adaptar seu modelo, especialmente para lutar contra os ímpios que sabem se agrupar para praticar o mal.

38 Pousset coloca bem em evidência a preocupação com o secreto.

39 O padre Lefranc, membro da sociedade dos “amigos do cordão” parece ter seguido o modelo com Jeanne Marie Chavoïn e suas companheiras.

	<p>eu me proponho procurar os estabelecimentos mais úteis que existem e me conformarei às circunstâncias dos tempos, dos lugares e das pessoas. Não negligenciarei nada para proporcionar a meu povo tão grandes meios de salvação⁴⁰. Os inimigos da Igreja se coligam, os partidários do mundo se reúnem, as academias de ciências se difundem por toda parte, não poderíamos homens, e sobretudo padres, para utilizar todas as faculdades que Deus lhes deu a fim de levantar um muro contra a não-religião e a corrupção dos costumes que desfigura tudo e destrói a herança do pai de família.⁴¹ Um padre animado desse espírito poderia converter todos os seus coirmãos em apóstolos.</p>
--	--

Nesta passagem, Pousset é muito prolixo, enquanto que Mioland utiliza provavelmente uma versão reformulada às suas custas. Mas o importante não é isso, pois os dois textos são orientados pela divisa jesuíta e visam sociedades leigas dedicadas à “prática do zelo”. Isso significa, pois, que os amigos do cordão desejam espalhar sua sociedade por todos os lugares para a glória de Deus, mas também para reunir os cristãos contra os ímpios. É uma verdadeira utopia de resistência cristã, que parece marcada pelo espírito anterior à Revolução mas, tudo somado, próxima daquela dos Maristas entre os quais o espírito ofensivo é mais visível. Champagnat, em particular, em sua paróquia de La Valla, vai adotar essa prática para criar uma associação de piedosos instrutores que forma ao zelo, sem contudo ser o superior deles.⁴² Nesse mesmo espírito o padre Le-franc, em Coutouvre, fundará sua associação do amor divino, com Jeanne-Marie Chavoine e Marie Jotillon, que são as primeiras irmãs maristas.

40 Pousset se tornará, assim, o fundador das Irmãs da Sagrada Família.

41 Reflexão muito freqüente nas regras das sociedades secretas do final do século XVIII.

42 Ver em Vida, cap. 11 p. 107-108, sua conversa com o vigário geral Bochart.

OS MEMBROS DA SOCIEDADE DO ZELO

Pousset deixou em sua caderneta de resoluções, algumas páginas em branco, que depois, preencheu com duas listas de seus amigos do cordão. Alguns, cujos nomes estão precedidos de uma cruz, já haviam falecido, no momento em que escreve, pouco tempo depois da sua ordenação. Em geral, o lugar de nascimento deles está indicado. Várias vezes eu completei essa informação, colocada entre parêntese, quando fosse necessário.. Sobretudo, uma pesquisa nos registros de ordenação dos arquivos do arcebispado permitiu estabelecer com precisão, a data da tonsura, dada, segundo o que parece, no momento da entrada no seminário maior.

A cronologia das entradas na sociedade é muito coerente: os amigos do cordão começam a partir de 1804-5, isto é, a partir do momento em que o seminário é reorganizado pelos Sulpicianos, até cerca de 1816. Com certeza que para esta listagem, Pousset deve ter consultado o registro das inscrições. Sua motivação é sobretudo espiritual: como cada confrade deveria rezar todos os dias pelos outros, era interessante possuir a lista dos mesmos.,. É um *memento*⁴³.

Nº	Sobrenome, nome	Lugar de nascimento	Tonsura (registros de ordenações) ⁴⁴	Referência nas OM
« + hos in intimo » MM.				
01	Durand J. Baptiste	St Just en Bas	13/4/1805	OM1/915.
02	Jacquemin J. Claude	St Chamond	5/4/1804	
03	Fontaine J. Marie	Beny	5/4/1804	
04	Paccaud Etienne	Legnieux (Trelain)	5/4/04	
05	Guillot Antoine	St Just en Bas	13/4/05	
06	Drevet Pierre	Valbenoite	24/2/05	
07	Bourgaud J. Baptiste	St Etienne	13/4/05	
08	Durand Etienne	St Germain Laval	24/2/05	
09	Bernard Jacques	Marboz	13/4.05	
10	Barbier J. Baptiste	Risols (?) d. de Grenoble	?	
11	+ Pichat Louis	Chavanne sur Furan	24/2/05	
12	Perrodin Denis	Marboz	24/2/05	OM4 p. 797

⁴³ O P. Colin, em sua carta de 1828 ao P. Champagnat assinala que tem em seu breviário um *memento* referente ao P. Séon.

⁴⁴ Eu escolhi esse único indício pois oferece as listas mais amplas, indica os nomes dos pais, a paróquia de origem e, por vezes, a data de nascimento. Uma dificuldade subsiste quanto aos nomes, à ortografia, aos sobrenomes, cujo número pode variar. Existem também alguns homônimos.

OS «AMIGOS DO CORDÃO» NO SÉMINÁRIO SANTO IRINEU

13	Puittet (Puilliet) Jean	Belmont	13/4/05	
14	Grange Martin	St Georges sur Couzan	24/2/05	
15	+ Garel Pierre Marie	St Martin Lestra	24/2/05	
16	Richarme Michel	Rive de Gier	24/2/05	
17	Cattet J. François	Neuville	13/4/05	OM4 p.216, nota
18	Lefranc J. Philibert	Cours	24/2/05	OM4 p. 306, nota
19	Roche J. Bapt.	St Just en Bas	20/4/06	
20	Bertheas Rambert	La Fouillouse	20/4/06	
21	Coignet Martin	Tarantaise	20/4/06	
22	Siméon J. Baptiste	Chevrières	20/4/06	
23	+ Crépet Claude	Chazelles sur Lyon	?	OM1/140; 4/127
24	Charretier Benoît	Chazelles sur Lyon	20/4/06 <small>(riscado em seguida)</small>	
25	Laffay Jean	St Bonnet	20/4/06	OM1/217
26	St Jean (de) Jean François	St Romain de Popey	20/4/06	OM1/907...
27	Ville Joseph (Benoît)	St Martin en Haut	3/8/06	
28	Pastre Jean Louis	Fenestrelles (Piémont)	3/8/06	OM4/321 nota
29	+ Dutour Jean-Baptiste	Bessenay	24/2/05	
30	Vial Michel	Ste Colombe	20/4/06	OM4 p. 830...
31	Combe Jean Marie	St Didier	20/4/06	
32	Breuil J. Bapt.	Montbrison	?	
33	Nicod J. (Claude) François	Bourg	20/4/06	OM4/126
34	Cholleton Jean	St Marcel de Félines	28/3/07	OM4/nota
35	Denoyel J. Claude	Fleurieux sur A.	28/3/07	
36	Néel Barthélemy	Meys	28/3/07	OM4/127
37	Miolland Jean Marie	Lyon	23/5/07	OM4/nota
38	Greppo J. Gabriel Honoré	Lyon	23/5/07	OM4/760
39	Préher François		Padre em 1812	OM4/802
Fim da primeira lista				
40	Pichat Félix	Chavanne sur Furan	28/3/07	OM4/329 nota
41	Tarpin J. Louis	Lyon	28/3/07	
42	Pelossieux Antoine	? (St Romain d'Urfé)	28/3/07	
43	Collin Pierre	? (St Bonnet le Troncy)	24/7/08	OM4/nota p. 241
44	+ Arnaud Jean	? (St Bonnet le Courreau)	24/7/08	
45	Morel J. Claude	? (Chevrières)	28/3/07	

46	Minot Jean Louis	? (Combre)	24/7/08	OM1/238
47	Guillot Guillaume	Ste Agathe	24/7/08	
48	Peronnet J. Marie	Violay	24/7/08	OM4/125
49	Ducray Louis Ennemond	Dioc. d'Autun	22/7/09	
50	Jambon Charles Guillaume	Pont de Veyle	22/7/09	
51	Darnand François	Marboz	22/7/09	
52	Mayet J. Claude	St Claude	24/7/08	
53	Villecourt Clément	Lyon	22/7/09	OM4 p.361 nota
54	Plasse Jean	Sury (Cesay ?)	22/7/09	OM4/132
55	Gilbert J. Antoine	Farney	1/6/10	OM4 / nota
56	Magdinier Pierre Marie	Ste Agathe	22/7/09	
57	Petit Louis	St Domingue	24/7/08	OM1/238
58	+ Berlier Ant. Charl. Aimé	Lyon	1/6/10	
59	Charles Maurice	Amplepuis	28/5/11	OM4 nota
60	Simon Georges Gabriel	St Bonnet le Courau	28/5/11	
61	Picon Ant. François	St Etienne	28/5/11	
62	Josserand Jean Marie	Furciat ? Cursiat ?	12/6/12	
63	Poncet Bernard Benoît	St Didier	?	OM4/119, 133
64	Loras Mathias	Lyon	28/5/11	OM2/658...
65	Carron J. Bte.	St Georges (St Etienne la Varenne)	1/6/10	OM2/152...
66	Guillermet Philibert	Ampuis	12/12/12	OM2/470...
67	Delupé (de Lupé) Aug. Marie Fleury	Lyon	06/13	OM4/492
68	Pater Vincent	Lyon	22/7/09	
69	Horand Denis	Lyon	12/12/12	
70	Chirat Charles	Lyon	24/7/08	OM1/217
71	Boutan J. Bte.	St Etienne	?	
72	Blanc Ant.	Sury le Comtal	6/1/14	OM1/217...
73	Loire Pierre	Violey	12/12/12	
74	Crozet Jacques Marie	Néronde	2/6/14	OM1/208...
75	Mangon Claude	St Didier	Prêtre en 1817	OM3/844
76	Derorry Michel Christophe	D. de Trente: incorporé.	06/13	
77	Dujart Antoine	Lyon	28/5/11	
78	Deville Claude	St Etienne	2/6/14	OM1/217
79	Corsain Pierre	Bourg	6/4/16	OM4/734
80	Pousset Pierre	Cordelle	6/4/16	OM4/ nota

OS «AMIGOS DO CORDÃO» NO SÉMINÁRIO SANTO IRINEU

81	Privat Pierre	Lyon	6/4/16	
82	Brunon J. Bte	Rochetaillée	?	
83	Champion Joseph	Poncin	6/4/16	OM4/720
84	Froget Pierre	? (Panissières)	6/4/16	
85	Orcel (Orsel) Jacques	? (Lyon, St Pierre)	6/4/16	OM4/ nota
86	Blanchard Jean Marie	? (Duerne)	6/4/16	
87	Gabriel Aug. Ambroise	?	6/4/16	OM1/237
88	Alagnard (?)	?	?	
89	Magnard Antoine ou Barthélemy	? (St Etienne ou Chavanay)	6/4/16	
90	Portier Michel	? (Montbrison)	6/4/16	
91	Quiblier Joseph	? (Colombier)	6/4/16	

Trinta e nove desses noventa e um personagens estão repertoriados em OM, dos quais onze mereceram destaque, através de um noticiário. Destaquei aqueles que participaram das origens, como Lefranc (n. 18), Cholleton (n. 34), Félix Pichat (n. 40), Pierre Colin (n. 43), Gillibert, (n. 55), Maurice Charles (n. 59), Pierre Pousset (n. 80) e finalmente Jacques Orsel (n. 85). Os laços entre os amigos do cordão e os aspirantes maristas estão, pois, longe de ser negligenciados, e Pousset não é um caso isolado. Portanto, observamos que todos os oito, com exceção talvez de Cholleton, não estão no coração do projeto marista, porque mais velhos ou simplesmente simpatizantes, embora aptos a apoiar um projeto apostólico próximo do deles.

Finalmente, temos a surpresa de não ver figurados nessa lista seminaristas de grande valor como André Coindre, futuro fundador dos Irmãos do Sagrado Coração e co-fundador, com Claudine Thévenet, da Congregação de Jesus-Maria ; Donnet, futuro cardeal e que estava a par do projeto marista; Querbes, futuro fundador dos Clérigos de Saint Viateur ; Dufêtre, futuro bispo de Nevers... Os amigos do cordão (91 de 1804 a 1816, ou seja, menos de dez por ano em média) são cada ano uma pequena sociedade de uma dúzia de membros imbuídos de certa sensibilidade espiritual, provavelmente em dois níveis: um núcleo sólido de militantes engajados por uma consagração, do qual Pousset nos forneceu a lista, e um segundo círculo, aquele dos simpatizantes, eventualmente membros ativos de grupos similares. Entretanto, um certo número de indícios nos faz pensar que o seminário de Santo Irineu tem dentro dos seus muros uma quarta sociedade, de espírito jesuíta.⁴⁵ Existem,

⁴⁵ Em uma obra recente intitulada *Um fundador contrariado. Louis Querbes. 1793-1859*, o Ir. Robert Bonnafous, csv, oferece detalhes importantes sobre esse grupo “jesuíta” na páginas 70-75 do tomo 1.

pois, influências recíprocas e entrelaçamentos de idéias, mesmo se essas pequenas associações alimentam projetos diferentes.

UM CASO COMPLICADO: JEAN-ANTOINE GILLIBERT

As OM consagram uma nota (OM4, p. 288) a esse brilhante seminarista. Os papéis de Mioland falam dele com freqüência e contém várias de suas cartas. Tendo entrado no seminário de Santo Irineu em 1809, ainda está lá em 1814, exercendo a função de professor. Muito jovem (ele nasceu em 1792), ele aguarda a idade para a ordenação. Mas sua caminhada vai ser muito perturbada pois, em 26 de abril de 1814, não tendo recebido ainda o subdiaconato, acompanha, na qualidade de secretário, o Cardeal Fesh que parte em exílio para Roma, depois da abdicação de Napoleão. No ano seguinte volta para a França com seu mestre, que se beneficia com a volta dos Cem dias, e reparte quase imediatamente depois do fracasso político do imperador. Na festa de Todos os Santos de 1815 ele volta ao seminário Santo Irineu. Diácono em 6 de abril de 1816, deixa o seminário em 1º de maio e volta para sua ordenação sacerdotal em 22 de julho de 1816. A sua nota biográfica em OM menciona que, em seguida, ele ajuda os Maristas, mas em 1831 ele é finalmente proibido por Mons. De Pins.

Em suas cartas a seus “amigos” que o acusam de ter sido, ao partir, infiel ao rei e à Pátria, ele tenta se justificar, invocando que obedecia aos conselhos e mesmo às ordens de seus superiores, e que durante seu exílio que durou pouco tempo, guardou sua fidelidade ao seminário Santo Irineu e aos seus “amigos”.

Por trás de todo esse discurso difícil de interpretar, parece se revelar um fato:⁴⁶ Gillibert, sujeito brilhante e ambicioso, é um partidário dedicado do Cardeal Fesh e do Império. É mesmo provável que ele seja, em razão da sua idade e da sua força intelectual, o chefe de um partido “feschista” no seminário, no momento em que, entre a maioria dos seminaristas os sentimentos pela realeza estão exaltados e fortemente misturados com os sentimentos religiosos.⁴⁷ Alguns dos “amigos” de Gillibert passaram abertamente para um tipo de amálgama realeza-Igreja, mas outros, entre os quais Mioland, permanecem mais moderados e mantêm relações

⁴⁶ Gillibert fala por meias palavras por causa da censura.

⁴⁷ Quando o cardinal Fesch reaparece no seminário em 1815, é mau recebido pelos seminaristas que recusarão durante muito tempo cantar o *Domine Salvum Fac imperatorem*. Ver, especialmente, OM1 docs. 37-38.

cordeais. No início da Restauração, Gillibert, que parece ter abandonado seus sonhos de carreira e de suas opções por Bonaparte, mas não a sua fidelidade a Fesh, da qual faz uma questão de honra, pode reintegrar facilmente Santo Irineu: os vigários gerais de Fesh administram sempre a diocese em seu nome e podem protegê-lo. É somente com a chegada de Mons. de Pins, em 1824, que a situação se deteriora pois, Gilleber, então pároco de Madeleine, em Tarare, figurará como um dos chefes do partido feschista⁴⁸. De maneira diferente de Mioland e dos Maristas ele não saberá se adaptar à nova autoridade da diocese.

Levando-se me conta apenas aquilo que conhecemos do homem, nada o predispõe, com exceção da sua pertença aos amigos do cordão, a entrar no grupo dos aspirantes maristas que ele conhecerá somente entre a festa de Todos os Santos de 1815 e 1º. de maio de 1816. É possível que ele tenha sido um homem isolado e tenha procurado um grupo substituto aos amigos do cordão, ao qual não se uniu. Cholleton, que viveu com ele em Santo Irineu de 1812 a 1814 pode também tê-lo orientado para um grupo que tinha necessidade de um homem experiente... A hipótese mais interessante, e que não exclui forçosamente as outras, é a relação entre Bochart e Gillibert. Ambos sendo ardorosos “Feschistas”, Gillibert se tornou agente do vigário geral no seminário, portanto, junto de uma sociedade que ele queria afiliar aos Padres da Cruz de Jesus. Em todo caso, tendo partido em 1º. de maio de 1816, Gillibert não pôde participar do formulário marista, mas sua presença no início da Sociedade de Maria mostra uma vez mais que esta sofreu influências muito diversas, mesmo que não seja fácil de separá-las.

CONCLUSÃO

Os documentos encontrados nos permitem então de melhor situar os primeiros maristas em uma trama bem mais complexa do que imaginávamos, dentro da qual uma mesma pessoa podia pertencer a várias entidades espirituais distintas e em graus diversos. Além disso, Pousset mostra uma outra cronologia mais próxima dos primeiros passos da SM:

48 Em suas memórias (A. Lanfrey, *Archives des Chartreux*, doc. 78) Mioland relata que antes da sua entrada em Lyon Mons. de Pins propôs Gillibert de se tornar seu secretário e de entrar com ele em Lyon. Como, segundo Mioland, a proposta vem de Besson, padre de Saint Nizier, e artesão da eliminação de Fesch, Gillibert rejeita o conselho de Mioland. Se a armadilha tivesse funcionado, todo mundo teria sabido que um dos mais calorosos partidários de Fesch tinha aceitado sua submissão.

desde os anos escolares de 1814/1815, os Cem dias (março-julho) bloqueando o projeto.

Por outra parte, o texto das resoluções de Mioland e Pousset dá uma boa idéia do que devia ser o formulário marista, do qual a consagração em Fourvière é apenas um resumo. Podemos dizer sem muito temor que ele se assemelha sobre vários pontos às resoluções Pousset-Mioland, talvez porque sofra sua influência, mas sobretudo porque estão imersos em um contexto apostólico e sacerdotal idêntico, com a mesma vontade de construir um tecido eclesial através de pequenos grupos fervorosos. A única grande diferença entre os amigos do cordão e os Maristas está em que não encontramos com clareza entre eles esse espírito escatológico universal e marial que caracteriza tão bem a Sociedade de Maria.

Outra aquisição importante: a origem das Irmãs Maristas é melhor esclarecida através do fato de que o padre Lefranc, que fundou em Coutouvre a associação do amor divino e formou Jeanne-Marie Chavoïn à vida espiritual e ao zelo, é um dos amigos do cordão que põe em prática seu regulamento.

Coloca-se também a questão da influência de Pierre Colin, amigo do cordão, sobre seu irmão Jean-Claude.

Finalmente, vimos que Champagnat, em La Valla, parece colocar em prática, para a formação dos irmãos, uma estratégia sugerida pelo projeto apostólico dos amigos do cordão, como se ele mesmo tivesse participado desse grupo.⁴⁹ E eu ia esquecendo o mais importante: Jean Cholleton, o conselheiro dos primeiros maristas, era também amigo do cordão.

Todos esses fatores permitem, pois, de afirmar que os Maristas estiveram sob a influência dos amigos do cordão. É-nos difícil determinar a medida dessa influência, mas ela existiu.

Ir. André LANFREY,
10 de outubro de 2003

⁴⁹ Assim, "Necessitamos de irmãos" tomaria um sentido mais rico sem excluir sua própria inspiração pessoal. Essa participação poderia também explicar a mensagem misteriosa de Mioland, antigo presidente dos amigos do cordão, citada nas memórias do P. Séon (OM, doc. 625, § 21) : "Dizei ao P. Champagnat que ele constrói em vão". Ela mostra uma relação entre os dois homens e uma divergência sobre o meio apostólico escolhido, talvez porque Mioland interpretasse l'Hermitage como uma casa missionária substituiria aquela dos Cartuxos.

DOCUMENTO I.
Autobiografia de Pousset

Margem	Texto
20 ?	No final de 1814, (acrescentado acima da linha: “após o retorno do Bourbons”) eu fui para o seminário de Santo Irineu, em Lyon: ainda que possuidor de um fraco temperamento eu pude terminar aí meus estudos, apesar das desordens e dos temores ocasionados pelo retorno de Bonaparte (acrescentado: “20 de março”). Quanto ao interior, as mesmas disposições, muita secura, tentações do orgulho, e mesmo que me aplicasse a vida oculta, muitas distrações. Falaram-me do <i>Labora sicut b.</i> e da congregação dos Rp. Da cruz, dos Maristas; assumi compromisso com a primeira, me dispunha para com a segunda sem rejeitar a terceira. ⁵⁰
21	Quase fui morto pelo meu pai quando voltei de férias, porque junto com Chizelle nós fomos presos pelos soldados (os Austríacos tinham chegado a Tarare).
1815	Em 1816 (acrescentado acima da linha: “eu fui tonsurado e recebi o subdiaconato nos dias 6 e 7 de abril, por M. Dubour”), em primeiro de maior fui enviado a Verrière para ensinar na terceira série. Padre Miloand reza a missa para nós em Fourvière. ⁵¹ Tendo chegado ao nosso destino com o Padre Crozet, depois das aventuras de Largentière e de Montbrison, encontramos os alunos em “completa” (sic) insurreição ⁵² . Eu vi tudo isso com bastante sangue frio; mesmo que odiado no início, depois fui bastante amado.
22	No ano seguinte, obtive algum sucesso de zelo, sobretudo em relação aos padres Roux, Bazin, Billod, Pelley, Vallet... Durante a Páscoa eu fui filha de Jephthé ⁵³ e parti, vindo ser ordenado quatro meses depois. Durante esse intervalo de tempo eu falei muito dos meus pequenos sucessos, e imaginei muitas vezes que esse erro tinha sido punido pelo esfriamento ou a queda daqueles (corrigido: “de alguns”) aos quais eu tivesse sido de alguma utilidade.
23	Recebi o diaconato e as ordens nos dias 26 e 27 de julho, dia de São Joaquim e São Peregrino, padre de Lyon, 1817, das mãos de Dom Morrel de Mons, então bispo de Mende. ⁵⁴ Na segunda-feira à noite celebrei em Fourvière minha primeira missa e passei em Verrière para pegar meu irmão Claude Marie. Enquanto partia, senti-me extremamente cansado perto de Saint Germain-Laval, e meu irmão também. A senhora Bonnefond teve grande atenção para comigo. Possa Deus recompensá-la!
1817	Em Todos os santos voltei a Verrière para assumir (?) as funções de vigário e primeiro de professor, depois de primeiro prefeito. (fim da p. 7)
23 anos e 4 meses	

50 Ele confirma o que dizem as fontes maristas: ele não assinou o Formulário.

51 Tudo indica que se trata de um rito clássico de envio em missão.

52 Esses problemas não estão ligados aos eventos políticos, mas à estratégia de Bochart que coloca seus candidatos nos seminários. Ver a carta de Chazelle nos arquivos de Besson em Metz. (CM no 18)

53 Sacrificado

54 Fesch está exilado e os vigários gerais devem fazer apelo aos bispos amigos ou de passagem.

20½ Sur la fin de 1814, j'allai au séminaire
 1814 St-Jérôme à Lyon. Quoiqu'en santé faible
 néanmoins j'y pus y continuer mes études,
 21 Malgré les veilles et les craintes occasionnées par
 le retour de Bonaparte. Quant à l'instruction
 même disposition, beaucoup de richesses, de tentation
 d'orgueil, mais que j'appliquai à la vie ecclésiastique,
 beaucoup surtout de distraction. Et on en a
 1815 parlé des Labors saint b. de. De la longévité
 de son Roi de la cour, de M. de Basville,
 je pris des engagements pour la première
 chose, me disposai à la seconde et en
 reprenant point à la dernière, je me contentai
 à être tout par moi-même à mon arrivée en
 vacances, parce que avec M. de Basville nous fumes
 pris pour des titulaires. (Les autrichiens étaient jugés
 22. Laron.) j'ai tenu et j'aurais pu le faire, mais Dubon
 1816 En 1816 au premier Mars je fus envoyé à
 Venise pour y unir le troisième M.
 Miotan et la cause pour son à-fournir.
 Arrivé à toute dernière avec sa femme, après la

DOCUMENTO 2.

Resoluções de Mioland - Pousset

J.M. Mioland, 14 de junho de 1812

“Resoluções que eu tomei no seminário Santo Irineu antes de sair de lá para me manter com a ajuda da graça, no espírito da minha vocação.”

Pierre Pousset, 28^{de} julho de 1817

“Resoluções que eu tomei no seminário Santo Irineu antes de sair de lá para me manter com a ajuda da graça, no espírito da minha vocação.”⁵⁵

Invocação a Deus e aos santos⁵⁶

Após haver invocado a assistência do Espírito Santo, da Santa Virgem, minha mãe piedosa, São Luís de Gonzaga, São Pedro, São Vicente de Paulo, São Francisco de Sales, São Francisco Regis, meus patronos e protetores, meu anjo da guarda, pelo qual agradeço a Deus de me ter dado uma terna devoção⁵⁷, eu formulei as seguintes resoluções:

Após haver invocado a assistência do Espírito Santo, da Santa Virgem, minha mãe piedosa, São Luís de Gonzaga, São Vicente de Paulo, São Carlos Borromeu e São Pedro, meu patrono, etc., e meu anjo da guarda, pelo qual agradeço a Deus de me ter dado uma terna devoção, eu formulei as seguintes resoluções:

Usar a vestimenta eclesiástica integralmente: batina, rabá, chapéu, tonsura...

Primeira resolução

O zelo pela glória de Deus e da Igreja, e a salvação das almas, que deve ser a alma de um padre, me tornarão inabalável na resolução que eu tomo de não me afastar de nenhum ponto da vestimenta eclesiástica, ou seja, que em minha residência comum eu usarei sempre a batina longa, com o cordão, o rabá, o chapéu, a tonsura ecle-

1ª resolução

O zelo pela glória de Deus e da Santa Igreja católica, apostólica e romana e pela salvação das almas, que deve ser a alma de um padre, me tornará inabalável na resolução que eu tomo de não me afastar de nenhum ponto da perfeição da roupa eclesiástica, isto é, que na minha residência habitual usarei sempre a batina com um

55 Ver Jeanne Pousset-Carcel e Bernadette Carcel, *Deo Soli. La vie d'un prêtre. Pierre Pousset. 1794-1883*, Feurs, 1998, p. 28-30

56 NDLR. Os títulos foram acrescentados para mostrar sua estrutura. Eles não existem no original.

57 Esses são os patronos comuns das congregações de seminaristas. Observamos a insistência sobre os patronos apostólicos.

siástica, e em todo meu exterior me esforçarei em evitar toda atitude que expresse vaidade ou uma limpeza exagerada⁵⁸.

cinto modesto, rabá e chapéu de três pontas, a tonsura e os cabelos não frisados.⁵⁹

Afastar-se da sociedade mundana. Somente visitas indispensáveis

Segunda resolução

Durante toda minha vida evitarei o contato com as sociedades mundanas, segundo as regras que dão todos os autores que trataram dos deveres eclesiásticos, e que me foram indicados tão freqüentemente durante o seminário. Nunca estarei em meio a essas sociedades, que não têm outro objetivo que o prazer, e nas quais o espírito da religião e do respeito à piedade foram completamente banidos. Nas visitas que farei aos grandes e aos ricos, terei sempre algum motivo digno da santidade de meu estado ou a glória de Deus ou o interesse da Igreja, ou o bem dos pobres, ou os deveres da boa educação, e em todas essas conversações eu me lembrarei dessa gloriosa qualidade de homem de Deus⁶⁰ que o apóstolo dá a todos os padres na pessoa de Timóteo. Em toda parte procurarei exalar o bom odor de J.C.⁶¹ e não sair dessas conversas sem ter encontrado uma ocasião para introduzir alguma palavra de salvação.

2ª resolução

Para me confrontar com aquilo que aprendi nas obras que tratam dos deveres eclesiásticos e aos conselhos que me foram freqüentemente inculcados no seminário, mantereí, durante toda minha vida, uma distância das sociedades do mundo. Nunca freqüentarei aquelas que não têm outro objetivo que o prazer. Persuadido, entretanto, de que um padre é de vez em quando obrigado a visitar a casa dos grandes, e se encontrar com os homens importantes, para evitar todo abuso desse gênero e nunca enganar a mim mesmo, eu me obrigo a ter sempre por motivo somente a glória de Deus ou o interesse dos pobres e da Igreja, ou honrar as pessoas importantes, a fim de prestar-lhes essa deferência aos protetores da religião e da boa ordem.⁶²

Evitar, particularmente as “as pessoas do sexo feminino”

58 Mons. d'Orléans de la Motte exige inclusive o uso do hábito longo (Mémoires... t. 1 p. 221)

59 Emery, em S. Sulpice, teve que lutar contra o frisamento dos cabelos. Mons. de la Motte é contra: *Mémoires...* t. 1 p. 221

60 Mioland utiliza já esse termo sublinhado em suas resoluções de férias de 1808.

61 Mesma coisa. Essa expressão paulina está presente também nos AAS e nas sociedades secretas.

62 Observamos aqui uma perspectiva mais estreita de Pousset que parece copiar um texto mais antigo.

Eu me lembrarei desse conselho de São Jerônimo solus cum sola absque arbitro vel teste non sedeas e desse outro de Santo Agostinho: amor spiritualis generat affectuosum, affectuosus familiarem, familiaris carnalem, e me proibirei absolutamente todo contato íntimo com pessoas do sexo feminino, sobretudo aquelas cuja vida e o devotamento ao bem poderia me dar algum pretexto para me afastar dessa santa regra tão importante ao julgamento dos santos.

Em todas as minhas relações com os homens terei sempre diante dos olhos essas palavras de N. S.: discite a me quia mitis sum et humilis corde

3ª resolução.

Farei atenção para que evitando esse perigo não caia em um outro mais comum e não menos perigoso, quero dizer, aquele que está na sociedade entre as pessoas do sexo feminino; dessa forma não criarei nenhuma relação estreita com elas lembrando o que diz São Jerônimo: *solus cum sola absque arbitro vel teste non sedeas*. E este conselho de Santo Agostinho: *amor spiritualis generat affectuosum, affectuosus familiarem, familiaris carnalem*.

Edificar-se com os exemplos dos coirmãos e lhes dá o bom exemplo.
Cultivar a amizade com os melhores. Tomar um deles como um conselheiro espiritual.

Terceira resolução

É na vida edificante dos coirmãos que devo encontrar um dos mais fortes encorajamentos à virtude; eu mesmo devo ser o exemplo de todos; labora sicut bonus miles christi Jesu. Posui vos ut eatis et fructum offeris... exemplum est fidelium.⁶³ » Assim, desde que tiver chegado ao lugar onde somente⁶⁴ a obediência me conduziu, meu primeiro cuidado será de procurar conhecer os padres mais veneráveis da região, para cultivar sua amizade e me edificar com seus exemplos. Escolherei o mais digno para meu diretor, meu guia e meu conselheiro, e se ele morar muito distante que impeça ser meu confessor habitual, o verei em épocas determinada, para lhe expor o estado da minha consciência e as dificuldades que encontro. Mas se, mes-

4ª resolução

Convencido da necessidade de ser encorajado pelos exemplos dos outros e que eu mesmo devo ser um encorajamento para meus coirmãos, Deus tendo me chamado à sua glória *Labora sicut bonus miles Christi Jesu...posui vos ut eatis et fructus offeratis* »... logo que eu tiver chegado ao lugar onde a obediência me manda, meu primeiro dever será de procurar os padres veneráveis da região, 1º. para cultivar sua amizade e 2º. para que seus bons exemplos sejam um encorajamento à minha fraqueza. Escolherei o mais digno como meu diretor, e se ele não morar perto de mim, de tal forma que permita ser meu confessor habitual, solicitarei para que, na sua bondade, me receba em épocas determinadas, para discutir com ele assuntos de

63 É a divisa da sociedade secreta. Nas cartas elas são formuladas com a sigla: L.S.B.M.C.J. (Labora sicut ...)

64 Sublinhado no texto. A preocupação com a obediência é a mesma que entre os Maristas.

mo não sendo do agrado de Deus, eu estiver impedido desse precioso benefício, ainda que seja indigno disso, me verei como chamado a me tornar o modelo dos meus coirmãos, através da regularidade da minha conduta, da doçura, da humildade, da condescendência e da caridade que procurarei colocar em todo relacionamento que terei com eles.

minha consciência, consulta-lo sobre as dificuldades que surgem continuamente no santo ministério. Mas se, (isso não for do agrado de Deus), eu for privado desse precioso benefício, ainda que eu seja indigno, me verei como chamado a me tornar o modelo dos meus coirmãos, através da regularidade da minha conduta, feliz se eu puder através desse meio merecer de ser útil sob outras questões.

Resoluções mais particulares

Deus que me concedeu a graça de me dar a convicção mais íntima de que a salvação de um padre está estreitamente ligada à prática da oração de cada dia:⁶⁵ a recitação fervorosa do santo ofício, a preparação que deve preceder a celebração da missa e a ação de graça, eu prometo a Deus:

Resoluções mais particulares

Deus concedido a graça de me dar a convicção mais íntima que a salvação de um padre está estreitamente ligada à prática da meditação, a recitação fervorosa do santo ofício, a preparação que deve preceder os SS. Mistérios, assim que a ação de graças, eu prometo

Todos os dias, pelo menos meia hora de oração

1º de fazer regularmente todos os dias pelo menos meia hora de oração, que conservarei em meu coração a íntima convicção de que um padre sem a prática da oração é um corpo sem alma, e que é preferível privar meu corpo da alimentação habitual do que minha alma da oração, segundo esta reflexão surpreendente de Ligório (sic) : Não é raro ver reunidos em um padre a esmola e o pecado, a recitação do breviário e o pecado, a pregação e o pecado, a celebração dos santos mistérios e o pecado, todas as funções da vi-

1º de fazer regularmente meia ora de oração todos os dias: se acontecer de me afastar dessa regra, quando eu ler essas resoluções eu direi a mim mesmo o que dizia judiciosamente o venerável Ligório que não era raro de encontrar reunidos em um padre a pregação e o pecado, a recitação do breviário e o pecado, a esmola e o pecado; mas nunca serão encontrados num padre a oração de cada dia e o pecado. Vejo esta resolução como tão importante que não me permitirei que em nenhum momento, mesmo entre os grandes trabal-

⁶⁵ *Mémoires... t. 1 p. 147.* Mons. d'Amiens via a oração como a alma da vida de uma padre...

da apostólica, todos os trabalhos do zelo, e o pecado; mais nunca se encontraria juntos a meditação de cada dia e o pecado. Mantereí essa resolução como algo tão importante que nas circunstâncias como no tempo de Páscoa, de uma missão, não me permitirei interromper este exercício sem que seja autorizado por meu diretor e sem substituí-la por fervorosas orações jaculatórias.

hos apostólicos do ministério que ocupam totalmente um padre, como durante a Páscoa, em um jubileu ou uma missão, de interromper este exercício, sem ser autorizado por aquele que me dirigirá.

Recitação fiel do breviário na intenção de toda a Igreja e especialmente dos coirmãos.

2^o o breviário deve salvar ou condenar um padre: pode-se aplicar a ele essas palavras: hic positus est in ruinam aut in resurrectionem multorum in Israël : eu não direi jamais a menor parte do meu ofício sem estar recolhido, e sem ter dirigido minha intenção me representando nesse santo exercício como o anjo do céu e da terra; eu tomarei alternativamente as intenções seguintes para me servir durante oito dias, ou um mês; pelo soberano pontífice e todos os pastores da Igreja; pela eliminação dos sismas, das heresias, dos erros e pela paz da Igreja; pelo povo ao qual serei enviado; pelas almas que conduzirei; pelos pecadores obstinados; pela perseverança dos justos; pelas almas do purgatório e especialmente por aquelas que nele serão retidas em razão se suas faltas cometidas no exercício do meu ministério; em fim, por todos aqueles com quem estou em união de oração ou boas obras: durante a recitação do ofício renovarei minha intenção ao Deus in adiutorium e ao Gloria Patri

2^o é tão evidente que o breviário deve salvar ou condenar os padres e que se pode dizer quando a Igreja coloca entre suas mãos o que o velho Semeão dizia do Salvador ao tê-lo entre seus braços *cui positus est hic in ruinam aut in resurrectionem multorum in Israël*.

A fim de me armar contra mim mesmo, eu me proponho de recordar quanto possível essas palavras todas as vezes que o recitarei; mas para particularizar esta resolução mais que todas as outras:

1^o. não recitarei jamais a menor parte do meu ofício sem estar recolhido e ter dirigido minha intenção.

2^o. Eu me inclinarei a cada Gloria Patri na mesma intenção que tinha Santa Teresa que se oferecia para sofrer o martírio pela glória da Santa Trindade...

A leitura espiritual cotidiana

3º. A leitura espiritual é depois da oração o exercício o mais indispensável à vida espiritual; me comprometerei de fazê-la regularmente buscando o bem da minha alma e minha perfeição. Terei à minha disposição um pequeno número de livros, que lerei com muita atenção; neles encontrarei um orientador que nenhum respeito humano poderá parar e luzes necessárias para a direção das almas chamadas à perfeição. Quando eu não puder cumprir esse santo exercício, eu o substituirei, antes de me deitar, pela leitura de alguns nomes⁶⁶ dignos de imitação.

Preparação cuidadosa da missa e ação de graça prolongada.

4º As ações mais santas, freqüentemente repetidas, degeneram em um hábito que não diz mais nada. Os ministérios mais terríveis não tocam mais. Com essa reflexão eu me sinto assustado pelo temor de um dia subir ao altar sem essa fé viva, essa pureza de coração, esse amor ardente, essa religião atenta que exige a santidade desses mistérios temíveis, e que espero, pela misericórdia do Senhor, possuí-los na primeira vez que os celebrarei. Eu me prepararei, pois, com grande cuidado para essa grande ação. Se a celebração da santa missa não for seguida imediatamente à minha oração, eu utilizarei pelos menos um quarto de hora para me recolher antes de vestir o hábito sacerdotal; minha ação de graças não será nunca menor do que um quarto de hora, e mesmo que esteja pouco disposto a rezar, não recuarei nada desse tempo que fico para mim aqui; mas se alguma vez o abreviar será somente quando meu ministério

3º Durante a época do meu seminário ouvi dizer com muita freqüência, e estou muito convencido por minhas próprias reflexões, que os atos mais santos freqüentemente repetidos, degeneram em um hábito que não diz mais nada, que não atinge mais, e me sinto nesse momento como que aterrorizado um dia os santíssimos mistérios sem ter essa fé viva, esse amor ardente, esse santo temos que acompanha os padres no altar. E para me prevenir contra um tão grande perigo, tornai-me fiel ó meu Deus, a partir do dia quando direi uma primeira missa até àquele que direi a última, a fazer a preparação que todos os padres fervorosos têm como um dever indispensável, e a vos render ações de graça por merecer tão grande favor como aquele de consagrar vosso corpo, fazendo-o descer do céu entre minhas mãos. Tenho feito minha preparação desde a manhã, se a missa não for celebrada logo em seguida, eu me recolherei pelo menos durante um quarto de hora antes de vestir o há-

⁶⁶ A leitura da palavra no manuscrito não é certa: números ou membros? O significado é: versículos.

tério me chamar a alguma parte de uma maneira tão urgente que poderei dizer a mim mesmo: eu deixo Deus por Deus. Como certamente terei que administrar o sacramento da penitência logo após a missa, com medo de que o hábito de me dirigir imediatamente ao confessional não me faça esquecer a importância da ação de graças, eu tomarei pelo menos cinco minutos para me recolher profundamente e aproveitar desses instantes tão preciosos.

bito sacerdotal. Minha preparação habitual não será jamais inferior a um quarto de hora e quando eu estiver diante do meu Deus, insensível como um rochedo, duro como um diamante, não recuarei nada do que fixo aqui; mas se alguma vez o abreviar será somente quando meu ministério me chamar a alguma parte de uma maneira tão urgente que poderei dizer a mim mesmo: eu deixo Deus por Deus. Não me permitais, ó meu Deus, que cumprindo essas resoluções não venha encontrar minha condenação nessas palavras da Igreja: *sumunt boni, sumunt mali, sorte tamen inaequali vita vel interitus. Mors est malis, vita bonis; vide panis sump-tionis dispar exitus!*

Ao final da página, um pequeno desenho feito a bico de pena, representando o calvário com três cruzeiros.

Terço cotidiano

5^o Lembrando-me do conselho de São Francisco de Sales, da prática de todos os santos e do hábito piedoso que meus mestres me deram, eu me esforçarei em recitar o terço todos os dias para me consagrar a Maria, assim como todas as obras do meu ministério, e para lhe pedir sua ajuda.

Um quarto de hora de visita ao Ssmo. S.

6^o Esforçar-me-ei para encontrar diariamente um quarto de hora para visitar o Ssmo. Sacramento: será lá que irei colocar minhas orações, buscar luzes, e me consolar de todas as aflições que sendo do agrado de Deus me forem enviadas..

Não administrar os Sacramentos sem prévia preparação



7º Seguindo o conselho de todos os santos padres que Deus me deu a graça de conhecer, a fim de não me familiarizar com as coisas santas e tratá-las com respeito, com o sentimento que elas exigem, assim como para edificar os fiéis e despertar sua fé, eu nunca administrarei os sacramentos sem haver me recolhido e revigorado minha fé.

Memento de São Bernardo

8º Eu me lembrarei com freqüência essas palavras surpreendentes através das quais São Bernardo traça o resumo das obrigações dos padres: Deo proximi; proximo devoti, sibi mortui

Tudo indica que termina aqui uma primeira parte do regulamento que apenas recapitula os deveres de um santo padre.

Compromissos pessoais⁶⁷

Compromissos pessoais

Partilhar, com os amigos as boas obras praticadas..
União espiritual com os coirmãos duas vezes por dia nos SS. Corações de J. e M.

Eu louvo a Deus de me ter dado durante o meu tempo de seminário amigos virtuosos que me conduziam a ele; para guardar fielmente os santos compromissos que assumi com eles⁶⁸, eu ponho em comum com eles todas as boas obras, o Santo Sacrifício, a oração, o santo ofício, as preces, a administração dos sacramentos. Visitarei esses amigos fiéis o mais freqüentemente possível; os abraçarei duas vezes por dia, às 9 e às 4 horas, mais ou menos, nos Santos Corações de Jesus e de Maria.⁶⁹

Eu rendo infinitas ações de graças a Deus três vezes santo de me ter dado durante o tempo do meu seminário amigos virtuosos que me conduziam a ele, e que me dirigiam com tanta bondade a linguagem da perfeita caridade. E para manter fielmente os piedosos compromissos que assumi com eles, eu fixo a partir deste dia até o último da minha vida, de colocar em comum minhas orações, visitas ao Ssmo. Sacramento, recitação do santo ofício e todas as boas obras em geral, sobretudo o augusto sacrifício,

67 Esta segunda parte se refere explicitamente à sociedade dos amigos do cordão.

68 Houve, pois, um primeiro compromisso que certamente continha uma fórmula de consagração.

69 Prova que a sociedade dos “amigos do cordão” não estava pensada somente para o seminário, mas para a vida. Como na maior parte das sociedades desse tipo, ela uma partilha dos méritos e boas obras. A prática particular de pensar duas vezes ao dia nos seus amigos nos Santos Corações de Jesus e de Maria se inspira na obra *Associação do Amor divino...* (p. 10) que preconiza : “Ter em encontro com todos os associados uma vez ao dia no Sagrado Coração de Jesus, às três horas da tarde”.

reunindo-ostodosregularmente nomemento dos vivos. Eu visitarei esses amigos fiéis o mais freqüentemente possível desde a distância dos lugares me permitam; me corresponderei com eles com freqüência, mas como esses meios não são suficientes para substituir o ardor da caridade que me une a eles, os abraçarei cordialmente duas vezes ao dia nos SS Corações de Jesus e de Maria, e lhes direi: Jesus seja louvado por todos os séculos dos séculos. Amém.

Fidelidade ao estudo da moral e da Sagrada Escritura (a exemplo de Mons. de la Motte d'Orléans)

A ociosidade é o opróbrio do sacerdócio. Os conhecimentos necessários a um padre são tão importantes, tão amplos, tão variados! Eu serei fiel em me entregar ao estudo segundo o tempo que a providência me deixar livre.⁷⁰ Evitarei todo estudo profano que absorveria uma grande parte de meu tempo que não é para mim, mas para Deus, para a Igreja, para as pessoas. O estudo da moral, entre outros, e a leitura da santa escritura, me ocuparão freqüentemente, e eu me lembrarei dessa característica edificante do Dom Lamotte, bispo de Amiens, que mesmo durante sua velhice, mesmo durante a doença que consumiu sua vida aos noventa e um anos, pedia para que lhe fosse lido um certo número de páginas da teologia de Poitiers, como estava determinado em seu regulamento.⁷¹

Sendo os conhecimentos necessários a um padre tão vastos, tão variados e tão importantes (sem falar da ociosidade que desonra (sic) os ministros do Senhor que a ela entregam e faz com que digam deles o que dizia Jeremias com profundo pesar: Quomodo obscuratum est aurem mutatus est color optimus... dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium laterum parvuli peturunt panem...), serei fiel durante os dias em que os trabalhos não me tomarão todos os momentos do meu ministério e de minhas obras de piedade, a repassar meus estudos de teologia, sobretudo a moral, tendo como modelo nesse caso Dom De la Motte, bispo de Amiens, que mesmo durante sua velhice, mesmo durante a doença que consumiu sua vida aos noventa e um anos, pedia para que lhe fosse lido um certo número de páginas da teologia de Poitiers, como estava determinado em seu regulamento.

70 *A Associação do Amor divino* preconiza (p. 11): “Aplicar-se, particularmente, ao estudo ou à sua profissão, e se esforçar para progredir, em vista de ser mais capaz de conhecer e glorificar a Deus”.

71 *Mémoires...* op. cit. t. 1, lettre VI p. 147

Consagração de toda a vida à glória de Deus e à salvação das almas. *Ad majorem Dei gloriam*.

Eu me compenetrarei desta máxima de Santo Inácio tão importante a todo sacerdote: “*Ad Majorem Dei Gloriam*”. Meus estudos, minhas preces, minhas ações, minhas palavras, meu ministério: tudo consagrarei à glória de Deus e à salvação das almas;⁷² este será meu único desejo, minha única consolação.

Convencido de que quando me apresentar diante do tribunal do temível juiz não terei que prestar contas apenas dos meus estudos, mas dos frutos que deles tirei, eu me proponho trabalhar durante toda minha vida para a maior glória de Deus: feliz serei se, seguindo os exemplos de Santo Inácio e vários outros santos, tiver sempre diante de mim essa máxima que os fizeram realizar grande coisas: *Ad majorem Dei gloriam*.

Difundir entre os fiéis o espírito do apostolado.
Os ímpios se unem: por que não os filhos de Deus?

Para isso aproveitarei de todas as ocasiões que se me apresentarem e utilizarei todos os meios possíveis. Não esquecerei que durante todo o tempo em que não for vigário em uma paróquia não caberá a mim tomar a iniciativa de criar alguma obra por minha própria autoridade.

Eu poderia, entretanto, através dos professores das escolas, ou através daqueles a quem ensino o canto religioso, escolher entre os jovens algumas almas fervorosas e generosas que formarei à prática do zelo.⁷³

Mas se não for do agrado da divina providência de me dedicar à pastoral, não negligenciarei em difundir entre os fiéis o espírito do apostolado.⁷⁴ Infelizmente os ímpios se agrupam, os inimigos da Igreja se unem, os maus se reúnem para afastar

Esteja onde eu estiver, com meus coirmãos ou com as pessoas do mundo, ou liberado dos diversos trabalhos do ministério, não terei outro objetivo que aquele de conduzir as almas a Deus, e se for do seu agrado de me conceder os meios para formar alguma sociedade que possa proporcionar a sua glória, eu os usarei com maior prontidão. Não devo esquecer, entretanto, que durante todo o tempo que for pároco auxiliar em uma paróquia, não me caberá criar nenhum tipo de obra, a menos que, pela vigilância que terei que fazer sobre as escolas dos meninos e meninas, encontre a ocasião de sugerir aos professores e professoras uma instituição desse gênero, que dirigirei através de um conselho sem parecer ser o diretor.⁷⁵ Poderei, ainda, sob o pretexto de reunir algumas pessoas para

72 Tudo isso consta também no formulário marista.

73 É assim que agirá Champagnat.

74 Idéia original para a época, típica das congregações secretas, que buscavam adaptar seu modelo, especialmente para lutar contra os ímpios que sabem se agrupar para praticar o mal.

75 Pousset coloca bem em destaque a preocupação do secreto.

de Deus almas que ele salvou (sic) ; não haveria, pois, ninguém que sentisse algum desejo de reconduzi-las a esse Deus de bondade, e de fazê-las crer no seu amor?

aprender o canto sacro, fazer entre elas uma escolha preciosa de jovens que formarei à prática do zelo;⁷⁶ Se não for do agrado de Deus me chamar ao trabalho pastoral, buscarei os estabelecimentos mais úteis que existem e me conformarei às circunstâncias dos tempos, dos lugares e das pessoas. Não negligenciarei nada para proporcionar a meu povo tão grandes meios de salvação.⁷⁷ Os inimigos da Igreja se coalizam, os partidários do mundo se reúnem, as academias de ciências se difundem por toda parte, não poderíamos homens, e sobretudo padres, que utilizassem todas as faculdades que Deus lhes deu para se oporem contra a não-religião e a corrupção dos modos de desfigura tudo e destrói a herança do pai de família⁷⁸. Um padre animado desse espírito poderia converter todos os seus coirmãos em apóstolos.

Desprezar a aprovação dos homens e ter somente a Deus em vista.

Nunca esquecerei que o espírito de dominação, de vaidade, solicitude, de desejo de estima e de aprovação dos homens, corrompem as melhores intenções, e que Deus abençoa somente os projetos e as iniciativas das almas humildes, simples, doces, mortificadas, que não se vangloriam de nada, que vêm todas as pessoas acima dela, e para as quais toda confiança está na bondade de Deus. Esforçar-me-ei em todos os momentos de purificar minhas intenções de todo vão motivo de glória, e em tudo buscar unicamente a DEUS.

Eu devo, entretanto, lembrar-me aqui que a necessidade de dominar coloca tudo a perder, e que Deus bendiz somente os desígnios das almas humildes e que se despojam de si mesmas e nele colocam todas as suas esperanças. Sem me estender muito sobre esses meios de santificação que acabo de desenvolver, não posso deixar de dizer que devo ser-lhes fiel lembrando-me das vantagens da santa escritura, e aquelas da leitura espiritual de cada dia, da visita ao Ssmo. Sacramento, da recitação do terço. Nesse momento tomo a re-

76 O Padre Lefranc, membro da sociedade dos « amigos do cordão » parece ter seguido esse modelo com Jeanne Marie Chavoïn e suas companheiras.

77 Pousset se tornará assim fundador das irmãs da Santa Família.

78 Reflexão freqüente nos regulamentos das sociedades secretas do final do século XVIII.

solução de fazer quatro vezes ao ano, durante as quatro estações, a preparação para a morte, da maneira que segue:

Práticas importantes Para assegurar a perseverança

Retiro espiritual anual visto como berço da vida sacerdotal	Preparação para a morte quatro vezes ao ano
---	---

O inferno está cheio de pessoas que tomaram boas resoluções; mas o céu é somente para as almas generosas, que fielmente as guardaram. Qual é o Padre que durante seu seminário, no momento de sua ordenação, ou de um retiro extraordinário não prometeu a Deus de viver em toda santidade que exige sua vocação? Mas são poucos aqueles que perseveraram até o fim: in christianis, diz São Jerônimo, non quae-rantur initia sed finis; Judae laudantur exordia, sed finis proditione damnatur... Paulus mali, sed bene finivit: esta reflexão me faz tremer. Para evitar esse perigo do relaxamento e para nada esquecer ao me devotar à salvação dos outros que eu tenho antes de tudo minha alma a salvar, eu prometo de fazer cada ano um retiro espiritual. Escolherei para esse santo exercício, tanto quanto as circunstâncias me permitam, a casa que foi meu berço, e cujos muros me recordarão minhas antigas resoluções, as lições de santidade que recebi há muito tempo. É a essa prática que vejo como decorrentes meu crescimento espiritual, minha regularidade eclesial, minha perseverança, minha salvação. Nada poderá me dispensar disso.

1º. Eu examinarei se a respeito das missas que me foram pedidas de celebrar, das esmolas que me encarregaram de distribuir, dos depósitos que me foram confiados, tudo está em ordem, bem organizado, que em caso de uma morte imprevista, nada possa ser desviado de seu destino.

2º. Farei meu exame de consciência após haver relido as atuais resoluções, para pedir conta a mim mesmo da fidelidade com a qual as tenho observado.

3º. Rezarei as vésperas e completas, matinas e laudes do ofício dos mortos e me prepararei para a meditação do dia seguinte.

4º. Antes de me deitar jogarei água benta em forma de cruz sobre meu leito, da mesma forma como se faz sobre os mortos. Eu me colocarei sobre meu leito da mesma maneira que um cadáver no seu caixão, colocarei meu breviário sobre o peito, me perguntando se ele é uma testemunha fiel do fervor com o qual recitei o santo ofício; e adormecerei com o pensamento de que o leito é o primeiro túmulo para a maioria dos homens.

5º. Pela manhã irei à Igreja fazer minha meditação sobre a morte.

6º. Celebrarei a santa missa nas mesmas disposições que gostaria de estar para receber o santo viático.

7º. Rezarei as pequenas horas do ofício dos mortos na hora conveniente durante a manhã.

8º. Depois do almoço, depois da leitura de um sermão sobre a morte e a recitação das vésperas dos mortos, irei à Igreja e me colocarei de joelhos no santuário, no mesmo lugar onde são depositados os padres falecidos, imaginarei minha absolvição, me ocupando dos pensamentos que são análogos a essa tocante cerimônia.

9º. Finalmente, nesse dia descansei como no dia anterior, com uma diferença de que, em lugar do meu breviário, buscarei dormir tendo a cruz entre as minhas mãos. Se não praticasse importante exercício quatro vezes ao ano, o farei pelo menos duas vezes.

Preparação para a morte de tempos em tempos

Retiro espiritual anual no seminário visto como berço da vida sacerdotal.

Eu também poderei fazer de tempos em tempos a preparação para a morte da seguinte maneira:

1º. Colocarei em ordem tudo que se refere às contribuições das missas, as esmolas, a fim de que em caso de uma morte prematura nada seja desviado do seu destino.

2º. Farei meu exame de consciência e minha confissão como se fosse a primeira vez da minha vida.

3º. À noite, após haver rezado vésperas, completas, matinas e laudes do ofício dos

Por mais santas que sejam as resoluções que eu acabo de tomar, não posso ignorar que elas não se fixarão no espírito da minha vocação se eu não procurar os meios para torná-las duradouras. Qual é o homem, qual é o padre que, em momentos importantes de sua vida não tomou resoluções profundamente motivadoras como essas que acabo de tomar e que, a seguir, vimos dar uma triste prova da inconstância humana? Está escrito que o inferno está cheio de boas resoluções. Mas o céu é somente para as almas generosas que as guardaram fielmente.

São Jerônimo expressa esse pensamento de uma maneira bem enérgica quando diz: *in*

mortos, e ter preparado minha meditação sobre a morte, jogarei água benta sobre meu leito como sobre um caixão, e adormecerei pensando que o leito é o túmulo da maioria dos homens.

4º. Após a meditação rezarei a missa nas mesmas disposições com as quais gostaria de estar ao receber o santo viático.

5º. À noite, após haver recitado as vésperas dos mortos, farei minha leitura espiritual e minha visita ao Ssmo. Sacramento sobre a morte.

6º. Dormirei nas mesmas disposições do dia anterior.

christianis non quaerentur initia sed finis.
Que exemplo melhor do que Judas, bem mais feliz do que eu, pois chamado e instruído por J. C., e, entretanto, depois de mais de 1800 anos repousa nos infernos.
Judae laudantur exordia sed finis praeditione damnatur paulus male coepit sed bene finivit.

É, portanto, para não fracassar contra o perigo funesto que Deus me faz antever aqui, que eu prometo, que eu instituo, ouso dizer quase jurar, de fazer regularmente todos os anos meu retiro. Escolherei para realizar esse exercício, tanto quanto o tempo e os lugares me permitam, a casa que chamo com o título de meu berço.⁷⁹ Lá, quantas recordações preciosas vêm à minha mente! Ah, se eu tivesse tido a infelicidade de apagá-las da memória, interrogaria os muros dessa casa e eles me responderiam. Trata-se mais de um propósito de ser fiel a uma prática tão importante, do que um plano a seguir. Seguirei os conselhos dos meus diretores.

Invocações finais: que essas resoluções me lembrem do meu compromisso de viver somente para Deus.

“Estas são, ó meu Deus, as resoluções gerais que formei (sic) quando, isento de toda paixão, livre de todo preconceito, e com o coração cheio da santidade do meu estado vós me inspirastes o desejo de vos ser fiel até o último dia da minha vida. Se um dia eu vier a cair no relaxamento, será necessário que esses caracteres que minha mão traçou me acusem, e eu me veja

Estas são, ó meu Deus, as resoluções que eu formei quando, isento de todas as paixões, livre de todo preconceito, vós me inspirastes o desejo de vos ser fiel até o último suspiro da minha vida.

Ah, se algum dia eu for tentado de cair no relaxamento, tomarei em minhas mãos essas resoluções e direi a mim mesmo: reconheces os caracteres que tua mão tra-

79 *Mémoires...* op. cit. t. 1 p. 150 : o padre de la Motte e dois dos seus amigos “tinham o costume de se encontrarem no seminário onde tinham sido alunos, para um retiro de oito dias que eles faziam aí todos os anos”.

condenado pelo meu próprio julgamento? Não será suficiente aquele de meu Deus, de Maria, dos santos, dos meus patronos e do meu anjo? É necessário que eu me torne meu próprio juiz? E que no último dia esse sangue com o qual eu tracei meu nome⁸⁰ se levante contra mim para me pedir vingança? Antes, ó Deus, fazei com que seja como as primícias daquele que eu desejo derramar pela glória do vosso santo nome, e para a salvação das almas: que ele me seja, antes de tudo, um aviso contínuo da obrigação, particular a que estou, como vos sendo devotado, e de em tudo me mortificar, e de renunciar por vós e pelas almas tudo aquilo que eu tenha de mais caro, de vos consagrar todas as afeições do meu coração, e de viver somente para vós.⁸¹ Colocai, vós mesmos, ó meu Deus, o selo nessas resoluções, e sede toda a minha confiança, meu refúgio, minha consolação, minha luz, meu guia, meu apoio, minha salvação: *Ego Dominus et non mutior.*

çou e abaixo dos quais o selo de teu nome foi colocado com teu próprio sangue? Não é suficiente para ti de ter como acusador e ouvir as reprovações de Maria, de São Luís de Gonzaga, de teu patrono, do teu anjo da guarda que são as testemunhas dos teus compromissos? Será necessário além disso que tu te tornes teu juiz e teu carrasco, que o sangue se levante contra ti pedindo vingança? Ah, Senhor, fazei antes com que esse sangue seja as primícias daquele que desejo derramar por vós, que ele me seja um aviso contínuo da obrigação particular a que estou chamado a serviço de vossos altares, de renunciar a tudo aquilo que tenho de mais caro, de tudo sacrificar para vos permanecer fiel, gravar em caracteres indelévels em meu coração essas palavras para que sejam⁸² um aviso precioso de tudo o que acabo de prometer. *Ego Dominus et non mutior verba mea non praeteribunt.*

Breve invocação a Maria.

Ô Maria, vós sois minha mãe, eu vos consagro minha vida e minhas resoluções, não vos invoco jamais em vão. Em meio a tantos perigos, velai sobre mim, sobre a saúde da minha alma, sobre meu ministério, sobre minha vida, sobre minha morte. Amém.

*Lyon, em 14 de junho de 1812,
dia no qual fui ordenado padre.”*

Maria, minha boa mãe, minha terna mãe em quem após Deus ponho toda a minha confiança, coloco essas resoluções sob vossa especial proteção. Lembrai-vos que não vos invocamos jamais em vão. Fazei, ó Virgem Imaculada, que eu seja fiel a esses compromissos, mostrai-me que vós sois minha mãe, e que vós não abandonareis aqueles que a vós recorrem na sinceridade de seus corações.

*Feito no seminário de Santo Irineu,
em 28 de julho de 1817.
+ Pierre Louis Pousset sacerdot*”

80 O compromisso é, pois, assinado com sangue. O texto de Mioland não contém a assinatura.

81 Estamos num estado de espírito e vocabulário semelhante aqueles do Formulário marista de 1816.

82 A leitura da palavra manuscrita não é segura.

DOCUMENTO 3.**Lista de Pousset dos amigos do Cordão**

A primeira lista poderia corresponder a um primeiro registro e um primeiro regulamento. A segunda lembraria antes o registro correspondendo ao novo regulamento.

1º lista p. 3-4	2º lista p. 21-22
+ <i>Hos in intimo</i> MM.	Pichat Félix Chavanne sur Furan Tarpin J. Louis Lyon Pelossieux Antoine
Durand J. Baptiste St Just en Bas	Collin Pierre + Arnaud Jean
Jacquemin J. Claude St Chamond	Morel J. Claude
Fontaine J. Marie de Beny	Minot Jean Louis
Paccaud Etienne Légnieux	Guillot Guillaume Ste Agathe
Guillot Antoine St Just en Bas	Peronnet J. Marie Violay
Drevet Pierre Valbenoîte	Ducray Louis Ennemond Dioc. D' Autun
Bourgaud J. Baptiste St Etienne	Jambon Charles Guillaume Pont de Veyle
Durand Etienne St Germain Laval	Darnand François Marboz
Bernard Jacques Marboz	Mayet J. Claude St Claude
Barbier J. Baptiste, Risols (?) dioc. Grenoble	Villecourt Clément Lyon
+ ⁸³ Pichat Louis Chavanne sur Furan	Plasse Jean Sury (?)
Perrodin Denis Marboz	Gilbert J. Ant(oine) Farney
Puittet (ou Puilliet) Jean Belmont	Magdinier Pierre Marie Ste Agathe
Grange Martin St Georges sur Couzan	Petit Louis St Domingue
+ Garel Pierre Marie St Martin Lestra	+ Berlier Ant. Charl. Aimé Lyon
Richarme Michel Rive de Gier	Charles Maurice Amplepuis
Cattet J. François Neuville	Simon Georges Gabriel St Bonnet le Courau
Lefranc J. Philibert Cours	Picon Ant. François St Etienne
+ Roche J. Bapt. St Just en Bas	Josserand Jean Marie Curciat
Bertheas Rambert La Fouillouse	Poncet Bernard Benoît St Didier
Coignet Martin Tarantaise	Loras Mathias Lyon
Siméon J. Baptiste Chevrières	Caran J. Bte. St Georges
+ Crépet Claude Chazelles sur Lyon	Guillermet Philibert Ampuis
Charretier Benoît Chazelles sur Lyon	Delupé (de Lupé) Aug. M.F. Lyon

83 A cruz indica que a pessoa já faleceu.

OS «AMIGOS DO CORDÃO» NO SÉMINÁRIO SANTO IRINEU

Laffay Jean	St Bonnet	Pater Vincent	Lyon
De St Jean Jean François	St Romain de Popey	Horand Denis	Lyon
Ville Joseph	St Martin en Haut	Chirat Charles	Lyon
Pastre Jean Louis	Fenestrelles	Boutan J. Bap(tis)te	St Etienne
+ Dutour Jean-Baptiste	Bessenay	Blanc Ant(oine)	Sury le Comtal
Vial Michel	Ste Colombe	Loire Pierre	Violey
Combe Jean Marie	St Didier	Crozet Jacques Marie	Néronde
Breuil J. Bapt.	Montbrison	Mangon Claude	St Didier
Nicod J. François	Bourg	Derorry Michel Christophe	D. de Trente
Cholleton Jean	St Marcel de Fél(ines)	Dujart Antoine	Lyon
Denoyel J. Claude	Fleurieux sur A.	Deville Claude	St Etienne
Néel Barthélemy	Meys	Corsain Pierre	Bourg
Mioland J. Marie	Lyon	Pousset Pierre	Cordelle
Greppo J. Gabriel Honoré	Lyon	Privat Pierre	Lyon
Préher François	Chandon (?)	Brunon J. Bte	Rochetaillée
		Champion Joseph	Poncin
		Froget Pierre	
		Orcel Jacques	
		Blanchard Jean Marie	
		Gabriel Aug. Ambroise	
		Magand (?)	
		Magnard	
		Portier	
		Quiblier etc	

Documento

O inspetor Guillard

Quando a universidade apoiava as congregações

Ir. André LANFREY, fms

No Capítulo VIII da Vida do Fundador, o irmão Batista evoca as primeiras fundações de escolas: La Valla, Marlhès, Saint-Sauveur-en-Rue, Bourg-Argental. Nos Capítulos XI e XII ele recorda as contradições que teve de enfrentar a fundação durante os primeiros anos. Além do Ir. João Batista, que reconstitui tardiamente a história dos primeiros anos da Sociedade de Maria de l'Hermitage, temos a chance de dispor de uma fonte exterior: os relatórios do inspetor da Academia, Guillard, que visita as primeiras escolas maristas em 1820 e 1822. Descobertos pelo Ir. Pierre Zind¹, esses relatórios foram transcritos em *Origines Maristes* (doc. 65 e 75). Durante pesquisas feitas em Clermont-Ferrand, encontrei, por acaso, as cartas desse personagem, o que me motivou a consultar seu dossiê nos Arquivos Nacionais.²

Espero, pois, nas páginas que seguem, esclarecer melhor a carreira de um funcionário cuja ação parece ter tido uma real importância sobre as origens maristas.

1 « *Contribuição à retomada dos trabalhos sobre as origens dos Pequenos Irmãos de Maria* », 1ª publicação em *Bulletin de l'Institut*, 1955, t. XXI e XXII. Textos retomados no caderno *Sur les traces de Marcellin Champagnat*, Rome 2001, apresentação do Ir. Henri Vignau, c.g., t. 1 p. 153-167.

2 Meu dossiê é fundamentado : 1º Arquivos do bispo de Clermont, JO/1/60 e K4/8/68, 2 cartas de Guillard à Mons. Duval de Dampierre, a primeira de 15 julho de 1816 ; a segunda, muito mais interessante, de 18 de julho 1822. 2º Arquivos Nacionais, F17/20903, dossiê administrativo de Guillard.

I. UMA CONGREGAÇÃO NEBULOSA

Em 1820, o ensino primário vive sob “a era dos notáveis locais”³. O Estado, não tendo nem pessoal nem dinheiro para criá-lo e fazê-lo funcionar, depois da lei de 1816, confia a criação e a gestão dessas escolas aos prefeitos e aos párocos. A supervisão desses estabelecimentos é confiada a um comitê regional, que propõe aos reitores da academia nomeações e sansões; Todo instrutor público ou particular deve possuir um certificado de boa conduta moral, um certificado (brevet) de aptidão e uma autorização dada pelo Reitor da Academia.

Desejoso de conhecer o conjunto de escolas que dependiam teoricamente da Universidade e também com o desejo de perseguir as escolas e colégios clandestinos, Guillard visita, em maio de 1820, a região de Saint Genest-Malifaux (OM1, doc. 65 p. 253-254). No que se refere aos Maristas, ele anota que, em Marllhes, o instrutor Moyne⁴, que havia falecido, foi substituído pelo Sr. Audras, que não é outra pessoa senão o Ir. Luís, diretor da primeira escola fundada pelo P. Champagnat, que não tinha ainda autorização, mas era simplesmente agregado pelo comitê da comuna. Ele acrescenta que em la Valla, fora da comuna, o vigário, isto é, o P. Champagnat, mantinha um colégio com vários professores, o que causaria prejuízo aos colégios da vizinhança.⁵ Mas, Guillard não vai até lá por causa da dificuldade de comunicação.

Se em 1820 Guillard encontra os Maristas em Malhers sem os identificar, na primavera de 1822 (OM1 doc. 75), sua visita à região de Bourg-Argental, Saint-Chamond, Feurs e Charlieu lhe permite descobrir a rede marista. Em Bourg-Argental, ele assinala que um professor leigo não tem mais alunos para o latim e que a comuna concedeu o status de professores comunais a três irmãos de la Valla, aos quais o reitor acabara de conceder a autorização. Em Saint-Sauveur, ele encontra também dois irmãos que têm apoio das autoridades comunais e recebem a autorização do Reitor.⁶ Em 26 de abril, ele visita la Valla e constata que o pároco está descontente com seu vigário, que não ensina mais a latinistas, mas a 12 ou 15 jovens camponeses, que forma de acordo com o método dos irmãos. Visita o local, que acha pobre e sujo, mas não faz referência senão a uma escola. Advertido de que se deve regularizar com a Universidade e seus superiores eclesiásticos, Marcelino Champagnat prefere esperar: “que a árvore finque raízes”.

3 Antoine Prost, *L'enseignement en France. 1800-1967*, Armand Colin, 1970, p. 91-92.

4 Foi ele que deu aulas durante certo tempo ao P. Champagnat.

5 Queixa do diretor do colégio de Saint-Chamond, exagerada, mas não desprovida de fundamento: o P. Champagnat tinha alguns latinistas.

6 Um deles é Barthélemy Badard, (Ir. Barthélemy) nascido 1804. Ver *Vida* p. 67. O outro é Jean-Marie Granjon.

Chegando a Feurs, em maio, Guillard constata que o pároco, presidente do comitê escolar cantonal que supervisiona as escolas, se entende muito bem com o pároco de Epercieux (Courveille); e este, por sua vez, pretende ser superior geral dos dois irmãos do lugar, que mantêm uma escola, aberta em 25 de fevereiro, e também daqueles de la Valla, cujo superior seria apenas um agente.

Finalmente, quando ele visita Charlieu, ao norte do departamento da Loire, Guillard descobre que o Sr. Grizard, antigo mestre dos Irmãos das Escolas Cristãs, acaba de ser autorizado pelo reitor, e recebe da cidade 300F; tem um vice-mestre com ele e uns 30 ou 40 alunos. Além disso, “ele forma noviços à maneira de la Valla” .

Guillard descobriu uma congregação clandestina aos olhos da Universidade e das autoridades eclesiásticas. Enquanto as escolas visitadas não estavam em perigo, pois eram apoiadas pelas autoridades locais, as casas de la Valla e Charlieu eram noviciados clandestinos, que podiam ser fechados pelo reitorado.

O relatório de Guillard parece ter desencadeado a intervenção do Sr. Bochart em la Valla e Charlieu, provocando, assim, o temor da dispersão da congregação nascente. (cf. Dissertação Bourdin OM doc. 754 e *Vida* cap. 11 p. 121). De fato, o Vigário Geral, como bom administrador e, provavelmente, convidado pelo reitorado a colocar ordem em sua casa, deseja transformar essa nebulosa em congregação diocesana sob sua autoridade.⁷ As fontes maristas falam também das pressões que ele exerce sobre o P. Champagnat nesse sentido. Parece haver feito a mesma coisa com Grizard.

Paradoxalmente, do lado da Universidade é que o perigo foi menor, pois as circunstâncias eram favoráveis às congregações ensinantes: em fevereiro de 1820, pouco antes da visita de Guillard, o assassinato do duque de Berry encheu a França de honra. Complotes republicanos e insurreições em muitas partes pareciam ameaçar a ordem social. Depois do final de 1821, um governo de direita inaugura uma aliança entre o trono e o altar. Antes da redação definitiva do relatório de Guillard, em 1º. de junho de 1822, Mons. Frayssinous, um sulpiciano, torna-se Grão-Mestre da Universidade, acreditando na idéia de que o clero, com o consentimento do governo, deseja desestabilizar a Universidade.

Guillard, funcionário zeloso e prudente, em seu relatório avalia os prós e contras: é preciso usar de severidade ou tolerar essa congregação? Finalmente, ele envia a decisão ao reitor e sugere, inclusive, que o Consel-

⁷ É a opinião de Pierre Zind e também minha. Cf. *Les nouvelles congrégations de frères enseignants en France de 1800 à 1830*, Le Montet, 1969, p. 213-214.

ho Real, instância diretora da Universidade, seja consultada. O reitor de Lyon, o padre D'Regel, parece ter seguido o conselho de moderação (OM1 doc. 77). Em uma carta a Mons. Frayssinous, em 4 de outubro de 1822, ele declara trabalhar para a autorização de uma congregação de irmãos da qual não cita o nome, que poderiam ser os Maristas ou os Irmãos de Grizard, confundidos na mesma entidade.

Eis, pois, retomado em grandes traços, um dossiê já revelado anteriormente pelo Ir. Pierre Zind, cujos documentos estão agrupados em O.M. Além de colocar em evidência um projeto da sociedade de educação sob forma de nebulosa (La Valla, Feurs-Epercieux, Charlieu), ele mostra que, em 1822, a Universidade é totalmente favorável ao estabelecimento de congregações, por pouco que elas aceitem o controle do Estado e, sobretudo, da Igreja.

Mas essa longa evocação, que não pretende trazer novidade, tem apenas um objetivo: permitir melhor situar o autor do relatório, que parece haver atualizado o projeto marista e suas diversas interpretações.

2. CLAUDE GUILLARD, UMA CARREIRA PRECOCE E MOVIMENTADA

Seu dossiê administrativo, composto essencialmente por ele mesmo, oferece, segundo os documentos que redige em diversas datas, variantes não-negligenciáveis, facilmente explicáveis por sua preocupação de responder melhor à doutrina do poder – e de seu interlocutor – em vigência no momento em que ele escreve.

Nascido em 15 de fevereiro de 1776, em Mâcon (Saône-et-Loire), a 70 quilômetros de Lyon, talvez tenha feito estudos no colégio da cidade.⁸ Acredita-se que ele tenha sido em 1791 (portanto, com a idade de 15 anos), um dos primeiros escriturários da administração departamental de Saône-et-Loire. Em seguida, regente no colégio de Marcigny, a partir de novembro de 1792, mas, por ocasião da sua aposentadoria, ele não pôde justificar sua presença nesse lugar senão a partir de 2 de Frimário ano II, isto é, 22 de novembro de 1793. Ele mesmo declara ter ficado escondido no campo, na região de Mâcon, de 1794 a 1797, enquanto educava os sobrinhos ou sobrinhos-segundos do conde de Précý, defensor de Lyon, em 1793. Em sua carta de 28 de novembro de 1831, ele fala da “interrupção

⁸ Um documento do seu dossiê administrativo o apresenta sob o nome de “Guillard jeune” e quando ele assina parece acrescentar ao seu nome as letras “je” abreviação possível de “jeune”. Seria bastante fácil de consultar os arquivos departamentais de Mâcon para recheiar o dossiê. Mas isso vale a pena?

forçada” de seus serviços em 1794, assinalando que a revolução lhe causou grandes perdas, sem, contudo, acrescentar outros detalhes. Provavelmente, submetido ao recrutamento em 1798, torna-se secretário do general Fressinet na armada da Itália. Em primeiro de novembro de 1799, com 23 anos, recupera o colégio de Marcigny. O estabelecimento teria prosperado chegando a ter entre 90 a 120 alunos, dentre os quais 55 a 60 pensionistas, provenientes de vários departamentos.

Entre 1799 e 1809, Guillard torna-se proprietário do estabelecimento. Beneficia-se da lei de Floreal ano 10 (1º. de maio de 1802), que organiza os liceus públicos, mas reconhece um setor privado secundário, seja comunal, seja mantido por particulares.⁹ Seu estabelecimento é reconhecido como secundário através de resolução do 1º. cônsul durante o 5 Frimário ano XI (1803), e em 1809 ele recebe o título de colégio. Podemos imaginar que durante esses mesmos anos Guillard tenha obtido seu doutorado em letras, e se casa com Jeanne-Marie-Françoise Touzet, nascida em 28 de novembro de 1775, em Marcigny. Eles tiveram três filhos, dos quais o último ainda morava com os pais em 1831.

Desse percurso precoce e movimentado, a administração manteve somente as atividades provadas:

De 22 de novembro de 1793 (2 Frimário ano II) até 1º. de novembro de 1794: regência no colégio de Marcigny, ou seja, 11 meses e 8 dias.

De 1º. de novembro de 1794 a 1º. de novembro de 1799: “interrupção voluntária de serviços, Sr. Guillard se dedica aos cuidados de uma educação particular”. Nenhuma referência quanto ao tempo de serviço.

De 1º. de novembro de 1799 a 6 de setembro de 1809, diretor da escola secundária de Marcigny, ou seja, 9 anos, 11 meses e 6 dias.

*O Atlas da Revolução Francesa*¹⁰ confirma a existência, em 1789, de um colégio em Marcigny, pequena localidade de alguns milhares de habitantes, situada a 30 quilômetros ao norte da cidade de Roanne e a 25 quilômetros ao sul de Paray-le-Monial. Era um colégio secular, com apenas um professor. Ele assemelha-se àquele de Saint-Sauveur-em-Rue, freqüentado por Marcelino Champagnat, que oferecia uma formação elementar e algumas noções de latim. Em 1812 tem três professores, o que confirma os dizeres de Guillard com relação à relativa prosperidade do estabelecimento.

9 Essa lei parece conceder uma recompensa aos estabelecimentos que têm menos de cem pensionistas.

10 Atlas de la RF, 2, L'enseignement. 1760-1815, Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences sociales. Paris, 1988, p. 101.

Quanto a Louis-François Perrin de Précý (1742-1820), cujos sobrinhos Guillard afirma haver educado, é um dos símbolos da resistência à tirania jacobina. Militar de carreira, em 1791 é tenente-coronel da guarda constitucional de Louis XVI. Em 12 de agosto de 1792, ele participa da defesa do palácio das Tuileries, tomado pelos “sans-culottes”, que põem fim à realeza naquele dia. Depois disso, tendo Précý se retirado para Semur-em-Brionnais, muito próximo a Marcigny, deduz-se facilmente que Guillard tenha sido o preceptor de seus sobrinhos. Foi lá que os federalistas lioneses vieram procurar o conde para que ele defendesse sua cidade em revolta contra os jacobinos parisienses. Após haver sido sitiada durante dois meses, ele consegue passar à Suíça e depois à Alemanha, onde servira como agente da realeza. Talvez ele mesmo tenha sido afastado da administração departamental de Saône-et-Loire em razão das suas opções monarquistas ou mesmo federalistas.

Também, mesmo que nosso dossiê não ofereça nada de preciso sobre as origens da família de Guillard e deixe muitas zonas obscuras sobre o início de sua carreira, temos vários meios de verificação para julgar crível a reconstituição da sua carreira.

3. UM FUNCIONÁRIO ATIVO E AMBICIOSO

É somente no final de 1809 que a carreira de Guillard sofre uma reviravolta: de 6 de setembro a 14 de dezembro de 1809, a administração sente uma interrupção de 3 meses e 8 dias depois da sua demissão como diretor do colégio. Em seguida, de 14 de dezembro de 1809 a 10 de novembro de 1831, ou seja, 21 anos, 10 meses e 26 dias, Guillard é o inspetor das academias de Clermont, depois Lyon. O total dos serviços reconhecidos chega, pois, a 32 anos, 9 meses e 10 dias, o que dá direito a uma aposentadoria igual aos 3/5 das gratificações, das quais gozou, durante os últimos três anos de sua atividade, mais 1/20 por ano a mais. Sua pensão totaliza, portanto, 2170F.

A passagem de Guillard da condição de professor independente para a de funcionário de nível médio parece ter duas causas: de uma parte, a criação da Universidade Imperial; da outra, a ambição – para não dizer arrivismo – de Guillard. Este acredita que a lei de 10 de maio de 1806, que funda a Universidade, é para si uma ameaça, talvez porque os estabelecimentos privados devem obter uma autorização do Grão-Mestre mediante financiamento e pagar uma taxa anual por aluno igual a 1/20 do montante da pensão do internato. Além disso, os liceus encaminhariam para eles uma parte da clientela dos colégios.

Mas existe uma outra coisa: desde 1806, Guillard haveria apresentado a Fourcroy um projeto de lei que teria inspirado a famosa lei de 10 de maio, criando a Universidade Imperial, e este teria prometido àquele o cobiçado posto de inspetor geral da mesma. Guillard teria mesmo apresentado ao governo um plano de educação que inspiraria o decreto de 17 de março de 1808 e organizaria a Universidade em corporação leiga, com um Grão-Mestre, um conselho de trinta membros e reitores à frente das academias. Isso lhe valeu a promessa de Fontanes, Grão-Mestre da nova Universidade. Isso lhe valeu a promessa, provinda de Fontanes, de Grão-Mestre da nova Universidade.

Em virtude da confiança nessas promessas, Guillard teria vendido sua propriedade, ainda que desvalorizada pela criação da Universidade, e pediu demissão. Podemos supor que tenha partido em seguida para Paris, entre setembro e dezembro de 1809, a fim de fazer avançar sua causa no ministério. Então, obtém uma recompensa bem abaixo das suas ambições: o título de inspetor da academia, que faz dele um funcionário de segunda categoria, e vai, assim, passar o resto da sua carreira ambicionando o posto de reitor da academia, sem jamais alcançá-lo.

Guillard atribui seu fracasso ao fato de que muitos arrivistas obtiveram os postos elevados que ele ambicionava, sem que tivessem méritos. Isso certamente pode ser verdade. Entretanto, os erros que cometeu no momento das mudanças de regime parecem ter sido a causa da espécie de estagnação administrativa na qual sucumbiu. Assim, numa carta ao bispo de Clermont, Mons. Duvall de Dampierre¹¹, datada de 18 de julho de 1822, ele recorda um discurso que pronunciara em 27 de agosto de 1814, no início da 1ª. Restauração, provavelmente durante a sessão de entrega de prêmios no liceu de Clermont, em favor da religião e da legitimidade. “A impiedade cometeu um crime para comigo, e esse foi um dos motivos que me impediram de ser nomeado reitor sob a administração funesta que tivemos há seis anos”.¹² Talvez tenha sido esse discurso, depois impresso, que afastou Guillard de Clermont, e atraiu sobre ele as sanções da administração em 1831.

Durante o mês de junho de 1815, Guillard deu outro passo errado em sentido contrário: um pouco antes de Waterloo, que começa em 18 de junho, ele apresenta seu *curriculum vitae* ao Grão-Mestre da Universida-

11 Arquivos do bispo de Clermont, K4-8/68.

12 Guillard visa aqui a administração, muito liberal aos olhos dos radicais, dos governantes da Restauração.

de, Sr. Lacépède, certamente desejando obter um posto mais elevado junto ao governo imperial.¹³

De agosto de 1815 até a final do ano, ele exerce as funções de secretário da prefeitura, enquanto o prefeito estava ocupado em desmobilizar as tropas francesas e a negociar com as tropas estrangeiras que saqueavam o departamento. Em 1816, a segunda Restauração o nomeia inspetor da academia em Lyon. Podemos interpretar essa nomeação como uma modesta promoção, ou ao mesmo tempo como um exílio.

Guillard parece ter sido um desses funcionários típicos que serviram a República, o Império e depois a Restauração, dando provas, como a maioria, de competência e de lealdade contínua. Não desfrutando de uma alta posição na hierarquia social para se beneficiar dos postos elevados e receber o perdão por suas mudanças constantes, Guillard fica sujeito a um posto relativamente subalterno: sob o Império, porque foi próximo dos partidários do rei, e sob a Restauração, porque serviu ao Império. Uma singular falta de propósito nesses posicionamentos em momentos críticos dá a impressão de um homem mais aplicado e ambicioso do que profundamente inteligente.

Quando ele presta contas das suas visitas às comunas onde os maristas começavam a se manifestar, demonstra ser um funcionário zeloso, ambicioso e competente, que parece estar sempre esperando o posto de reitor. Em 1827, ainda, ele pede para suceder ao reitor D'Regel, doente e ausente, caso este não volte.

Mas Guillard enfrentar um novo problema delicado: seu genro, Alex Montandon, foi o redator-chefe do jornal *O Precursor*, que a polícia de Lyon considerava como “dedicado às doutrinas revolucionárias”. Ele se justifica alegando que o Sr. Rusand, editor e ferrenho partidário do rei, deveria fazer de Montandon o responsável pelos seus negócios, mas acabou preferindo seu próprio genro. Em 1828 e 1829, doente, Guillard pede férias de meio de ano para ir às águas de Aix.¹⁴

Quando explode a Revolução de julho de 1830, é ainda inspetor da academia. Ele, que serviu tantos regimes, não consegue entrar nas boas graças do governo dos Orléans: em 10 de novembro de 1831, um pouco

13 Sr. Lacépède é um servidor do Império. Como Guillard não evoca seu preceptorado com os sobrinhos de Précý e exagera seus serviços prestados ao Império, podemos pensar que o texto é anterior a 18 de junho, data de Waterloo. Por outra parte, o primeiro governo da segunda Restauração é estabelecido somente em 7 de julho.

14 Aix-les-Bains, em Savoie.

mais de um ano depois da Revolução de julho de 1830, o ministro o convida para fazer valer seus direitos à aposentadoria, alegando para isso dois motivos: sua saúde e o bem do serviço. As contestações de Guillard a esses dois motivos não mudam nada, e ele começa a gozar da sua pensão em 29 de novembro de 1831, sem haver conseguido ser nomeado reitor honorário nem membro do conselho acadêmico. Acha que sua pensão de 2170F é pequena. Em 22 de julho de 1836, declara que vai se transferir para Brassac, em Auvergne. Em 20 de maio de 1837, não tendo podido suportar o clima frio de Auvergne, decide se reinstalar em Lyon. Morre em 4 de janeiro de 1845. Sua esposa obtém, então, o direito a receber uma parte de sua pensão (732,20 F). Ela morre em 4 de fevereiro de 1852.

CONCLUSÃO: UM TEMPO DE EQUILÍBRIO ENTRE DOIS MUNDOS

O decurso existencial desse personagem de segundo plano permite melhor compreender em qual instabilidade política e religiosa vai se tecendo a vida dos primeiros maristas e das pessoas colocadas em altos cargos empregatícios, embora com habilidades insuficientes para avaliar os acontecimentos. Notamos bem entre elas a obsessão de se elevarem, porém freqüentemente contrariadas por mudanças de situação. Sua leveza de comportamento e seu relativismo ideológico nem sempre são suficientes para alcançar as boas graças dos regimes instaurados, pois seus dossiês administrativos as acompanham, e sua filiação a um protetor poderoso sob certo regime as compromete naquele seguinte.

João Batista Champagnat, pai do Fundador, viveu durante a Revolução essa dura lei de regimes sucessivos e violentamente opostos, e tudo indica que, por causa disso, perdeu toda sua fortuna. O Padre Champagnat e os primeiros maristas parecem ter tido mais chance sobre o plano religioso: assim, primeiramente encorajados e depois contrariados por uma administração diocesana no período do Cardeal Fesch, eles têm a chance de se encontrarem imediatamente do lado dos ganhadores, por ocasião da chegada de D. Gaston De Pins. Em 1830 ocorre o inverso: eles são arrastados na ruína do mesmo prelado, que o novo regime vigia de perto, esperando poder substituí-lo por D. de Bonald quando da morte do cardeal Fesch, em 1839. Do mesmo modo, o Padre Champagnat, superior de l'Hermitage, não se torna superior da Sociedade de Maria.

Não podemos esquecer que, desde o início, Courveille e Champagnat se situam mais ou menos conscientemente na corrente ultramonarquista, o que lhes permite não sofrerem as investidas de uma universidade fa-

vorável ao ensino religioso e mesmo congregacional. M. Champagnat parece ter sabido tomar certa distância face a essa ideologia durante os últimos anos da Restauração. Eis por que sua congregação não sofre muitas dificuldades durante a fase perturbadora da Revolução de 1830. A instituição da *Salve Regina* nessa data significa, especialmente, que a congregação não tem que escolher entre a dinastia dos Bourbons e aquela dos Orleans, porque ela reconhece apenas uma realeza: a de Maria.

Também não podemos deixar de sublinhar a importância dessa revolução, que quebra um projeto de recristianização da França através do trono e do altar, e provoca um retorno agressivo do espírito revolucionário nos primeiros anos da Monarquia de julho. Sobretudo, essa revolução é a ocasião de uma profunda e durável reorganização dos quadros administrativos, em que os funcionários, comprometidos com o regime precedente, perdem seu posto, seja pela aposentadoria antecipada, como no caso de Guillard, seja pelo impedimento da ascensão a outros cargos.

Ainda que sua própria idéia da Sociedade de Maria não consiga se impor, o Padre Champagnat sofre, parcialmente, as conseqüências dessa nova política por não conseguir, apesar dos reiterados esforços, obter a autorização da sua congregação. Entretanto, ele consegue se beneficiar das conseqüências da política escolar do regime que, pela lei Guizot de 1833, impõe à cada comuna a criação de uma escola para meninos, assim como o uso do método simultâneo: aquele utilizado pelos Irmãos das Escolas Cristãs e Pequenos Irmãos de Maria, laicizado sob o nome de método simultâneo-mútuo. Mas essa mesma lei, prevendo o estabelecimento de uma escola normal para meninos em cada departamento, prepara a substituição das sociedades privadas de educação, pelos funcionários do Estado, e finalmente sua eliminação em 1903.

Os anos de 1820-1830 são, pois, para os Pequenos Irmãos de Maria, os anos Guillard: anos abençoados para as congregações, em um tempo em que a Universidade funcionava quase como uma congregação, ainda fortemente ligada ao espírito do Antigo Regime, conseqüentemente, capaz de compreender a utilidade desses grupos que nascem em toda parte para responder a uma necessidade de educação cristã, sem se dar conta das implicações políticas de sua ação.

Depois de 1830, as congregações não podem mais alimentar tal sentimento de inocência: a educação se torna um problema social e político, e elas devem escolher em que lado ficam.

DOCUMENTO I .
(Arquivos Nacionais F17/20903)

Como foi dito no comentário acima, esse documento foi comprometedor para Guillard sob a Restauração, pois ele põe em evidência a oferta de serviço de Guillard ao Império provisoriamente restabelecido durante os Cem Dias. Depois de 1830, entretanto, ele lhe é mais favorável, pois a Monarquia, ao pretender ser herdeira do espírito revolucionário, especialmente pelo restabelecimento da bandeira tricolor, não alimenta hostilidade para com o regime imperial. Percebemos que Guillard não menciona aqui que ele foi o preceptor dos sobrinhos ou sobrinhos-segundos do conde de Précý. Não evoca, tampouco, sua relação, embora muito evidente, com a primeira Restauração.

Durante a segunda Restauração, esse será um documento comprometedor.

“Nº3¹⁵ Títulos do Inspetor Guillard

Vinte e três anos de exercício na instrução pública, a saber: 18 anos como professor, e em seguida Diretor de uma escola secundária em Marcigny, estabelecimento que era o mais conceituado do departamento de Saône-et-Loire e da maior parte dos departamentos vizinhos; depois, 5 anos como inspetor da academia de Clermont, encarregado do ministério público desde sua criação, onde ocupou, várias vezes, as funções de reitor, assim como dirigiu as secretarias da academia.

Ele é presidente da secção de contabilidade do conselho acadêmico.

Foi especialmente encarregado da alta vigilância do liceu de Clermont, sobre o que fazia relatórios semanais a S. Ex^a.¹⁶ para o cumprimento da instrução geral n. 110.

Sofreu grandes perdas durante a Revolução; e, em último lugar, o estabelecimento da Universidade lhe custou mais de 24 000 F sobre a venda de uma casa que tinha adquirido, na esperança de obter as recompensas propostas pela lei do 11º floreal ano dez.

Ele apresentou diversos projetos de leis e regulamentos que foram bem acolhidos, a saber: um ao Sr. Fourcroy, em 3 de outubro de 1807, do qual mais de 40 artigos se encontram no decreto orgânico de 17 de março seguinte; um outro ao Sr. Fontanes, em 21 de julho de 1808, e que é em vários pontos semelhante ao decreto de 17 de setembro do mesmo

15 É o número de ordem dos documentos justificativos apresentados por Guillard.

16 O Grão-mestre da universidade.

ano; finalmente, outras obras relativas à organização da Universidade, como as que foram apresentadas em 9 de outubro de 1807, 29 de junho e 16 de agosto de 1808, e 30 de março de 1809.

As provas de todos esses fatos devem existir nos escritórios da Universidade.

Nota: Esse documento foi apresentado ao Sr. Lacépède, Grão-Mestre da Universidade, no mês de junho de 1815.

Para cópia conforme.

Lyon, 28 de novembro de 1831

Guillard”

DOCUMENTO 2.

(Arquivos do Arcebispado de Clermont, K4/ 8/68)

A Dom Duval de Dampierre, bispo de Clermont

Veremos que esta carta foi escrita logo depois do relatório sobre as escolas de Loire. Ela se adapta maravilhosamente à conjuntura política do momento, marcada por um embargo da Igreja sobre a universidade, simbolizada pela nomeação de Dom Hermopolis (Frayssinous) para o ministério da instrução pública. Guillard explora, então, suas relações eclesíásticas para ser colocado na lista dos homens capazes e pensantes.

Dar-nos-emos conta da sua retórica tipicamente conservadora, evocando Deus, a religião e a Legitimidade, as pessoas de bem e os bons princípios.

“Lyon, 18 de julho de 1822

Monsenhor,

Graças a Deus, temos um novo Grão-Mestre, um dom para todos os bons franceses amigos da religião e da Legitimidade.¹⁷ Vós sabeis, Monsenhor, que sempre professei¹⁸ esses sentimentos, e vós me ouvistes expressá-los durante um discurso que pronunciei no dia 27 de agosto de 1814.

¹⁷ Isto é, a dinastia legítima: o ramo mais antigo dos Bourbons.

¹⁸ Guillard s'avance beaucoup. On a vu qu'il a servi la République et l'Empire.

Em troca da circular de Monsenhor Hermopolis, enviei a V. Ex^a. um exemplar desse discurso, e tomei a liberdade de dizer que vós o aprovastes; mas não citei vossas próprias expressões, na esperança de que Vossa Grandeza se dignaria de fazê-lo. Ao sair da entrega de prêmios, vos me cerrastes a mão, Monsenhor, e tivestes a bondade de me dizer: “Vós falastes, meu caro, como eu mesmo gostaria de tê-lo feito”.

Algumas pessoas que ouviram estas palavras pediram meu discurso, e eu o fiz imprimir, na crença de que ele seria útil aos alunos e agradável a seus pais, portadores de bons sentimentos. A impiedade cometeu um crime para comigo, e esse foi um dos motivos que me impediram de ser nomeado reitor, sob a funesta administração que temos tido há seis anos.¹⁹ Hoje, esse mesmo motivo não deveria operar um efeito contrário, sob uma administração que não deseja e não deve acolher senão homens que professem, ao mesmo tempo, bons bríncípios religiosos e políticos?

Vós pensais, sem dúvida, como eu, Monsenhor; mas, para que isso seja assim, é indispensável que esses homens sejam conhecidos, e, portanto, peço-vos ter a honra de ser por vós apresentado a Dom Frayssinous, nosso novo chefe. Sede generoso, eu vos suplico, em lhe escrever uma palavra em meu favor, dizendo-lhe que vós me vistes em Clermont, do mês de janeiro de 1810 a 10 de junho de 1816, ocupando as funções de inspetor e, algumas vezes, a de reitor, para satisfação de todas as pessoas de bem e, notadamente, a vossa etc; depois, ao terminar, uma recomendação a V. Ex^a. para que me dê a preferência, desde que possa dispor de algum cargo superior para um leigo.²⁰

Se vós me prestardes ese grande favor, Monsenhor, poderei aguardar algo semelhante do bispo de Autun²¹ e de outros grandes personagens: mas (visto²²) o tempo que morei em vossa diocese, cabe a vossa grandeza informar Dom Frayssinous a meu respeito, e ousar dizer que vós não recusareis tão grande favor àquele que a vós recorre com o mais profundo respeito.

De Vossa Grandeza
O mais humilde e obediente dos servidores
Guillard, Inspetor da Academia de Lyon”

19 Isto é, um regime liberal, incarnado notadamente pelo duque Decazes.

20 Passagem significativa: Guillard aceita a tutela clerical.

21 Guillard a donc gardé des relations en Saône-et-Loire, son département d'origine.

22 Essa palavra não está no original.

DOCUMENTO 3.
(Arquivos Nacionais, F17/ 20903)

Guillard sabe, com certeza, por que é convidado à aposentadoria: comprometeu-se muito com a Restauração, e o novo regime tem seus homens a colocar. Sua carta tem por objetivo, sobretudo, pedir uma aposentadoria que lhe ofereça as melhores compensações fianceiras e honrosas. Uma carta do reitor de Lyon ao ministro, em 5 de março de 1832, sugere que Guillard seja nomeado reitor honorário. Quanto a lhe conceder um lugar no conselho acadêmico, ele aconselha esperar uma vaga. Mas acrescenta: “acredito que seja conveniente, e talvez prudente, esperar que o tempo mostre em qual posição o Sr. Guillard será colocado na academia”.

A posição da administração é, pois, muito clara: dar alguma esperança a Guillard desde que sua atitude política seja julgada satisfatória. Como parece que este não tenha jamais obtido os títulos que reivindicava, podemos concluir que dessa vez não tenha feito esforço para obter a graça.

“UNIVERSIDADE DA FRANÇA
Academia de Lyon

Nº 3384

Com um atestado de serviço e cinco documentos de apoio.

Lyon, 28 de novembro de 1831

Senhor Ministro,

Uma carta do meu reitor me informa que, por sua decisão, datada de 10 deste mês, fui orientado a fazer valer meus direitos à aposentadoria.

Após quarenta anos de serviços na instrução pública,²³ serviço no qual obtive constantemente elogio dos meus superiores, sem haver jamais recebido repreensão e com a consciência de nunca tê-la merecido, me achava longe de merecer tão severa medida que me impede, contra a minha vontade, de continuar minha atividade em uma idade, na qual não podendo me lançar em uma outra, poderia ainda servir de maneira útil naquela à qual tinha consagrado toda minha vida.

²³ Guillard n'hésite pas à exagérer quelque peu. Au plus il pourrait invoquer 38 ans : 1793 -1831.

A medida que me atinge é motivada, primeiro, pelo estado habitual da minha saúde; segundo, pela consideração ao interesse do serviço.

Não deveriam ter-me escutado sobre meus motivos antes de me julgarem?

Se é verdade que minha saúde tem sofrido alguma alteração em 1827 e 1828, ela é conseqüência do excesso de trabalho que foi imposto pela situação da Academia: eu ocupei, então, sozinho, durante dez meses e meio, as funções de reitor, de secretário e dos dois inspetores (pois Sr. Mayeure (?) que me foi dado finalmente por colega, não pôde dividir o trabalho, estando mais doente do que eu). Logo que cada posto teve um titular, obtive, no meio dos anos de 1828 e 1829, umas férias para ir às águas de Aix²⁴, onde gastei o dobro da compensação de 750 F. que me tinha sido ortogada. Depois, minha saúde se restabeleceu perfeitamente, e reasumi com exatidão e zelo todas as funções de que estava encarregado

Eu não pensava que essa circunstância da minha vida pudesse motivar um gesto de descontentamento!

A respeito do segundo motivo: o interesse pelo serviço. Confesso que não o compreendo. Se me tivessem feito saber em que e como esse serviço pode melhorar, talvez teria contribuído tanto quanto um outro.

Apesar dessas justas reclamações, Senhor Ministro, apesar das promessas positivas que me foram feitas diversas vezes, e em último lugar pelo Sr. Ministro Duc de Broglie,²⁵ eu me resigno, consciente do dever da obediência, no rigor de toda medida que me aflige, confiando na segurança que vós destes ao Sr. Reitor de que me serão tidos em conta os meus anos de trabalho anteriores, tanto durante o tempo da Universidade, como na interrupção forçada do ensino em 1794.²⁶ Essa disposição, plena de justiça e de bondade, me promete uma pensão de aposentadoria igual ao montante que recebo há 22 anos,²⁷ e não posso temer nenhuma interrupção entre o fim desse tratamento e o início da minha pensão..

Uma esperança pode somente me apoiar contra o aspecto das necessidades que ameaçam o meu futuro: a módica remuneração atribuída às minhas funções, a qual está muito longe de me indenizar as perdas que a revolução e a universidade me causaram (documento n. 1); ela será ape-

24 Aix-les-Bains, em Savoie, a uns 100 km de Lyon.

25 Um dos principais representantes do Orleanismo.

26 Fim de frase pouco compreensível: Guillard parece querer dizer que espera que seja levado em conta, não somente sua carreira universitária, mas ainda dos anos 1794-99 durante os quais a Revolução o forçou a interromper suas atividades de professor.

27 Ele ganha 3000 F por ano. Ele receberá apenas uma parte dessa soma.

nas suficiente para as minhas despesas, as da minha esposa e a educação dos meus três filhos, dos quais um ainda não se estabeleceu. Vós não quereis, Senhor Ministro, deixar em um estado próximo da miséria o mais antigo inspetor da Academia da França, um funcionário pelo qual vós manifestastes estima, o qual, há muito tempo, teria sido mais do que inspetor, se ele pudesse decidir-se, como tantos outros, a importunar o poder, e fazer valer seus serviços em lugar de apenas se ocupar em prestá-los.²⁸

Eu ousa vos suplicar, além disso, me nomear reitor honorário da Academia de Lyon, ou inspetor geral honorário (como ocorreu com vários oficiais da Universidade), e de me manter membro do Conselho Acadêmico, a fim de que eu possa, enquanto conservar minhas forças, dedicá-las ainda a esse corpo do qual me honrarei sempre de ter feito parte.

Se não obtiver o resultado dos meus pedidos, eu vos suplico pela presente, Senhor Ministro, me permitir ir ao vosso encontro, e vos demonstrarei todas as evidências, das quais ficareis surpreso.

Com o meu mais profundo respeito,
Senhor Ministro,
Vosso humilde e obediente servidor

Guillard

Nota: O envio desses documentos teria sido feito sem mais tardar, caso não tivesse sido obrigado a procurá-los e autenticá-los.”

²⁸ Aparentemente, Guillard não se privou de solicitar o poder.